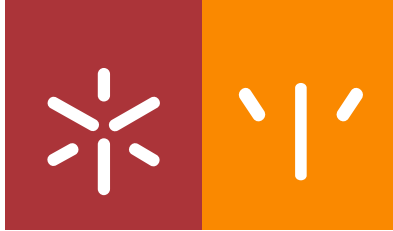




Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Licínio Zacarias José Zitha

**Organizações “Terroristas” em África:
Estudo de Caso de Al-Shabaab
em Moçambique**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Licínio Zacarias José Zitha

**Organizações “Terroristas” em África:
Estudo de Caso de Al-Shabaab
em Moçambique**

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Psicologia Aplicada

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves
e da
Professora Doutora Sónia Caridade

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Início por expressar a minha profunda gratidão a Deus, em nome do seu filho amado, Jesus Cristo, por me conceder a saúde e a espiritualidade necessárias para enfrentar e concluir esta jornada.

Um especial e eterno agradecimento ao Professor Rui Abrunhosa e à Professora Sónia Caridade, pela incansável disponibilidade, orientação e genuíno interesse em me guiar ao longo deste percurso. A vossa dedicação, incentivo e apoio constantes foram pilares fundamentais para que pudesse superar desafios e alcançar, com firmeza, esta etapa tão significativa.

Às Professoras Luísa Saavedra, Marlene Matos e Olga Cunha, expresso a minha sincera gratidão pela oportunidade de contribuírem para esta jornada académica, tornando o processo mais desafiante, mas igualmente enriquecedor e gratificante.

Aos membros da equipa de investigação – “Crime & Tech Violence Research Group”, o meu reconhecimento pela generosa partilha de conhecimentos, reflexões e experiências, que tanto contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal.

Gostaria de manifestar a minha mais profunda gratidão aos meus pais, Irene e José Zitha, pelo amor incondicional, pela proximidade constante e pelo apoio inabalável ao longo de toda esta caminhada. À minha companheira e pilar, Vera Costa, e aos meus filhos, que foram e continuarão a ser uma fonte inesgotável de força e inspiração. Aos meus irmãos, Vanda, Beth e Leo, agradeço pelo carinho, pela cumplicidade e pelo apoio sempre presente.

Dirijo também um agradecimento especial aos meus amigos e amigas que permaneceram ao meu lado, em particular ao Much Love, Paulo Gy, Manniga Dy, Maria Vale, General Marina e Gy Passarote, pelo apoio inestimável, pela amizade genuína e por estarem sempre prontos a escutar e aconselhar nos momentos mais difíceis.

A todos, o meu mais sincero e profundo obrigado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Organizações “Terroristas” em África: Estudo de Caso de Al-Shabaab em Moçambique

Resumo

A presente tese de doutoramento teve como objetivo investigar a prática de terrorismo em Moçambique, procurando identificar os fatores que influenciam a afiliação, permanência e desvinculação de indivíduos em grupos terroristas. Para tal, e tendo por base uma abordagem multifacetada e qualitativa, foram realizados três estudos. O primeiro estudo consistiu numa revisão sistemática, que compreendeu sete artigos, para identificar os fatores que influenciam a adesão e desvinculação, destacando o medo e a coação como fatores de pressão enquanto a propaganda ideológica os aliciamentos sobre promessa de benefícios financeiros foram identificados como fatores de atração. O segundo estudo, de cariz qualitativo, teve como foco o grupo Al-Shabaab, responsável por mais de 3.500 mortes entre 2017 e 2020. Foram realizadas entrevistas com onze condenados por práticas terroristas, os quais identificaram o aliciamento e coação como fatores para a adesão; o medo e dificuldades de reintegração para a permanência; a desilusão com o grupo e a eficácia das políticas antiterroristas foram apontadas como fatores determinantes para a desvinculação. O terceiro estudo, também de natureza qualitativa, focou-se nas perceções de dez magistrados sobre o combate ao terrorismo. Os magistrados definiram o terrorismo como um crime violento, discutiram as estratégias legais existentes e apontaram a necessidade de equilibrar as medidas de segurança com a proteção dos direitos humanos. Esta tese permitiu evidenciar a complexidade do terrorismo em Moçambique, destacando a necessidade de abordagens integradas para enfrentá-lo, como programas de desradicalização, políticas antiterroristas humanizadas e fortalecimento das estruturas de reintegração.

Palavras-chave: afiliação; desvinculação; magistrados; permanência; terrorismo.

“Terrorist” Organizations in Africa: Case Study of Al-Shabaab in Mozambique

Abstract

This doctoral thesis aimed to investigate the practice of terrorism in Mozambique, seeking to identify the factors that influence the affiliation, permanence and separation of individuals from terrorist groups. To this end, and based on a multifaceted and qualitative approach, three studies were carried out. The first study consisted of a systematic review that comprised seven articles, to identify the factors that influence adherence and disengagement, highlighting fear and coercion as push factors while ideological propaganda and enticements on the promise of financial benefits were identified as pull factors. attraction. The second study of qualitative nature, focused on the Al-Shabaab group, responsible for more than 3,500 deaths between 2017 and 2020. Interviews were carried out with eleven people convicted of terrorist practices, who identified grooming and coercion as factors for joining; the fear and difficulties of reintegration for permanence; Disappointment with the group and the effectiveness of anti-terrorism policies were identified as determining factors for disaffiliation. The third study, also qualitative in nature, focused on the perceptions of ten judges about the fight against terrorism. The judges defined terrorism as a violent crime, discussed existing legal strategies and the need to balance security measures with the protection of human rights. The thesis revealed the complexity of terrorism in Mozambique, highlighting the need for integrated approaches to confront it, such as de-radicalization programs, humanized anti-terrorism policies and strengthening reintegration structures.

Keywords: affiliation; disengagement; magistrates; permanence; terrorism.

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
Abreviaturas	ix
Índice de Figuras	x
Índice De Tabelas	xi
PARTE I: INTRODUÇÃO GERAL	1
Referências	18
PARTE II: ESTUDOS EMPÍRICOS	22
1. Recruitment, Affiliation, and Disengagement Among Men in Terrorist Organizations: A Systematic Review.....	23
2. Present Study.....	29
3. Methodology.....	30
3.1. Search Strategies	30
3.2. Data Extraction	31
3.3. Coding Procedures	31
3.4. Methodological Quality Analysis.....	31
4. Results	32
4.1. Included Studies	34
4.2. Quality Assessment	35
4.3. Characteristics of Studies Included.....	35
4.4. Main Outcomes	39
5. Discussion.....	45
6. Conclusions.....	51
References	55

2. Affiliation, Permanence, and Disengagement Factors to the Al-Shabaab Terrorist Group in Mozambique: An Exploratory Study	62
References	84
3. Práticas e estratégias legais no combate ao terrorismo em Moçambique: Perspetivas dos magistrados	89
3.1. Caracterização do terrorismo	101
3.2. Implicações do Terrorismo	102
3.3. Estratégias de Combate ao Terrorismo	104
Referências	112
DISCUSSÃO GERAL	115
CONCLUSÃO GERAL.....	120
References	123

Abreviaturas

FDS	Forças de Defesa e Segurança
KOMPAK	Komite Penanggulangan Krisis
MMAT	Mixed Methods Appraisal Tool
PRISMA	Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis
QA	Quality Assessment
TDS	Teoria Dialógica do Self
PIRA	Provisional Irish Republican Army
INLA	Irish National Liberation Army
DHKPC	Devrimci Halk Kurtuluş Partisi-Cephesi
PKK	Partiya Karkerên Kurdistanê
UTI	União dos Tribunais Islâmicos

Índice de Figuras

Figure 1. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses—flow diagram of the study selection process. Notes. Adapted from Moher et al. 2009.	32
--	----

Índice De Tabelas

Table 1. Study design and characteristics of the sample.	33
Table 2. Results for recruitment, permanence and disengagement.	36
Table 3. Push factors and pull factors influencing disengagement in terrorist organizations.	39
Table 4. Key findings of the systematic review.	52
Table 5. Implications for research, practice, and policy.	53
Table 6. Sociodemographic and legal characterization of the participants.	71
Table 7. <i>System of themes and sub-themes after data analysis</i>	75
Table 8. Year of joining the group and the process of joining: coercion and grooming strategies	77
Table 9. Caracterização sociodemográfica dos participantes	97
Table 10. <i>Sistema de temas e subtemas extraídos da análise das entrevistas</i>	100

PARTE I: INTRODUÇÃO GERAL

Introdução Geral

Nos últimos anos, a comunidade científica tem desenvolvido vários esforços no sentido de melhor analisar e compreender o funcionamento dos grupos terroristas, oferecendo informações valiosas sobre a letalidade, longevidade e outros atributos dessas organizações (Buzan, 2002). No entanto, como apontado por Phillips (2014), a discussão sobre o que caracteriza um “grupo terrorista” é escassa. A literatura neste domínio caracteriza-se pela ausência de uma definição precisa de terrorismo, existindo grande variação, o que contribui para a ausência de clareza, confusão conceptual e problemas na seleção das amostras, com inevitável impacto nas conclusões obtidas nos diferentes estudos conduzidos neste domínio (Phillips, 2014).

Segundo Young (2006), a palavra "terror" tem origem no latim "terrere", que significa "assustar", e entrou nos léxicos das línguas da Europa Ocidental através do francês no século XIV, sendo utilizada pela primeira vez em inglês em 1528. O termo "terrorismo" adquiriu uma conotação política durante a Revolução Francesa. A legislatura francesa, sob a liderança de Maximilien Robespierre, preocupada com a ameaça aristocrática ao governo revolucionário, ordenou a execução pública de 17.000 pessoas no que ficou conhecido como o "regime de la terreur", com o intuito de ensinar aos cidadãos a importância da virtude (Young, 2006). Tal como muitos outros termos e conceitos, o "terrorismo" pode ser praticado de diferentes formas e para diferentes fins (Saul & Di Filippo, 2014). Dada a sua natureza política e ideológica – frequentemente cruzada com aspetos étnicos, culturais e religiosos –, o terrorismo é um fenómeno que se revela extremamente difícil de definir e de conceptualizar. A polémica e o debate são uma constante nas discussões, dificultando o alcance de um consenso normativo necessário para estabelecer uma definição universal do termo (Ventura, 2024).

Em contextos de conflito, pode servir como uma ferramenta para desqualificar o adversário, seja este uma pessoa, uma organização, um grupo insurgente, um movimento de libertação nacional, um Estado ou até uma coligação de Estados (Saul & Di Filippo, 2014). Segundo Weinberg, Pedahzur e Hirsch-Hoeffler (2004), se a violência ocorrer a uma grande distância, num outro país, tende-se a usar uma terminologia mais eufemística; por outro lado, quando um ato semelhante acontece mais próximo, é frequentemente rotulado como terrorismo.

Concomitante, a história das transformações sociais e políticas em várias regiões demonstra que o "terrorista" de uma época pode, mais tarde, ser considerado um herói nacional. Neste sentido, figuras que, em determinado período, foram classificadas como terroristas ou criminosas podem vir a

ser percebidas como fundadoras de nações ou revolucionários num contexto cultural e histórico distinto (Saul & Di Filippo, 2014).

O terrorismo tem sido tratado e, conseqüentemente, definido de forma implícita em diferentes contextos, como crime, política, guerra, propaganda e religião. Dependendo do contexto adotado, certos aspetos são enfatizados, como a natureza criminosa e a violação de leis quando percebido como crime, ou o uso de violência com fins ideológicos, quando analisado pela política. Em contraste, outros aspetos podem ser ignorados, como as motivações religiosas ou o impacto psicológico sobre as populações, se uma única perspectiva for adotada (Schmid, 2004). De acordo com Ventura (2024), o terrorismo assumiu uma dimensão global, abandonando a característica maioritariamente local ou regional que o caracterizou durante décadas. Nos últimos anos, especialmente no último triénio, tem-se intensificado o debate em torno da radicalização e do recrutamento de terroristas, cuja base comum é, invariavelmente, o islamismo ou o extremismo islâmico.

Investigadores, analistas e observadores da temática têm-se debruçado sobre esta nova fenomenologia, produzindo uma vasta e diversificada literatura académica. Há consenso em reconhecer que, desde os ataques de 11 de setembro de 2001, o terrorismo islamita tem sido identificado como a mais séria ameaça à segurança e à defesa no mundo contemporâneo (Ventura, 2024).

De acordo com Lia (2004), as discussões sobre as causas do terrorismo são notoriamente polémicas, e focar apenas nas causas subjacentes, nos fatores motivacionais e nas reivindicações pode ser interpretado como uma tentativa de legitimar ou justificar a violência. Embora essas objeções possam, em alguns casos, ser justificadas, qualquer análise sobre o terrorismo e o seu possível desenvolvimento futuro deve basear-se numa avaliação das causas e, considerar, de forma imparcial, todos os fatores relevantes que influenciam a sua ocorrência e manifestação (Lia, 2004).

A literatura dedicada ao estudo do envolvimento e desvinculação em relação à violência motivada por razões políticas, frequentemente designada como terrorismo, bem como aos processos de radicalização e desradicalização, tem registado um crescimento exponencial nos últimos anos. Este aumento deve-se, em grande medida, aos acontecimentos de 11 de setembro, tendo sido reforçado no contexto atual de ataques conduzidos ou inspirados pelo Estado Islâmico (da Silva et al., 2018).

Além disso, a análise do contexto sociocultural e histórico onde o terrorismo é praticado é igualmente fundamental para melhor compreender deste fenómeno.

Contextualização sociocultural do Terrorismo em Moçambique

Considerando que os dados para a presente investigação foram recolhidos em Moçambique, é essencial apresentar uma contextualização detalhada do ambiente social e cultural do país. Compreender as especificidades socioculturais moçambicanas permitirá uma análise mais aprofundada dos dados e facilitará a interpretação dos resultados no seu contexto real, destacando as dinâmicas sociais, culturais e históricas que influenciam as interações e comportamentos observados.

De acordo com Morier-Genoud (2020), o primeiro ataque terrorista em Cabo Delgado ocorreu a 5 de outubro de 2017, na vila de Mocimboa da Praia. Segundo informação noticiada à época, reportagens, entrevistas e vídeos de jornalistas, a maioria dos insurgentes eram oriundos de Mocimboa da Praia e outros, eram de diferentes distritos de Cabo Delgado, e alguns tinham sotaque estrangeiro. Apesar disso, a maioria dos atacantes havia vivido na cidade antes do ataque, e muitos habitantes locais reconheceram-nos, referindo-se a eles como membros de uma seita religiosa chamada "Al-Shabaab" (Morier-Genoud, 2020).

Segundo Prah (2023), o Al-Shabaab, é um grupo extremista islâmico, que se formou no início dos anos 2000 como uma extensão da União dos Tribunais islâmicos da Somália — uma coligação de tribunais islâmicos que aplicava a Sharia com o objetivo de estabelecer um governo islâmico estável na Somália. O Al-Shabaab, movido por motivações supostamente religiosas, aproveitou-se da desordem social resultante da pobreza e da exclusão económica para recrutar diversos jovens da província de Cabo Delgado e áreas circundantes, alistando-os nas suas fileiras. Este grupo terrorista tirou partido da marginalização política, social e económica, bem como da falta de emprego em Cabo Delgado, para atrair e alistar vários jovens (Chongo, 2020). "Al-Shabaab," que significa "A Juventude" ou "Os Jovens" em árabe, atuava inicialmente como o braço armado da União dos Tribunais Islâmicos (UTI). Após a desarticulação da UTI, alguns membros radicais da sua ala jovem decidiram permanecer e reestruturar-se, formando assim uma organização independente que adotou métodos de guerra de guerrilha e ficou conhecida como Al-Shabaab (Hassan, 2023). O grupo teve como líder, ou "Amir", o Sheikh Mukhtar Abdirahman "Abu Zubeyr" - uma das figuras mais conhecidas e radicais do Shabaab. Os dirigentes do grupo manifestaram o desejo de criar um califado islâmico semelhante ao do regime talibã no Afeganistão, tudo para se compreender que os objetivos do Al-Shabaab ultrapassam as fronteiras da Somália (Hassan, 2023).

De acordo com Ventura (2024), o terrorismo de inspiração jihadista continua a ser uma das maiores ameaças à segurança mundial nos dias de hoje, representando uma forma de violência que ultrapassa fronteiras. As suas motivações estão ligadas a ideologias políticas e crenças religiosas. Entre

os seus principais objetivos estão a criação de regimes autoritários baseados em interpretações extremas da religião, a eliminação da democracia e das liberdades individuais, bem como a imposição de um califado e o derrube de governos que não se alinhem com a sua visão do Islão.

Alden e Chichava (2020) destacam que a limitada capacidade do Governo de Moçambique, tem tido um impacto negativo em várias áreas do nordeste do país. Em Cabo Delgado, prevalece um sentimento generalizado de marginalização e exclusão. Esta província enfrenta uma escassez significativa de infraestruturas de saúde e saneamento, e as escolas existentes são, em grande parte, insuficientes. Além disso, o desemprego, particularmente entre os jovens, é elevado. Segundo Alden e Chichava (2020), esta região ocupa frequentemente os últimos lugares entre as províncias moçambicanas. Dado este panorama, argumenta-se que as raízes da insurgência e dos conflitos em Cabo Delgado estão profundamente associadas ao desemprego crónico na região, situação que se agravou pelos efeitos devastadores das catástrofes naturais dos últimos anos. Neste contexto, é relevante notar que uma parte considerável dos membros e apoiantes do grupo insurgente é composta por jovens que se sentem marginalizados socioeconomicamente. Segundo Chongo (2020), a falta de uma educação adequada e a escassez de oportunidades de emprego formal têm facilitado o recrutamento para as fileiras insurgentes. Muitos dos jovens que se juntaram ao grupo Al-Shabaab provinham de famílias em situação vulnerável, com baixo nível socioeconómico. A maioria desses jovens estava desempregada e havia abandonado a escola, tendo frequentado apenas escolas corânicas.

Para Alden e Chichava (2020), o grupo Al-Shabaab, ao recrutar jovens em Mocimboa da Praia e outros distritos de Moçambique, oferecia mais do que uma ideologia, apresentando um novo sentido de pertença e uma alternativa social a jovens marginalizados e sem voz nas suas comunidades. Ao promover a jihad como uma forma de "extremismo correto", esses jovens começaram a ver o Islão como um meio de desafiar as autoridades locais, procurando estabelecer uma nova ordem social e política. Ao suprir necessidades emocionais como segurança, apoio e sentido de comunidade, o Al-Shabaab oferecia-lhes uma forma de contestar as lideranças tradicionais, incluindo as religiosas nas mesquitas locais. O grupo aproveitava-se da vulnerabilidade desses jovens, prometendo-lhes um estilo de vida que lhes daria mais significado e propósito.

Segundo Morier-Genoud (2020), em Moçambique, a seita teve origem no distrito de Balama em 2007, embora possa ter começado anteriormente em outra localidade. Um movimento similar terá surgido entre 1989 e 1990 no distrito de Nangade. Os seguidores dessa seita identificavam-se como

adeptos de Moisés, um profeta reconhecido na tradição muçulmana. Além disso, eles adotavam um estilo de vestuário que lembrava o dos membros do atual Al-Shabaab.

Para Habibe et al. (2019), em Mocímboa da Praia, o grupo Al-Shabaab concentrou os seus esforços de recrutamento tanto a nível local como internacional, especialmente na Tanzânia e na região dos Grandes Lagos. Entretanto muitos recrutas eram provenientes dos distritos costeiros das províncias de Cabo Delgado e Nampula, incluindo Mocímboa da Praia, Macomia, Memba, Nacala-a-Velha e Nacala-Porto. Parte desses indivíduos juntaram-se ao grupo com promessas de remuneração financeira, empregos e, em alguns casos, bolsas de estudo no estrangeiro.

O Al-Shabaab em Moçambique estruturou uma rede diversificada de recrutamento, utilizando laços familiares através de casamentos, redes informais de amigos, madraças, mesquitas, negócios nos mercados informais e algumas associações informais. Esses canais contribuíram para fortalecer a organização, facilitando o aliciamento de novos membros (Habibe et al., 2019).

O processo de recrutamento e radicalização para o terrorismo é complexo, envolvendo fatores pessoais, sociais e ideológicos. Este fenómeno não ocorre de forma isolada, mas é influenciado por várias circunstâncias, como queixas, redes sociais e exposição a ideologias (Hafez & Mullins, 2015). O recrutamento pode acontecer em diferentes contextos, como instituições religiosas, plataformas *online* ou espaços sociais, onde recrutadores e potenciais recrutas se encontram. Em certos casos, os próprios recrutas procuram estes grupos devido a sentimentos de injustiça ou insatisfação com a sociedade (Taarnby, 2003).

Vergani et al. (2020) argumentam que os fatores de pressão e os fatores de atração captam diferentes níveis de explicação da radicalização para o extremismo violento. Na realidade, os fatores de pressão, e os fatores de atração estão estreitamente inter-relacionados. Os fatores de pressão, que identificam as condições contextuais e estruturais, podem muitas vezes ser a causa principal dos fatores de atração. Por exemplo, as condições estruturais (como a pobreza) podem contribuir para o aumento dos fatores de atração (como os incentivos materiais ou a necessidade de pertencer a um grupo (Vergani et al., 2020). Os fatores de pressão e atração podem ser entendidos como manifestações de diferentes posições internas do indivíduo. Essas posições elaboram significados pessoais variados, que influenciam os processos de envolvimento ou afastamento, bem como de radicalização ou desradicalização, no contexto da violência política (da Silva et al., 2018).

Uma vez integrados em grupos terroristas, os indivíduos frequentemente evoluem de apoiantes ideológicos para participantes ativos. As motivações para se juntarem a estes grupos podem incluir a procura de proteção, prestígio ou um sentido de identidade social. No entanto, com o passar do tempo,

a desilusão, a insatisfação pessoal ou as mudanças nas circunstâncias de vida podem levar ao afastamento do terrorismo (Barrelle, 2015; Horgan, 2008).

A radicalização é um processo pelo qual as pessoas se tornam progressivamente mais inclinadas a recorrer a meios violentos contra membros de grupos externos ou contra alvos simbólicos, com o objetivo de provocar mudanças de comportamento ou alcançar metas políticas (Doosje et al., 2016). Adicionalmente, pode ser interpretada como um fenômeno composto por diversos processos que devem ser diferenciados de forma analítica, dado que parecem ser impulsionados por mecanismos distintos, seguir padrões variados e requerer uma compreensão enraizada no seu contexto social e político. Este último aspeto, em particular, exige uma análise mais aprofundada. O conceito de radicalização é frequentemente utilizado de forma a concentrar a atenção em “grupos radicais” ou em certos indivíduos considerados predispostos à radicalização, sugerindo que a origem da violência reside numa característica intrínseca a esses grupos e indivíduos, em vez de ser entendida como um produto de um conflito mais amplo ou de condições sociais e políticas específicas. No entanto, a radicalização pode ser mais produtivamente analisada como um processo de interação entre grupos violentos e o seu ambiente, ou como o resultado de interações entre atores mutuamente hostis (Della Porta & LaFree, 2012).

A desvinculação de grupos terroristas não significa necessariamente a rejeição total da ideologia extremista, mas sim o fim das atividades violentas. Os fatores que contribuem para este afastamento incluem conflitos internos, esgotamento ou desencanto com os métodos ou objetivos do grupo. Além disso, fatores externos, como ligações familiares ou oportunidades de uma vida mais estável, podem incentivar o abandono do grupo (Altier et al., 2017).

Com o passar do tempo, no entanto, os militantes podem começar a distanciar as suas identidades sociais da organização armada, sentindo-se frustrados, desmotivados e inseguros em relação ao seu compromisso. Esses sentimentos podem surgir devido ao desacordo com as decisões tomadas pela liderança, que são percecionadas como desvios dos objetivos inicialmente defendidos, como a escalada repentina da violência (da Silva et al., 2018).

Entretanto, Silva et al. (2018) afirmam que o indivíduo mesmo estando desvinculado de uma organização política violenta, pode continuar a concordar em apoiar a sua causa, atendendo que, os processos de transformação relacionados às trajetórias que envolvem tanto o ingresso como a desvinculação de uma organização armada, assim como aqueles que abrangem a radicalização e a desradicalização, revelam-se muitas das vezes extremamente complexos.

O termo "desradicalização" pode ser interpretado como a simples inversão dos processos de radicalização. Contudo, ainda mais do que a radicalização, este conceito padece de uma falta de precisão no que diz respeito aos processos reais que o compõem. Frequentemente, o que se procura não é tanto a inversão do fenómeno, mas antes a sua prevenção ou interrupção, ou seja, a não radicalização. Além disso, os elementos comportamentais e cognitivos envolvidos são, muitas vezes, insuficientemente diferenciados ou claramente definidos (Della Porta & LaFree, 2012).

Abordagens Explicativas do Terrorismo

Diversas abordagens explicativas têm contribuído significativamente para a compreensão do terrorismo. No entanto, dada a vertente mais psicológica da presente tese, serão apresentadas abordagens centradas no âmbito individual e nas questões mais sociais e ambientais. Segundo Crenshaw (1987), as abordagens psicológicas e individuais do terrorismo procuram compreender de que forma fatores internos e sociais influenciam o comportamento de pessoas envolvidas em atividades terroristas. Investigadores analisam traços de personalidade, experiências traumáticas, distúrbios mentais e motivações subjetivas, tais como sentimentos de marginalização e a busca por um propósito, que podem contribuir para os processos de radicalização (Borum, 2003). Adicionalmente, a necessidade de pertença a grupos com ideologias extremistas gera dinâmicas sociais onde o apoio mútuo e a validação reforçam o compromisso com ações violentas. Desta forma, estas abordagens examinam não só o perfil psicológico individual, mas também a influência do contexto social sobre a predisposição para o terrorismo, enfatizando a complexa interação entre fatores pessoais e o ambiente coletivo que favorece o extremismo.

A teoria da escolha racional de John von Neumann e Oskar Morgenstern originária da economia, visa entender de que forma alterações nas políticas — ou "regras do jogo" estabelecidas entre terroristas e governos — podem impactar o comportamento desses agentes. Esta teoria combina abordagens políticas com as reações individuais a essas políticas. A aplicação desta teoria permite analisar que os "benefícios" que impulsionam os terroristas nem sempre estão restritos a objetivos antigovernamentais explícitos, podendo envolver metas evidentes, como o martírio (Victoroff, 2005). Esta teoria permite ainda compreender as probabilidades de acção dos membros de um grupo em condições específicas. Na prática, isto significa que, para alguns terroristas, os ganhos simbólicos — como o reconhecimento da sua comunidade, o sentimento de dever cumprido ou até a promessa de recompensa numa vida após a morte — são motivos tão ou mais fortes do que a obtenção de mudanças políticas diretas (Victoroff, 2005).

Segundo Crenshaw (1987), na sua teoria organizacional, o comportamento terrorista resulta, frequentemente, das dinâmicas internas de uma organização, e não apenas das estratégias delineadas. Qualquer organização tem, como princípio fundamental, a sua própria sobrevivência, e os líderes procuram consolidar e fortalecer a sua posição, associando o seu sucesso ao êxito e ao reconhecimento alcançado pela organização. Para Crenshaw (1987), as recompensas oferecidas aos membros são cruciais para a manutenção da estrutura, ainda que nem sempre estejam diretamente relacionadas com os objetivos declarados pela organização. Em muitos casos, os indivíduos aderem a esses grupos não por um compromisso ideológico, mas para responder a necessidades pessoais, como o desejo de pertença, a obtenção de estatuto social, a busca de camaradagem ou, até, de benefícios materiais.

A imagem convencional do terrorista como alguém movido exclusivamente por uma causa política tende a esconder motivações bem mais complexas. Em certos contextos, a adesão a uma organização clandestina pode conferir prestígio social, traduzindo-se num respeito adicional por parte de pares e familiares. Nos casos de movimentos nacionalistas ou separatistas, o apoio popular aos objetivos da organização, ainda que sem aceitar os seus métodos, pode também incentivar o envolvimento. Em democracias liberais, alguns terroristas identificam-se com as causas de grupos estrangeiros, interpretando as suas ações como uma extensão das lutas históricas de figuras consideradas heroicas. A juventude de muitos destes indivíduos influencia, igualmente, estas escolhas, que podem representar mais um ato de contestação social do que um verdadeiro compromisso político. As organizações oferecem incentivos que combinam, frequentemente, benefícios intangíveis, como um sentido de pertença e solidariedade, e ajustam-se conforme necessário para manter os membros motivados e comprometidos. Esta análise revela, assim, que o fenómeno do terrorismo é complexo e enraizado em diversas camadas de motivações pessoais e contextuais, indo muito além da ideia simplista de uma causa única ou de uma adesão ideológica rígida (Crenshaw, 1987).

Outra abordagem explicativa do terrorismo, é a privação relativa. Segundo os autores King e Taylor (2011), o conceito de privação relativa surgiu através de um estudo realizado durante a Segunda Guerra Mundial, que analisava as atitudes dos militares norte-americanos. Os investigadores utilizaram este conceito para entender o descontentamento específico observado entre algumas das tropas. O inquérito revelou que, embora o número de promoções na força aérea fosse significativamente mais alto do que na polícia militar, era precisamente na força aérea que mais militares manifestavam insatisfação em relação à falta de promoções, ao contrário do que sucedia na polícia militar. Este descontentamento foi atribuído ao valor que as promoções assumiam dentro da força aérea: para

aqueles que não avançaram na carreira, as promoções constantes funcionavam como lembrete da sua própria estagnação. Assim, o moral das tropas era determinado não pela qualidade absoluta das suas condições, mas sim pela comparação entre estas e as condições de outros grupos. A privação relativa é apontada como um dos fatores iniciais no processo de radicalização, uma vez que as pessoas experienciam sentimentos de privação relativa ao comparar as suas condições com as de outros grupos e, desse modo, encaram a situação do seu próprio grupo como desfavorecida ou injusta (Borum, 2003). Por exemplo, a privação relativa a nível individual tende a associar-se a emoções mais internas, como a baixa autoestima, comportamentos delinquentes e depressão. Esta experiência de privação relativa é subjetiva, resultante de comparações sociais e não de uma avaliação objetiva das circunstâncias. É a percepção de privação – e não a privação em si – que pode motivar uma pessoa a agir. Como a privação relativa é um estado psicológico subjetivo, independente da posição socioeconómica da pessoa, não deve ser ignorada como um possível fator que pode contribuir para a radicalização (King & Taylor, 2011).

Moghaddam (2005), por sua vez, para alcançar uma compreensão mais aprofundada sobre o terrorismo, utiliza a metáfora de uma escada estreita que conduz ao ato terrorista situado no topo de um edifício. A característica essencial desta situação não reside apenas no número real de andares, escadas e divisões, mas também na forma como cada indivíduo perceciona o edifício e as portas que considera estarem ao seu alcance. À medida que sobem essas escadas, as pessoas vislumbram cada vez menos escolhas, até que a única saída possível se torna a destruição dos outros, de si próprio, ou de ambos. Assim, no rés-do-chão, o indivíduo revela uma abertura para adotar ideologias que surgem da sua busca ativa por identidade. Neste nível, as percepções de justiça e equidade são variáveis cruciais para refletir sobre as condições materiais da sociedade. Assim, o indivíduo pode perceber que ele próprio e o grupo ao qual pertence — seja de natureza étnica, religiosa, política ou profissional — não usufruem das mesmas vantagens e privilégios que outros grupos (Sousa Lourenço, 2023). Segundo Moghaddam (2005), nas últimas décadas, o crescimento acelerado das expectativas, impulsionado pela exposição a imagens de riqueza e de estilos de vida democráticos transmitidos pelos meios de comunicação internacionais, tem alimentado sentimentos de privação entre vastas populações, especialmente na Ásia, África e em partes da Europa Oriental. Esta onda de frustração e indignação tem fomentado uma maior simpatia pelas táticas extremistas entre vastas comunidades nessas regiões. Anualmente, muitos dos que se sentem tratados com injustiça são levados a explorar caminhos alternativos, por vezes desesperados e radicais, na tentativa de resolver as suas queixas. No primeiro degrau ocorre uma perda considerável de esperança, nesta fase, o avanço do indivíduo para o

próximo nível pode ser travado caso tenha acesso a meios legítimos que permitam influenciar positivamente a situação do seu grupo e abordar a injustiça sentida de forma válida, como através de processos judiciais ou democráticos. No entanto, se estas alternativas não estiverem disponíveis, o aumento gradual do sentimento de injustiça poderá motivar a passagem ao degrau seguinte (Sousa Lourenço, 2023). O segundo degrau envolve a interiorização de uma ideologia radical. Neste estágio, alguns indivíduos passam a considerar que as injustiças que enfrentam não podem ser resolvidas por meios legítimos, o que leva à criação de uma nova moralidade e à culpabilização de um grupo externo pela sua situação. Ao acentuar a sua oposição a esse grupo e avaliá-lo como privilegiado, desenvolvem a mentalidade de “nós contra eles” e justificam a utilização da violência como moralmente aceitável (Sousa Lourenço, 2023). O terceiro degrau abrange a adoção de comportamentos desviantes, o isolamento e a revolta em relação a grupos externos, enquanto o indivíduo continua a viver em comunidade. É precisamente neste nível que se vai formando, progressivamente, um compromisso moral com uma organização terrorista. O indivíduo começa a acreditar que todos os meios são válidos para alcançar uma sociedade justa e ideal, interiorizando a crença de que a ação terrorista é uma solução legítima e aceitável para um fim necessário (Sousa Lourenço, 2023). No quarto degrau, neste nível avançado da progressão, a probabilidade de detenção do indivíduo e de intervenção por parte da comunidade torna-se praticamente inexistente, resultando, assim, num aumento significativo do risco de ocorrência de ataques terroristas (Sousa Lourenço, 2023). Por fim, no quinto degrau, o indivíduo — que pode ser um lobo solitário ou um membro de um grupo organizado — categoriza os restantes membros da sociedade como “os outros” e considera a violência dirigida a eles como justificável. Esses atos terroristas são perpetrados através da evitação dos mecanismos normativos inibitórios que normalmente impedem o prejuízo a terceiros, como a empatia. A rapidez com que um ato terrorista é realizado dificulta o estabelecimento de qualquer ligação emocional com as suas vítimas, reforçando, na mente do perpetrador, a ideia de que essa ação é dirigida contra uma população inimiga (Sousa Lourenço, 2023).

A Teoria Dialógica do *Self* (TDS) foi profundamente influenciada pelos estudos de William James (1890) e representa uma abordagem relativamente recente no debate sobre a (des)radicalização. O conceito central usado por esta teoria é o de questionar as pessoas sobre o que consideram importante nas suas vidas e os significados que atribuem ao passado, presente e às suas expectativas para o futuro (Wijsen & Hermans, 2020).

De acordo com Piotr Oleś (2020), a TDS apresenta uma perspetiva inovadora para compreender a radicalização e a desradicalização como processos interligados à transformação do *self*.

No processo de desradicalização, assim como na radicalização, ocorre uma reorganização profunda do self, que implica alterações estruturais nas posições do eu, além de mudanças funcionais que permitem recuperar as capacidades polifônicas e dialógicas do *self*. A transformação estrutural exige o surgimento de novas posições-do-eu que substituam as anteriores, aquelas que antes dominavam. Estas novas posições devem ser ao mesmo tempo fortes e suficientemente adaptáveis para poderem desempenhar o papel de impulsionadoras da mudança. Em termos práticos, isso implica diminuir a relevância e a influência das posições-do-eu previamente dominantes, enquanto se reforça a importância e o impacto das novas posições. Para que isso aconteça, é essencial que estas novas posições estejam abertas a novas experiências, demonstrem tolerância e se mostrem dispostas ao diálogo, tanto interno como externo (Olés, 2020). A predisposição para a radicalização está associada a um baixo equilíbrio entre gratificação e frustração. Por outro lado, a desradicalização torna-se possível quando esse equilíbrio é invertido, atingindo um ponto em que a gratificação supera a frustração. A sensação de segurança, tanto ao nível individual como no seio de um grupo, contribui para suavizar a influência negativa de figuras, grupos ou ideologias alternativas (Oleś, 2020).

Bandura (2006), apresentou o conceito de desengajamento moral para explicar como as pessoas podem justificar a realização de atos antissociais sem sentirem culpa ou enfrentarem censura. O termo "desengajamento" sublinha a capacidade do indivíduo de se afastar dos seus próprios princípios morais, permitindo-lhe adotar comportamentos antissociais de forma deliberada, sem autocritica (Iglesias, 2008). Ainda segundo Bandura (2006), o terrorismo é definido como uma estratégia de violência destinada a alcançar determinados objetivos, destacando-se pela sua capacidade de instaurar o medo entre a população. A frieza exigida para o indivíduo atuar em locais de aglomerado populacional — exige um treino psicológico intensivo em desengajamento moral. Este treino é geralmente realizado num ambiente isolado do contexto social comum, proporcionando uma profunda imersão na ideologia. Assim, as diversas dimensões do desengajamento moral são trabalhadas gradualmente, reduzindo o nível de autocensura dos indivíduos, que acabam por ser capazes de executar ações terroristas de forma intencional, sem autocritica.

A teoria dos movimentos sociais, destacada por Karl Marx e Friedrich Engels, tem sido uma abordagem útil na compreensão do terrorismo. Beck (2008) explora esta relação, mostrando como a teoria dos movimentos sociais pode ajudar a compreender o terrorismo, ao evidenciar várias semelhanças, especialmente nos aspetos de radicalização, repressão e ciclos de contestação. Estudos nesta área enriquecem a teoria dos movimentos sociais, sobretudo na análise das redes e na compreensão das dinâmicas transnacionais. Através desta análise, o terrorismo pode ser visto como

uma forma de política contenciosa, na qual a mobilização de recursos, as oportunidades políticas e o enquadramento são elementos essenciais para entender a sua dinâmica, organização e capacidade de mobilização (Beck, 2008, p. 1565).

Segundo Beck (2008), embora os grupos terroristas apresentem particularidades próprias, partilham dinâmicas e desafios organizacionais similares aos dos movimentos sociais. Estes grupos não atuam de forma aleatória; antes, situam-se num contexto político e social mais abrangente, estruturando as suas ações com base em oportunidades políticas e condições externas favoráveis. Tal como acontece nos movimentos sociais, muitos grupos terroristas organizam-se em torno de um núcleo profissionalizado, que lidera as operações, aloca recursos e orienta a base de apoiantes. A identidade coletiva e o enquadramento são igualmente fundamentais. Os grupos terroristas constroem uma identidade comum que legitima as suas ações violentas e articula os seus objetivos, de forma semelhante ao processo de construção de identidade coletiva em movimentos sociais. Este enquadramento possibilita que os militantes percebam as suas ações como respostas justificáveis a situações de opressão, reforçando o compromisso dos membros e facilitando o recrutamento de novos apoiantes.

Adicionalmente, muitos grupos terroristas operam em redes descentralizadas ou células semi-autónomas ligadas de forma informal, o que lhes proporciona flexibilidade e resiliência. Esta estrutura em rede facilita a retenção de membros e o recrutamento de novos, pois todos partilham uma visão comum sem uma hierarquia rígida. Tal como acontece com os movimentos sociais, os grupos terroristas não se formam apenas pela capacidade de mobilizar recursos, mas também porque encontram condições políticas e sociais propícias à sua atuação. A repressão estatal, por exemplo, pode intensificar o ciclo de militância e radicalização, funcionando como um incentivo adicional para a sua ação. A violência política promovida pelos grupos terroristas gera um impacto mais amplo do que as campanhas específicas, influenciando políticas nacionais e internacionais e levando a respostas repressivas que, por vezes, reforçam o ciclo de radicalização (Beck, 2008).

Concluindo, as abordagens psicológicas e sociais oferecem uma visão aprofundada sobre o fenómeno do terrorismo, evidenciando a complexa interação entre fatores internos e contextuais que influenciam o comportamento de indivíduos radicalizados. A análise de traços de personalidade, experiências traumáticas e perturbações psicológicas, juntamente com a compreensão das dinâmicas de grupo e da necessidade de pertença, ajuda a esclarecer os caminhos que levam à radicalização e ao envolvimento em atos extremistas. Esta perspetiva integrada sublinha a importância de considerar tanto

as características individuais como o contexto social para entender as motivações e a perpetuação do terrorismo, contribuindo para estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes.

Estrutura da Presente Tese

Apesar da ausência de uma definição jurídica universalmente acordada de terrorismo, é altamente desejável que se desenvolva uma resposta internacional eficaz e voltada para a prevenção desse fenómeno. Tal resposta deve ser guiada por um quadro jurídico normativo que respeite os princípios fundamentais do Estado de Direito, assegure um processo equitativo e proteja os direitos humanos. Somente com uma abordagem baseada nesses pilares será possível enfrentar o terrorismo de forma justa, equilibrada e sustentável a longo prazo (United Nations, 2018).

Compreender os processos de recrutamento, permanência e desvinculação é essencial para criar estratégias eficazes de prevenção e combate ao terrorismo. Para isso, é necessário lidar não só com os sintomas do terrorismo, mas também com as suas causas profundas, como as desigualdades socioeconómicas, queixas políticas e a busca por identidade e pertença (Horgan, 2008; Richards, 2014).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo geral, compreender o significado e as implicações dos ataques do grupo Al-Shabab em Moçambique, bem como as respostas legais existentes. Para tal, propõe investigar os fatores de afiliação, recrutamento, permanência e desvinculação, bem como a perceção dos magistrados ligadas ao tratamento do terrorismo em Moçambique. É importante explicar que o título da tese acabou por divergir ligeiramente, já que, embora aborde organizações terroristas em África, o foco principal recaiu sobre o Al-Shabaab, uma organização terrorista que tem origem na Somália e opera também em Moçambique.

Em primeiro lugar, o projeto foi enviado à Comissão de Ética da Universidade do Minho, tendo sido obtido um parecer favorável (CEICSH 050/2022).

A metodologia principal usada foi a qualitativa na medida em que possibilita explorar em profundidade este fenómeno complexo que é o terrorismo em Moçambique, permitindo uma melhor captação das perceções e experiências subjetivas.

Esta abordagem qualitativa, revelou-se particularmente eficaz para elucidar nuances relacionadas com as experiências pessoais dos entrevistados, que dizem respeito ao aliciamento, a pressão exercida pelo medo e os desafios associados à reintegração.

Ao possibilitar uma análise aprofundada e interpretativa, a metodologia qualitativa, sustentada na análise temática, forneceu contributos valiosos e contextualmente relevantes para a formulação de

estratégias de intervenção ajustadas às especificidades locais. Entre estas, destacam-se recomendações práticas, como a implementação de programas de reintegração, campanhas educativas para desconstruir narrativas terroristas e a criação de estratégias de apoio confidenciais para desertores, contribuindo para propostas mais eficazes e adaptadas à realidade moçambicana.

A presente tese, ao adotar esta abordagem, captou a complexidade do terrorismo em Moçambique, analisando fatores interligados e propondo medidas integradas e multidisciplinares nas dimensões social, legal e militar.

Esta tese está estruturada por uma introdução geral, uma contextualização socio cultural, abordagens explicativas sobre o terrorismo, três artigos e no final uma conclusão geral. O primeiro estudo é uma revisão sistemática, o segundo estudo empírico, foi dirigido aos indivíduos em cumprimento de pena pela prática do crime de terrorismo e o terceiro também empírico direcionado aos magistrados. O primeiro capítulo, “Recrutamento, afiliação e desvinculação entre homens em organizações terroristas” consiste numa revisão sistemática da literatura entre os anos 2014 e 2022, que serviu de embasamento para o segundo artigo empírico que retrata os mesmos fatores no grupo Al-Shabaab no norte de Moçambique (Cabo Delgado).

O principal objetivo desta revisão sistemática foi identificar os fatores associados ao recrutamento, à afiliação e à desvinculação dos indivíduos dos grupos terroristas, com especial atenção para o processo de permanência, uma vez que o papel a desempenhar, pode levar com que os indivíduos permanecem ligados aos grupos terroristas.

A revisão sistemática tem como questão de Investigação: “Que fatores estão associados ao recrutamento, afiliação e desvinculação entre homens em organizações terroristas?”

Os principais resultados desta sistematização destacam os fatores de pressão e os fatores de atração como fatores que impactam diretamente o processo que inicia no recrutamento até a desvinculação em grupos terroristas. A afiliação esta associada ao papel que o individuo poderá desempenhar dentro do grupo e seus fatores de risco.

O segundo capítulo, “Fatores de Afiliação, Permanência e Desvinculação do Grupo Terrorista Al-Shabaab em Moçambique: Um Estudo Exploratório”, Este estudo qualitativo, realizado numa prisão em Moçambique, tem como objetivo compreender a filiação, permanência e desvinculação dos membros do Al-Shabaab em Moçambique. O estudo contou com 11 participantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 76 anos, condenados e presos pelo crime de terrorismo em Moçambique, que responderam a uma entrevista aprofundada.

Este estudo, de natureza qualitativa, tem como questão de Investigação: *“Quais os fatores associados à adesão, permanência e a desvinculação do grupo terrorista no norte de Moçambique?”*

Os principais resultados deste estudo destacam uma combinação de fatores sociais, económicos e psicológicos que influenciam o recrutamento e a permanência em grupos terroristas. Muitos indivíduos são aliciados por amigos ou familiares já radicalizados, que exploram vulnerabilidades pessoais para facilitar a adesão. Noutros casos, a coação através de violência e rapto, assim como a manipulação de conceitos religiosos, como a “Jihad”, são usados para justificar e legitimar a participação em atividades violentas.

A permanência no grupo é frequentemente garantida pelo medo de represálias e pelas dificuldades de reintegração na sociedade para aqueles que tentam sair. A desilusão com os líderes e as limitações impostas pelas autoridades policiais podem incentivar o afastamento, embora o estigma e a incerteza quanto ao futuro compliquem o processo de desvinculação. Este estudo confirma que a adesão e a desvinculação de grupos terroristas constituem processos complexos, onde fatores individuais e sociais interagem e influenciam profundamente as decisões dos envolvidos.

O terceiro capítulo, “Práticas e estratégias legais no combate ao terrorismo em Moçambique: Perspetivas dos magistrados” Este estudo qualitativo tem como objetivo analisar a perspetiva dos magistrados sobre as práticas adotadas no combate ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique. Foram entrevistados 10 participantes (magistrados), com idades compreendidas entre os 30 a 55 anos.

Este estudo, de natureza qualitativa, tem como questão de Investigação: *“Quais os perspetivas dos magistrados sobre as práticas adotadas no combate ao terrorismo no norte de Moçambique?”*

Os principais resultados indicam que os participantes percebem o terrorismo como um crime violento que afeta civis e militares, gerando deslocamentos populacionais em larga escala, retração de investimentos e uma necessidade contínua de adaptação legislativa. As estratégias de combate ao terrorismo apontadas incluem a intervenção da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique, o uso de drones, a capacitação permanente dos magistrados e das Forças de Defesa e Segurança (FDS), além da implementação de programas de desradicalização.

Os participantes destacaram também o papel crucial do direito penal na luta contra o terrorismo, alertando para o risco de punições desproporcionadas e de violações dos direitos humanos.

Nas “Conclusões Gerais” desta tese, são apresentadas reflexões sobre os fatores que influenciam a afiliação, a permanência e a desvinculação de indivíduos em organizações terroristas, tanto em geral como no contexto específico de Moçambique. São abordados os desafios que os

magistrados enfrentam no combate ao terrorismo, assim como as implicações e os impactos deste fenómeno. O capítulo também reforça a importância das medidas de contraterrorismo, analisando desde os programas de intervenção social, orientados para a dissuasão, até as intervenções militares, e destacando os desafios inerentes a cada uma destas abordagens.

Referências

- Alden, C., & Chichava, S. (2020). *Cabo Delgado e a ascensão do islamismo militante: outro delta do Níger em formação?* SAAIA Policy Briefing. <https://saiaa.org.za/research/cabo-delgado-and-the-rise-of-militant-islam-another-niger-delta-in-the-making>
- Bandura, A. (2006). Training in terrorism through selective moral disengagement. In J. F. Forest (Ed.), *The making of a terrorist: Recruitment, training and root causes* (Vol. 2, pp. 34-50). Westport, CT: Praeger.
- Beck, C. J. (2008). The contribution of social movement theory to understanding terrorism. *Sociology Compass*, 2(5), 1565–1581. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2008.00148.x>
- Borum, R. (2003). *Understanding the terrorist mind-set*. Washington, DC: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/e318402004-002>
- Borum, R. (2004). *Psychology of terrorism*. Department of Mental Health Law & Policy, University of South Florida.
- Buzan, B. (2002). As implicações do 11 de Setembro para o estudo das relações internacionais. *Contexto Internacional*, 24(2). <https://doi.org/10.1590/S0102-85292002000200001>
- Chongo, D. (2020). *A radicalização islâmica em Moçambique: Um desafio à actual política do Estado no combate aos insurgentes em Cabo Delgado*. Maputo.
- Crenshaw, M. (1987). Theories of terrorism: Instrumental and organizational approaches. *Journal of Strategic Studies*, 10(4), 13–31. <https://doi.org/10.1080/01402398708437313>
- da Silva, R., Fernández-Navarro, P., Gonçalves, M. M., Rosa, C., & Silva, J. (2018). Disengagement from political violence and deradicalisation: A narrative-dialogical perspective. *Studies in Conflict & Terrorism*. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2018.1452709>
- Della Porta, D., & LaFree, G. (2012). Guest Editorial: Processes of Radicalization and De-Radicalization. *International Journal of Conflict and Violence*, 6(1), 4–10. <https://doi.org/10.4119/ijcv-2926>

- Doosje, B., Moghaddam, F. M., Kruglanski, A. W., de Wolf, A., Mann, L., & Feddes, A. R. (2016). Terrorism, radicalization and de-radicalization. *Current Opinion in Psychology*, 11, 79–84. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.06.008>
- Habibe, S., Forquilha, S., & Pereira, J. (2019). *Radicalização islâmica no norte de Moçambique: O caso de Mocimboa da Praia*. Cadernos IESE, (17). ISBN 978-989-8464-43-9
- Hassan, M. R. (2023). *Unveiling Al-Shabaab: A comprehensive analysis of evolution and influence*. *International Research Journal of Nature Science and Technology (IRJNST)*, 5(6), 2581-9038.
- Hudson, R. A. (2018). *The psychology and sociology of terrorism*. (1ª ed. Skyhorse). Skyhorse Publishing
- Iglesias, F. (2008). Desengajamento moral. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro (Org.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp. 165-176). Porto Alegre: Artes Médicas.
- King, M., & Taylor, D. M. (2011). The radicalization of homegrown jihadists: A review of theoretical models and social psychological evidence. *Terrorism and Political Violence*, 23(4), 602–622. <https://doi.org/10.1080/09546553.2011.587064>
- Lia, B. (2004). *Causes of terrorism: An expanded and updated review of the literature* (Report No. FFI/RAPPORT-2004/04307). <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3776.6882>
- Meneghetti, F. K. (2018). Organizações totalitárias: Modus operandi e fundamentos. *RAC*, 22(6), 841-858. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170358>
- Moghaddam, F. M. (2005). The staircase to terrorism: A psychological exploration. *The American Psychologist*, 60(2), 161–169. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.2.161>
- Morier-Genoud, E. (2020). The jihadi insurgency in Mozambique: Origins, nature and beginning. *Journal of Eastern African Studies*. <https://doi.org/10.1080/17531055.2020.1789271>
- Oleś, P. (2020). Towards dialogical models of radicalization and de-radicalization. *Journal of Constructivist Psychology*. <https://doi.org/10.1080/10720537.2019.1676337>
- Özeren, S., Sever, M., Yilmaz, K., & Sözer, A. (2014). Whom do they recruit? Profiling and recruitment in the PKK/KCK. *Studies in Conflict & Terrorism*, 37(4), 322-347. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.879381>

- Phillips, B. J. (2014). What is a terrorist group? Conceptual issues and empirical implications. *Terrorism and Political Violence*, 27(2), 225–242. <https://doi.org/10.1080/09546553.2013.800048>
- Piccinni, A., Marazziti, D., & Veltri, A. (2018). Psychopathology of terrorists. *CNS Spectrums*, 23(2), 141-144. <https://doi.org/10.1017/S1092852917000645>
- Prah, P. K. W. (2023). *From Somalia with Love: Unveiling Al-Shabaab's recruitment strategies, power projection, and the Somali government's countermeasures*. Em *Global War on Terrorism - Revisited [Working Title]*. <https://doi.org/10.5772/intechopen.1002425>
- Prezelj, I., & Zalokar, L. (2023). Recruitment models and approaches of Islamist terrorist groups: The cases of al Qaeda and ISIS. *Cogent Social Sciences*, 10(1). <https://doi.org/10.1080/23311886.2023.2289873>
- Saul, B., & Di Filippo, M. (2014). The definition(s) of terrorism in international law. In B. Saul & M. Di Filippo (Eds.), *Research handbook on terrorism and international law* (Chapter 1). Edward Elgar Publishers. <https://doi.org/10.4337/9780857938817.00008>
- Schmid, A. P. (2004). Frameworks for conceptualising terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 16(2), 197-221. <https://doi.org/10.1080/09546550490483134>
- Sousa Lourenço, S. (2023). A psicologia do terrorismo: Causas, consequências e futuro da ameaça terrorista internacional. *Revista de Direito Law Journal, Faculdade de Direito — Universidade Lusófona*. Disponível em <https://revistas.ulusofoa.pt/index.php/delegibus>
- United Nations. (2018). *Introduction to international terrorism, education for justice: University module series (Counter-terrorism)*. Publishing and Library Section, United Nations Office at Vienna
- Ventura, J. P. (2024). *Terrorismo e crime organizado: Uma antologia de 30 anos de 20 textos*. Diário de Bordo. ISBN: 978-989-35436-3-4.
- Vergani, M., Iqbal, M., Ilbahar, E., & Barton, G. (2020). The Three Ps of Radicalization: Push, Pull and Personal. A systematic scoping review of the scientific evidence about radicalization into violent extremism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 43(10), 854–854. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2018.1505686>

- Victoroff, J. (2005). The mind of the terrorist: A review and critique of psychological approaches. *The Journal of Conflict Resolution*, 49(1), 3–42. <http://www.jstor.org/stable/30045097>
- Weinberg, L., Pedahzur, A., & Hirsch-Hoeffler, S. (2004). The challenges of conceptualizing terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 16(4), 777–794. <https://doi.org/10.1080/095465590899768>
- Wijzen, F., & Hermans, H. J. M. (2020). Editors' introduction: Radicalization and deradicalization from the perspective of dialogical self theory. *Journal of*
- Young, R. (2006). Defining terrorism: The evolution of terrorism as a legal concept in international law and its influence on definitions in domestic legislation. *Boston College International & Comparative Law Review*, 29(1), 23. <http://lawdigitalcommons.bc.edu/iclr/vol29/iss1/3>

PARTE II: ESTUDOS EMPÍRICOS

1. Recruitment, Affiliation, and Disengagement Among Men in Terrorist Organizations: A Systematic Review

Licínio Zacarias Zitha ^{1,*}, Marina Leonor Pinheiro ², Rui Abrunhosa Gonçalves ³ and Sónia Caridade ^{4,*}
Psychology Research Center, School of Psychology, University of Minho, 4710-057-Braga, Portugal *Soc. Sci.* 2024, *13*(11), 609; <https://doi.org/10.3390/socsci13110609> ¹

¹ The article references follow the guidelines of the journal Social Sciences (Chicago Author-date)

Abstract:

Recruitment, affiliation, and disengagement in the context of terrorist groups remain underexplored in a comprehensive, integrated manner. This systematic review is a pioneering effort to address this gap by synthesizing existing knowledge, aiming to analyze the entire trajectory of individuals within terrorist organizations—from recruitment to disengagement—thereby providing a foundation for guiding future research. Conducted through meticulous searches across three major databases—Academic Search Complete, SCOPUS, and the Web of Science Collection—our review followed a pre-registered protocol, ultimately identifying seven studies that met the inclusion criteria. These studies encompass qualitative, quantitative, and mixed-methods research published in peer-reviewed journals, and are accessible in English, Spanish, or Portuguese. Our analysis reveals the critical influence of push and pull factors across these phases, emphasizing that retention is predominantly shaped by individual roles within terrorist organizations and the impact of governmental amnesty policies. Diverging from existing segmented approaches, our findings highlight the importance of examining recruitment, retention, and disengagement as a continuous process to achieve a more comprehensive understanding of terrorist involvement. The insights derived from this study offer valuable guidance for counterterrorism strategies, suggesting interventions targeting recruitment, retention, and recidivism by addressing these crucial factors throughout the entire lifecycle of involvement in terrorist organizations.

Keywords: recruitment; affiliation; disengagement; terrorism; men

Introduction

Terrorism poses a complex global challenge, impacting multiple nations and leveraging online platforms to form groups and operate remotely (Saini and Bansal 2021). The lack of consensus on definitions of terms such as “radicalism” and “extremism” underscores the difficulty in understanding and effectively addressing the root causes of these phenomena (Borum 2011).

However, the existing literature lacks investigations that address in an integrated manner the processes of the recruitment, affiliation, and disengagement of individuals within terrorist groups, despite the importance of understanding the complete cycle of terrorist involvement to formulate more effective counterterrorism strategies. A shift towards focusing on violent radicalism has led to a deeper investigation into its origins. European Union member countries, for instance, have employed the concept of radicalization to understand why youth join terrorist groups (Breidlid 2021). This complexity in identifying the reasons behind radicalization complicates efforts to effectively counter global terrorism threats (Lia 2004; Yayla 2007). An impartial analysis of the causes of terrorism, considering all the relevant factors in an integrated manner, is essential. Understanding the processes underpinning terrorist acts is crucial for developing effective counterterrorism strategies (Sageman 2004). This understanding also aids in identifying factors that contribute to radicalization and, consequently, formulating strategies to prevent individuals from turning to terrorism (Schmid 2013).

Contrary to common assumptions, individuals who join terrorist groups come from diverse socioeconomic backgrounds and literacy levels, not solely from disadvantaged backgrounds or with low education (Lia 2004). Sageman (2004) notes that the process of joining terrorist groups predominantly involves young men, although women, in smaller numbers, also participate in these organizations. Hoffman (2006) emphasizes that terrorism is not confined to rich or poor countries; it occurs in modern, industrialized contexts and less developed areas. Terrorism can emerge during periods of transition or development, in former colonies and independent states, as well as in consolidated democracies or less democratic regimes (Hoffman 2006).

Stern and Berger (2015) argue that understanding the phenomenon of terrorism requires acknowledging this diversity of contexts. The authors stress that the heterogeneity of terrorism, with its various forms and specific causes, complicates the task of generalizing terrorism. Terrorism, as a crime, possesses distinctive characteristics, setting it apart from other criminal activities. Its extreme nature is manifested through the indiscriminate use of violence against civilians. Unlike most crimes committed by individuals, terrorism is typically supported by groups and motivated by political, social, or religious reasons (Agnew 2010).

The motivation for involvement and disengagement from terrorist groups is associated with both push and pull factors (Jones 2017). Push factors are linked to political, economic, and social issues, fostering a sense of injustice and discrimination. Conversely, pull factors create a sense of identification with a cause, group, or opportunity for heroism (Jones 2017).

1.1. Recruitment and Radicalization Process

Governments and their security agencies face significant pressure to detect and disrupt terrorists in the early stages of radicalization. In response, they encourage analysts to delineate the radicalization process, identify the social, economic, and political contexts that produce violent extremists, and understand the psychological states that lead ordinary individuals to engage in terrorist activities (Hafez and Mullins 2015).

Recruitment involves persuading individuals to engage in terrorist acts, either by directly committing offenses or by joining organizations that facilitate terrorist activities (Ozeren et al. 2018). This process can occur in various forms, commonly when a recruiter identifies a suitable candidate and convinces them to join the terrorist cause (Weisburd et al. 2022).

Recruitment strategies in terrorist organizations vary based on their ideological foundations, location, and goals (Yayla 2021). Recruits often initiate contact with recruiters, either randomly or due to a targeted interest in joining. Recruitment depends on the synchronization of recruiting efforts and prospective candidates at the right time and place. Various locations, including coffee shops, parks, religious institutions, and online platforms, serve as points of contact for at-risk individuals (Weisburd et al. 2022). Terrorist groups actively seek potential recruits, focusing on individuals with vulnerabilities and grievances that make them susceptible to recruitment (Ozeren et al. 2018).

Understanding the recruitment process is crucial for disrupting the continuity of terrorist networks. Effective intervention by authorities necessitates a comprehensive understanding of recruitment mechanisms, which could significantly impact the future capabilities of terrorist organizations if successfully disrupted (Yayla 2021). Despite past efforts to identify a “terrorist personality,” current research emphasizes characterizing the radicalization process, even without a conclusive model. Grievances, networks, and ideologies constitute parts of the radicalization model puzzle, yet a comprehensive roadmap for integrating these pieces remains elusive (Hafez and Mullins 2015).

Recruitment processes aim to reach and persuade as many individuals as possible to secure the organization’s future (Yayla 2021). These processes extend across various locations where potential recruits may be found, such as cafes, religious institutions, parks, and the Internet (Weisburd et al.

2022). Al-Qaeda, for instance, has detailed manuals outlining effective recruitment strategies (Yayla 2021). Recruitment may not always seek militants; it can also aim to broaden support by providing logistics and specialized knowledge (Yayla 2021).

In contrast to recruitment, radicalization involves behavioral and ideological transformations that legitimize violence for political goals (Ashour 2009). The transition from radicalization to terrorism encompasses three stages: the search for significance, the act of violence or terrorism, and the formation of convictions justifying violence (Kruglanski et al. 2014). Terrorists initially become extremists in their beliefs and, for various reasons, choose to pursue their goals through violence. This is logical, as terrorists are no more irrational or psychotic than the general population. All forms of action, from the least to the most violent, result from rational thought processes (Neumann 2013).

Radicalization is often defined as the adoption of an extremist worldview, rejected by mainstream society, that considers violence a legitimate means to promote social or political change. The consensus view generally converges on three fundamental elements to define radicalization: it is typically a gradual process; it involves socialization into an extremist belief system; and it prepares the ground for the possibility of violence (Hafez and Mullins 2015). The radicalization process spans individual, emotional, cognitive, social, and media dimensions (Leistedt 2016). Depending on what is considered acceptable, adopting certain beliefs or behaviors may be seen as radicalization. However, the term 'radical' is not always linked to extremism, nor does it necessarily imply a 'problem' needing study and solution (Neumann 2013).

While radicalization does not necessarily lead to terrorism, it serves as a crucial step toward violence, providing fertile ground for violent extremism and terrorism (Yayla 2021). Factors such as clashes with defense forces may motivate individuals with radical ideals to join terrorist groups, often with the support of friends or family (Kruglanski et al. 2014).

1.2 Affiliation and Disengagement in Terrorism Organization

Individuals moving from radicalization to terrorist groups typically seek moral justifications, viewing terrorism as a justified response to perceived injustices (Kruglanski et al. 2014). Joining a terrorist organization involves officially affiliating with a group that carries out terrorist acts, which may include active participation, financial support, training, or actions in support of the group's political or ideological objectives through violent or intimidating means (Crenshaw 2011).

Horgan (2008) proposes that understanding an individual's involvement in terrorist groups can be viewed as a psychological and behavioral progression comprising three phases. The initial phase involves adopting an ideology and joining a terrorist organization, endorsing the group's goals. The next

phase, engagement in terrorism, consists of two components: ongoing involvement in the group's activities, such as attending meetings and planning and participating in actual acts of terrorism, including logistical support, propaganda dissemination, and violent acts targeting civilians or government officials. The third phase is disengagement from terrorist activities, often driven by disillusionment with the group's objectives, personal stress, or a shift in beliefs. Disengagement typically involves gradually distancing oneself from the group and its activities. These phases depict a complex evolution that provides insight into terrorists' actions and mindsets.

Joining a terrorist group can result from various factors, including coercion, identity-seeking, seeking prestige, and motivations for protection. Satisfaction and push-pull factors influence individuals' decisions to either remain with or leave the group (Lachman et al. 2013). As individuals become disillusioned, pull factors such as family or stable career opportunities become more appealing. However, the process of transitioning from initial doubts to actual departure from the group is complex and may take time to unfold (Barrelle 2015).

Disengagement refers to the process by which individuals or groups cease to engage in terrorist activities. This can occur in various ways, including physically distancing oneself from the organization, ceasing to engage in terrorist acts, or disassociating ideologically from the group's objectives and methods. It does not necessarily signify a complete rejection of the ideology or goals of the group, but rather a cessation of active involvement in terrorist activities (Horgan 2008). Disengagement involves individual change, often prompted by dissatisfaction within the organization. Pull factors, such as aspirations related to family, act as incentives for change, pulling individuals toward more conventional social roles (Giordano et al. 2002). The decision to leave terrorism is multifaceted and highly individualized (Altier et al. 2017).

Factors influencing individuals' decisions to disengage from terrorist groups include both push and pull factors. Push factors involve negative aspects within the group that drive individuals away, such as disagreement with the group's strategy or actions, conflicts with leaders or members, frustrations with daily tasks, and burnout. These pressures increase the likelihood of terrorists opting to disengage (Altier et al. 2017). On the other hand, pull factors are positive incentives that attract individuals toward leaving a terrorist group, such as a desire for a stable family life, career opportunities, or a longing for a peaceful existence outside of terrorism. Some terrorists may experience a combination of push and pull factors, influencing their decisions to disengage or remain with the group (Horgan 2008).

Due to limited large-scale studies on disengagement across various terrorist groups and regions, there is no clear evidence on which push or pull factors are more likely to precipitate

disengagement on average within the terrorist population (Altier et al. 2017). Therefore, it is crucial to provide safe opportunities for disengaged individuals to explore their values and find new places in society to which they may want to belong. This can be facilitated through mediators, who in this case, would be other individuals with whom the person identifies at some level (Barrelle 2015).

2. Present Study

The evolving nature of terrorism, coupled with the adaptive strategies of terrorist organizations, underscores the need for a comprehensive understanding of the processes of recruitment, affiliation, and disengagement within these groups. This systematic review aims to address these critical phases as interconnected elements, focusing particularly on factors that contribute to retention. Recent literature reveals a dearth of studies that examine all three phases as a cohesive process, underscoring the need for targeted research to inform effective and differentiated counterterrorism strategies. It is essential to recognize the diverse sociopolitical, economic, and psychological contexts in which individuals engage in terrorism. An integrated perspective, which considers the broad spectrum of factors that influence terrorism, allows for a more complete approach to combating this global threat, addressing both its immediate impacts and its root causes. Therefore, with this research, we intend to fill existing research gaps, synthesizing recent studies throughout these phases, and providing information on the continuum from recruitment to separation. The limited scope of studies examining these phases simultaneously emphasizes the need for more research into the dynamics of retention, focusing specifically on what drives sustained engagement and the factors that lead to attrition. This knowledge is vital for developing comprehensive counterterrorism strategies that address both entry and exit, ultimately strengthening the foundations for effective policies and interventions.

Studies indicate that the majority of individuals involved in terrorism are men (Younas and Sandler 2017). Therefore, a focused analysis of male participants allows for a more specific exploration of the factors influencing recruitment, affiliation, and disengagement. Gender dynamics within terrorism reveal unique motives, roles, and experiences for men and women (Duriesmith and Ismail 2022). For example, in certain communities, traditional gender roles and socioeconomic disparities—particularly prevalent in African contexts—can make men disproportionately vulnerable to recruitment (Nyamnjoh 2017). By examining male-specific sociocultural roles and economic pressures, this review provides a more targeted perspective on the pathways into and out of terrorist engagement, ultimately contributing to the development of gender-informed, context-sensitive counter-terrorism policies and interventions.

3. Methodology

The present systematic review was conducted according to the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) guidelines (Moher et al. 2009). Only the studies that utilized empirical methodology and complied with the PICOS strategy (Participants, Intervention/Exposure, Comparison, Outcome, and Study Design) were included in this systematic review. Thus, the studies that directly examined the process of recruitment, affiliation, and disengagement from terrorist groups in men were included.

The inclusion criteria were studies with (i) a focus on recruitment, affiliation, and disengagement from terrorist groups in men, (ii) studies with cross-sectional or longitudinal designs, (iii) qualitative, quantitative, and mixed methods studies published in peer-reviewed journals, and (iv) studies written in English, Spanish or Portuguese.

3.1. Search Strategies

The search in the databases began in June and continued until November 2023. The studies with cross-sectional or longitudinal designs that explore the process of recruiting, remaining in, and quitting terrorism, and experimental and quantitative studies were eligible for inclusion. This systematic review also included studies based on hand-searching strategies that are considered important for this systematic review. The review protocol was registered with OSF (osf.io/np6f9).

Initially, different keywords and their combinations were defined, creating the following search equation: (("terrorism" OR "insurgency" OR "extremism" OR "radicalism") AND ("Terrorist" OR "extremist" OR "radicalise" OR "offender" OR "aggressor") AND ("recruit*" OR "enlistment" OR "conscription" OR "grooming" OR "member*" OR "join*" OR "adhe*" OR "permanence" OR "affiliation" OR "involvement" OR "alienated" OR "disengagement" OR "desistance" OR "leave" OR "deradicalization" OR "withdrawal")). This combination of keywords was used to run the search in several electronic databases: Academic Search Complet, SCOPUS, and Web of Science Collection. We limited our search to titles and abstracts, and English, Portuguese, and Spanish manuscripts.

3.2. Data Extraction

The citations extracted from the databases were imported into Rayyan, where duplicate articles were systematically removed. The titles and abstracts were carefully reviewed to assess whether the articles aligned with predetermined inclusion criteria. Those that met the criteria were read and examined in full to make a conclusive decision. Figure 1 illustrates the PRISMA flowchart, detailing the number of studies incorporated in each stage of the selection process, along with the justification for inclusion/exclusion.

3.3. Coding Procedures

A codebook was developed to extract data from all the included manuscripts on the following key characteristics: reference information (e.g., authors, year, country); type of study (e.g., qualitative, quantitative, or mixed); sample characteristics (e.g., size, group, ethnicity); topics under study (e.g., recruitment, affiliation, and disengagement); and main results. All the articles were coded independently by two researchers, with a third researcher to resolve possible differences between the evaluators. It should be noted that there were no conflicts in the researchers' decisions.

3.4. Methodological Quality Analysis

In carrying out this study and to reduce threats to the validity of the included studies, the Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT; Horgan et al. 2017) was used to assess the methodological quality. The MMAT functions as a tool to simultaneously assess and/or articulate studies incorporated into systematic mixed studies reviews, encompassing original qualitative, quantitative, and mixed methods studies. This instrument has proven indispensable in mitigating bias in the synthesis of evidence. The MMAT started with two screening questions and then five evaluation criteria for the different types of study design. Each criterion was classified as "Yes", "No" or "Can't tell", varying the quality score between 1 and 5. Two investigators independently assessed the methodological quality of the studies.

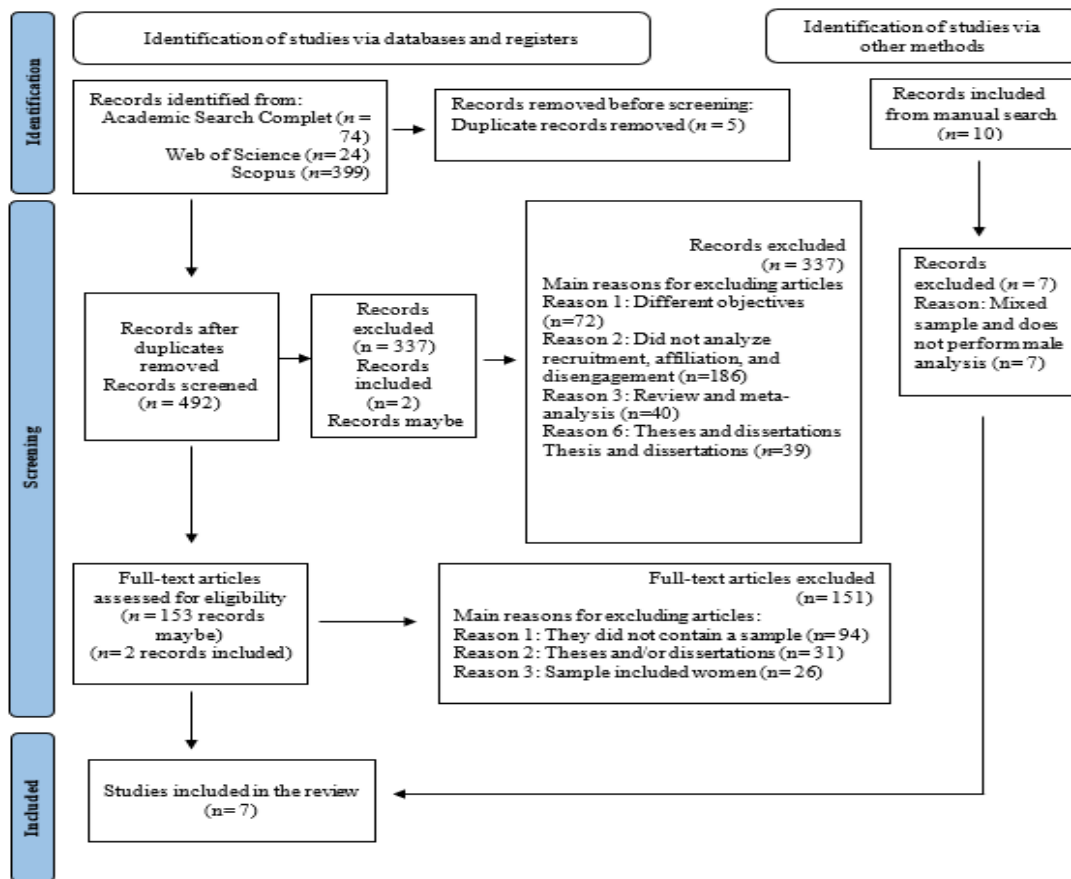


Figure 1. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses—flow diagram of the study selection process. Notes. Adapted from Moher et al. 2009.

4. Results

The results are presented in two separate tables. Table 1 presents a description of the characteristics of the studies included in this review.

Table 1. Study design and characteristics of the sample.

Study	Location	Design Type	Sample Characteristics				QA
			Size	Sex	Age	Sentences Radical Group	
Amble and Meleagrou- Hitchens (2014)	Kenya and Somalia	Qualitative	$n = 6$	Men		Al-Shabaab	3
Altier et al. (2020)	USA	Qualitative and Quantitative	G1: $n = 87$ G2: $n = 9$	Men	>18	PIRA, Palestinian Liberation Organization, Al- Fatah, Taliban, INLA, (GIA, Algeria)	4
Hwang (2015)	Indonesia	Qualitative	$n = 50$	Men		Jemaah Islamiyah, Tanah Runtuh, Mujahidin Kayamanya, Ring Banten	2
Karimi et al. (2022)	Iran	Qualitative	$n = 12$	Men		Salafist–Jihadist group in the Middle East	4
Kenney and Hwang (2020)	Britain and Indonesia	Qualitative	G1: $n = 58$	Men		al-Muhajiroun, Jemaah Islamiyah Muslims	4

Kule and Gül (2015)	Turkey	Qualitative	G1:	Men	12–66	Convicted	DHKPC, the PKK, Hezbollah	4
			$n =$					
			60,					
			G2:					
			$n =$					
			80, G3					
			$n = 60$					
Lakomy (2019)	Poland	Qualitative	$n = 2$	m	Islamic State			2

4.1. Included Studies

A total of 500 articles were found in the selected databases. Five articles were eliminated for being duplicates and the abstracts and titles of 492 articles were analyzed. Of these 492 articles, 337 articles were excluded because they did not meet the eligibility criteria; for example, they (i) had different objectives (Borum 2014), (ii) did not analyze recruitment, affiliation, and dismissal (Piazza and Guler 2021), and (iii) were systematic reviews (Scarcella et al. 2016) (see Figure 1). After this procedure, 155 articles were read in full and the 151 articles that did not meet the eligibility criteria were excluded. The main reasons for exclusion were (i) they did not present the sample under study (Papale 2021), (ii) they were systematic and literature reviews or gray literature, and (iii) they were samples of women (O'Rourke 2009).

A manual search was also carried out, yielding ten articles that explored the concepts under study; however, seven articles were excluded because they used unintentional samples and did not perform statistical analyses only for the male sample (Michelsen 2009). Thus, seven articles were included in the systematic review, of which three articles were added through manual searches and four through the PRISMA methodology protocol for Systematic Reviews.

4.2. Quality Assessment

As shown in Table 1, four studies revealed good criteria (i.e., four of the five excellent criteria) (Altier et al. 2020; Karimi et al. 2022; Kenney and Hwang 2020; Kule and Gül 2015), one study presented three of the five criteria (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), and two fulfilled only two of the quality criteria (Hwang 2015; Lakomy 2019).

4.3. Characteristics of Studies Included

Among the articles included (see Table 1), the following research designs were identified: qualitative studies ($n = 5$) (e.g., Hwang 2015; Karimi et al. 2022) and two mixed studies (qualitative and quantitative) (e.g., Altier et al. 2020; Lakomy 2019) (cf. Table 1). Most of the studies were carried out with a sample of individual terrorists ($n = 6$), one of which was based on content analysis (Lakomy 2019), which is a comparison between magazines serving the Islamic State.

All the other studies were conducted with male samples belonging to different radical groups: Al-Shaabab (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), Indonesian jihadists, Jihadis dari JI and Mujahidin KOMPAK (Hwang 2015), the Salafist–Jihadist group in the Middle East (Karimi et al. 2022), Salafi–Jihadi world, al-Muhajiroun Jemaah Islamiyah Muslims (Kenney and Hwang 2020), Turkish, DHKPC, the PKK, and Hezbollah (Kule and Gül 2015), and the Islamic State (Lakomy 2019). These studies were conducted in different countries: Kenya and Somalia (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), the USA (Altier et al. 2020), Indonesia (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020) and Britain (Kenney and Hwang 2020), Iran (Karimi et al. 2022), Turkey (Kule and Gül 2015), and Poland (Lakomy 2019). Most of the groups included in this analysis use Jihad (Holy War against non-believers) as a central concept to legitimize their armed struggle. However, the PKK, which is also present in this sample, adopts a secular and nationalist approach, which does not fit into the jihadist paradigm.

Of the seven studies included in this systematic review, five were conducted in countries where Islam is the predominant religion (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Karimi et al. 2022; Kenney and Hwang 2020; Kule and Gül 2015), and two were carried out in countries where the predominant religion is Christianity (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), particularly Protestantism (Horgan et al. 2017).

As illustrated in Table 2, four studies talk about the recruitment and engagement process (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Karimi et al. 2022; Kule and Gül 2015; Lakomy 2019), four

studies about the permanence process (Altier et al. 2020; Hwang 2015; Karimi et al. 2022; Kenney and Hwang 2020), and three studies about disengagement (Altier et al. 2020; Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020).

The sample sizes varied, ranging from 2 participants (Lakomy 2019) to 200 participants (Kule and Gül 2015), and all the participants professed Islam.

Table 2. Results for recruitment, permanence and disengagement.

Study	Recruitment	Affiliation	Disengagement
Amble and Meleagrou-Hitchens (2014)	Ideological propaganda and lack of economic opportunities		In Somaliland, the resolution of disagreements and
	Ideologues play a key role in affiliation by spreading the jihadist narrative		conflicts between clans and functional governance has ensured an enlightened
	Regional factors and the desire to belong to a clan		society free from the spread of a jihadist narrative, thus contributing to the
	Fight to protect the global Muslim community		disengagement of individuals linked in any way to Al-Shabaab
Altier et al. (2020)		Positions of trust; leaders or individuals in strategic positions are less likely to	Tension and role conflict
			Disillusionment
			The roles played within the terrorist group contribute to

	disengage unless there are policies that offer them a benefit (e.g., amnesty, protection from reprisals)	voluntary disengagement
		Disillusionment with tactics
		New friendships and relationships
		Changing priorities and cost– benefit analysis, remorse about their own role and
Hwang (2015)	Role migration, from a more active role to a less violent one	disillusionment with the hard line Pressure from parents Humane treatment from the police A combination of psychological, emotional, relational, and strategic factors

Karimi et al. (2022)		Influence via	
	Idealization and absorption in the figure of the leader	collective identity; strong group ties	
	Simplicity of Salafist discourse	Committing violence against those who do not belong to the group	
	Hypnotic suggestions		
Kenney and Hwang (2020)		Ideological issues and the oath of loyalty	Disagreements over group strategies
		Direct or indirect incursions	Ideological and practical disagreements, burnout
		Limitations of alternative social networks	New friendships Desire to marry and study and alternative social networks
		Roles played	
Kule and Gül (2015)		Initiated by friends, 46.9%;	
		terrorist groups, 25.3%; family members, 9.8%; close relatives,	
		8.8%; 1.5% by lovers	
		The PKK has a lower age of initiation than the other two	

	organizations
	Propaganda from the cyber jihadist machine of the self- proclaimed “caliphate”.
Lakomy (2019)	Convincing Internet users to take part in jihad, convincing Internet users in migration for the Hijrah, violence against the infidels, planning various types of terrorist attacks against unbelievers inspiring attacks by “lone wolves”

Note: PKK = Partiya Karkeren Kurdistan.

4.4. Main Outcomes

The main results of the studies incorporated in this review are presented based on the results of recruitment, affiliation, and disengagement in a terrorist organization (see Table 2) and the main push factors and pull factors identified (see Table 3).

Table 3. Push factors and pull factors influencing disengagement in terrorist organizations.

Study	Push Factors	Pull Factors
	(Dissatisfaction with Group)	(Alternative Attractions)
Altier et al. (2020)	Unmet expectations (including disillusionment	Competing loyalties
	with day-to-day tasks)	Positive interactions with

		moderates
Hwang (2015)	Sense that things have gone too far	The desire for gainful employment and family
	Disillusionment with the inner workings of the group	Social acceptance as key to preventing recidivism
	Negative social sanctions from family or community	Cost-benefit analysis
	Burnout	Pressure from parents
	Loss of faith in the movement	New friendships and relationships
	Disappointment with hardliners	Changing priorities
Kenney and Hwang (2020)		Relationships with family members, friends, and others outside the group
	Disagreements over a group's strategy, practices, or use of violence	
	Disillusionment with its leaders and members	Desire to "settle down, marry, and start a family"
	Loss of interest or faith in the group's ideology	
	Dissatisfaction with one's role or contribution	Educational and employment opportunities
	Emotional or physical exhaustion from participating in high-risk activism and political violence, commonly referred to as "burnout"	Aging or "maturing out" of high-risk activism and political violence

	Disillusionment with strategy/actions of group	
	Disillusionment with personnel	Employment/educational demands or opportunities
	Difficulty adapting to clandestine lifestyle	
Lakomy (2019)	Inability to cope with physiological/psychological effects of violence	Desire to marry/establish a family or family demands,
	Loss of faith in ideology	Financial incentives
	Burnout	Amnesty

- Recruitment in Terrorist Organizations

Of the seven studies included in this systematic review, four address recruitment issues (see Table 2). The results show that recruitment factors influence each other in such complex ways that initial factors can change into ideological factors as recruits interact with influential members of the group (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), with financial issues mainly responsible for explaining the appearance of supposed mercenaries or individuals who do not belong to any of the warring groups, with young people being the target audience most attracted by economic factors in the promise and expectation of financial benefits in joining terrorist groups (e.g., Al -Shabaab) (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014). Furthermore, regional factors and the desire to belong to a clan as well as the fight to protect the global Muslim community appear as factors associated with the recruitment process, with young people being easily recruited into these terrorist links, fueling the belief and conviction that they are at the mercy of a greater cause on a global scale (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014). These researchers highlight kidnapping as one of the most used strategies to recruit individuals into terrorist groups, forcing individuals to join against their will (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014).

Another form of recruitment evidenced in these studies is the publicity or propaganda carried out by these groups (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Lakomy 2019). For example, the Islamic State, in Daesh magazines, used “Hijrah” to carry out recruitment activities, representing a direct appeal to readers to go to places controlled or under the command of this terrorist group (Lakomy 2019). According to the results of this study, some of these magazines use subjective extracts from the

Quran, citing purely religious narratives to justify violence against those considered infidels, inciting jihad, or leading readers to join the ranks of this terrorist organization, legitimizing an Islamic state and their violent conduct (Lakomy 2019). Thus, through information dissemination bodies they can spread a narrative around the formation of a caliphate and the call for Jihad, reaching all listeners, whether Muslim or not, as well as calling for violence against infidels and the planning of several terrorist attacks against unbelievers (Lakomy 2019). The strategy of utilizing the simplicity of Salafist discourse, which emphasizes religion and faith through the manipulation of extracts from the Al Quran, provides recruits with an apparent sense of security and firmness toward eternal happiness in paradise (Karimi et al. 2022).

However, studies have pointed to a paradigm shift in propaganda over time, inspiring “lone wolf” attacks; that is, individuals who identify with the ideology carry out their terrorist attacks in isolation and progressively respond to a call to carry out obligatory jihad wherever they are against the enemies of Allah (Lakomy 2019).

Regarding the strategies most used in the recruitment process, the results show that in a sample of 200 individuals belonging to different groups (G1: $n = 60$ Hezbollah, G2: $n = 80$ PKK; G3: $n = 60$ DHKP-C) who have already been involved in terrorist actions, 8.8% of the sample joined the group through family members, 9.8% through close relatives, 25.3% through other members of the organization, and the highest percentage of recruitment was carried out by partners at 46.9% (Kule and Gül 2015). According to the same authors, PKK recruits join at a lower average age than the other two organizations (Kule and Gül 2015). Although some of the recruitment strategies used are against the will of individuals, by using the recruitment strategies of the idealization, identification, and assimilation of group leadership to develop group bonds, identification is created in recruits with the figure of the leader associated with hypnotic suggestions of bravery and intelligence (Karimi et al. 2022).

- Affiliation in Terrorist Organization

Of the seven studies included in this systematic review, four pointed to some factors that influence affiliation within terrorist organizations (Altier et al. 2020; Hwang 2015; Karimi et al. 2022; Kenney and Hwang 2020) (see Table 2). Two of the studies pointed to loyalty and ideological issues as essential in the processes of staying in terrorist groups, showing that individuals remain in these organizations due to identification with the group's ideology (Altier et al. 2020; Kenney and Hwang 2020). Thus, the process of affiliation seems to happen because these individuals have not yet felt

disillusioned with the ideology, due to the scarcity of alternative social media and support networks external to these terrorist groups, given that the majority of their close family members are directly or indirectly linked to these organizations (Kenney and Hwang 2020), making the process of leaving these terrorist groups difficult.

Another factor for affiliation in this ideology of extreme violence is associated with the role that the individual plays in the group, with the results showing that individuals with positions of management and trust, leaders, or individuals in strategic positions are more likely to remain (Altier et al. 2020).

Furthermore, the results show that affiliation in these terrorist organizations is also achieved through indoctrination, leading to the gradual loss of the individual's identity and the learning of a collective identity combined with the hypnotic suggestions of the group, literally exempting the individual from having any remorse for his terrorist actions given that it these actions are undertaken by the group with which he has strong bonds of commitment, thus promoting his permanence in the organization, and making it easy for him to get involved in violent acts against individuals outside the group (Karimi et al. 2022).

Another factor of permanence identified in these studies is associated with the migration of roles where the individual migrates from a more active role, usually combative, to a peaceful role, such as providing financial resources for the continuity of the group; in this role, the individual does not disengage and can remain indefinitely (Hwang 2015).

The results also show that the process of permanence of these roles played by individuals within the terrorist group is of much importance, making it easier for a simple combative member to leave their leader's organization (Kenney and Hwang 2020).

- Disengagement in Terrorist Organization

Of the seven studies included in this systematic review, four pointed to some factors that influence quitting within terrorist organizations (Altier et al. 2020; Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020).

The results of the studies incorporated in this systematic review (see Table 2) show that disagreement with the actions carried out by the group, disillusionment with the tactics suggested by leadership, fundamentalist and inflexible ideology in relationships, divergences, dissatisfactions (Altier et al. 2020; Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015), changing priorities, cost-benefit analyses, pressure

from parents (Hwang 2015), new friendships, and relationships (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020) are the main factors responsible for disengagement within terrorist organizations.

Furthermore, the results point to the social networks of individuals who committed terrorist acts as an essential factor in the disengagement process, providing them with opportunities and alternative lives outside of terrorist organizations (Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015). The results point to government policies as attractive support for members who wish to leave and who perform violent operational roles in terrorist organizations (Altier et al. 2020).

In this disengagement process, the results point to the roles that individuals assume within terrorist organizations that are important in terms of the degree of ease or difficulty in the disengagement process (Altier et al. 2022; Hwang 2015), as well as the degree of burnout faced due to inflexible ideologies (Kenney and Hwang 2020), with some individuals leaving terrorist groups due to lack of action; that is, they become inactive, but continue to interact and have connections with the organization's terrorists, due to the strengthening of ties and the belief in the ideology of an Islamic state (Hwang 2015). According to the results, in Somaliland, the resolution of disagreements and conflicts between clans and functional governance ensures an enlightened society free from the spread of a jihadist narrative, thus contributing to the disengagement of individuals linked in any way to Al-Shabaab (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014).

The studies included in this systematic review identify some push factors, which are cited for resistance within terrorist organizations and are seen as pull factors transversal to the different processes: disillusionment with leaders and members of the organization, disagreement about the strategies used (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020; Lakomy 2019), unmet expectations (Altier et al. 2020) and disillusionment with the roles and contributions (Kenney and Hwang 2020), the loss of interest and faith in the group's ideology (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020; Lakomy 2019), a feeling that things have gone too far (Hwang 2015), the inability to deal with the physiological/psychological effects of violence (Lakomy 2019), feelings of emotional exhaustion/burnout (Kenney and Hwang 2020; Lakomy 2019; Hwang 2015), and difficulty in adapting to the clandestine lifestyle (Lakomy 2019), but also negative social sanctions from the families and the communities of the members (Hwang 2015).

As pull factors, studies highlight the possibility of positive interactions, opportunities and changing priorities (Hwang 2015), competing loyalties (Altier et al. 2020), finding a paid job and new educational opportunities, the possibility of building a family and getting married (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020; Lakomy 2019), the opportunity to establish new friendships, relationships and

support networks (Hwang 2015; Kenney and Hwang 2020). The changes in priorities arise from analyzing the costs and benefits of being in the organization, parental pressure (Hwang 2015), financial incentives or government amnesty initiatives (Lakomy 2019), social acceptance (Hwang 2015), and the desire for calm (Kenney and Hwang 2020), which are also considered pull factors.

Generally, both factors combined lead individuals to change their order of personal priorities, reducing their dedication to high-risk activities, but it is important to note that both push and pull factors combine in different ways for everyone (Kenney and Hwang 2020).

Some of the individuals in terrorist organizations, despite experiencing push and pull factors, remained steadfast in their ideology and activism because they do not change their priorities (Kenney and Hwang 2020). The results also show that individuals who have consumed the ideology of violent extremism are protected from possible factors, whether pull or push factors, that is, factors that could interfere to the point of changing their minds and thinking about a possible disengagement (Altier et al. 2020; Kenney and Hwang 2020).

The cost–benefit ratio in regard to disengagement is often brought to the fore by the push and pull factors within terrorist organizations, and the individuals who choose to remain, even in the face of these factors, mostly look for other grounds, such as ideological ones that counter the conflict initially established by the factors (Kenney and Hwang 2020).

5. Discussion

The main objective of this systematic review was to identify the factors associated with the recruitment, permanence and disengagement of individuals from terrorist groups, with special attention to the permanence process, as it is the process that ensures that individuals remain linked to terrorist groups. All the manuscripts included in this review followed a qualitative design, two of which used a mixed design, an essential methodology in better understanding this phenomenon given the multiple cultural and ideological aspects and discourses, and the fact that terrorism is an understudied phenomenon (Karimi et al. 2022). However, the literature has shown that studies on terrorism still lack the basis for a comprehensive primary investigation based on interviews and life stories of people involved in terrorist activities (Crenshaw 2011; Schuurman 2020), since most of the literature on terrorism was based on secondary sources and data (i.e., content analysis of newspapers or magazines) (Schuurman 2020). Although some efforts have been made to improve the methods used in this phenomenon, more recent investigations have shown that the use of a quantitative methodology

remains underdeveloped (Schuurman 2020), and mixed designs can be fundamental in understanding terrorism, interconnecting trends statistics to narratives and individual experiences, which, combined, allow for a better and more in-depth understanding of the phenomenon (Tulga 2023).

Although terrorism is recognized as a global phenomenon that occurs in various contexts and regions, regardless of religious affiliation (Lutz 2019), most of the manuscripts included in this systematic review were carried out in a country where Islam is the predominant religion (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Hwang 2015; Karimi et al. 2022; Kenney and Hwang 2020; Kule and Gül 2015). This result corroborates the literature that indicates that many terrorist groups take advantage of mosques and madrassas to recruit and spread jihad (Kule and Gül 2015). However, these results may also be subject to a bias caused by the growing interest and investigation into groups related to Islam due to terrorist attacks and attacks carried out by Al-Qaeda and, more recently, by ISIS (Islamic State of Iraq and Syria), attracting global attention and concern about the potential threat posed by these groups (Lutz 2019), causing an increase in research and interest in terrorism in regions where such groups have been active.

Regarding the process of recruiting individuals for these terrorist groups, the results of this systematic review suggest that young people represent the target audience most easily attracted. The results of this review present the promises of monetary benefits for adherence to terrorist ideology as a preponderant factor in the recruitment of younger individuals (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014), an indicator also supported by the literature that highlights that, given economic difficulties, limited educational and employment opportunities, and poverty, young people are more susceptible to recruitment (Brown 2020), and terrorist organizations exploit these economic challenges as recruitment tools, promising stability and financial purpose (“United Nations Office on Drugs and Crime” n.d.). This phenomenon of younger recruitment may also be associated with other multiple factors, highlighting the vulnerability of these young people, exploited by terrorist recruiters to mold them according to their ideological objectives, making them more susceptible to the influence of propaganda (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Lakomy 2019) and manipulation due to the continuous training of their own identity (Darden 2019; “United Nations Office on Drugs and Crime” n.d.). Moreover, the findings also indicate that a sense of belonging to a clan (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014) serves as a significant recruitment factor in younger individuals. This can be attributed to the appeal of group identity, perceptions of exclusion, grievances related to cultural threats, and personal connections, including family and friendship networks (Darden 2019). These aspects are leveraged by terrorist organizations that position themselves as cohesive entities.

The recruitment process for terrorist organizations often exploits the motivation to safeguard the global Muslim community, as revealed in the findings of this systematic review, by radicalizing younger individuals (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014). This motivation is commonly referred to as the defense of the Ummah, aiming to establish a so-called caliphate (al-Ahsan 1986; Mahood and Rane 2017). Young people are particularly drawn to the ideological narrative of defending the Ummah against perceived threats and injustices targeting Muslims globally, making the sense of defense a compelling motivator for young recruits (Mahood and Rane 2017). In the recruitment process, this study demonstrates that kidnapping is one of the strategies employed to recruit individuals for terrorist groups (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014). This strategy aims to instill fear and coercion, compelling individuals to join their ranks out of concern and fear (Akcinaroglu and Tokdemir 2018). It is crucial to note that while these coercive tactics are cost-effective, they necessitate close maintenance and monitoring, given that recruits do not join voluntarily; they are essentially uncommitted recruits. Therefore, a climate of fear must be sustained to prevent individuals from disengaging from the group, potentially leading to the alienation of a substantial number of people and mass defections among their primary supporters (Akcinaroglu and Tokdemir 2018). These organizations continue to be based on recruiting new elements, which is why they invest seriously in the process of recruiting new individuals (Kule and Gül 2015). According to the instructions of some studies in this systematic review, terrorist groups or organizations use propaganda or publicize their actions as one of the forms of recruitment (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014; Lakomy 2019). This strategy has been suggested in the literature as a tool to attract individuals who identify with their causes and ideologies, building a sense of identity in potential recruits for the groups (Jenkins 2010).

The advent of online platforms and social networks has revolutionized the dissemination of propaganda. Terrorist organizations now can instantly reach a global audience. The results show that spaces serve as virtual recruitment sites where individuals, often called “lone wolves,” can be exposed to extremist ideologies and receive guidance on carrying out attacks (Lakomy 2019). These “lone wolves” are driven by ideological fundamentalism and, without showing themselves to belong to a specific group, are difficult to trace and detect due to the unpredictability of their actions (Leistedt 2016). In this propaganda and publicity strategy, as a way of recruiting new members for these terrorist organizations, the results of this study emphasized the simplicity of Salafist discourse (Karimi et al. 2022); due to the theological dimension of this movement, the direct interpretation of the verses of the Quran is carried out to the recruits, depicting a vision of the world that is apparently uncomplicated (“Salafi Interpretation of the Quran” n.d.). This speech is presented in a clear and direct way, and is

easily disseminated and understood; that is, it becomes accessible to a diverse target audience (Østebø 2015).

The quantitative results obtained in this systematic review reveal that individuals are predominantly recruited by their partners (Kule and Gül 2015). Partnerships are typically built on trust and emotional connections; thus, when a partner is involved in a terrorist group and embraces radical ideology, they can easily influence or even coerce their partner through displays of dominance to join these groups (Card 2007; Horgan 2008). Additionally, studies indicate a noteworthy percentage of recruitment occurs through existing members of organizations (Kule and Gül 2015). These organizations, often operating as tightly knit networks with strong relationships, serve as recruiters and channels for new recruits (Zech and Gabbay 2016). They take advantage of shared ideologies to “convince” individuals to identify with the ideologies and discourse driven by ideological issues (Altier et al. 2020; Hwang 2015). The significance of identification with ideology emerges prominently in the findings of this systematic review as a crucial factor in the recruitment process (Karimi et al. 2022) and in the retention process within organizations (Altier et al. 2020; Kenney and Hwang 2020). These processes appear to be linked to the identification and veneration of leaders through hypnotic suggestions (Karimi et al. 2022), a central component in recruiting and retaining individuals within terrorist organizations. Aligning beliefs with the group’s ideological narrative provides a sense of purpose, belonging, and justification for actions developed within the groups (McCauley and Moskaleiko 2008).

Certain extremist groups employ psychological manipulation techniques, including tactics comparable to hypnotic suggestions. This may involve the use of repetitive messages, indoctrination sessions, and methods aimed at breaking down critical thinking. In some cases, individuals may be more susceptible to suggestion due to a combination of psychological vulnerabilities and the influence of the group environment (Victoroff 2005).

In this context, the studies included in this systematic review underscore the crucial role that individuals play within a terrorist organization in the sustained affiliation to an extreme ideology of violence. Leaders or individuals occupying strategic positions demonstrate a higher likelihood of remaining committed (Altier et al. 2020; Hwang 2015). These leaders and strategically positioned individuals exert substantial influence on the dynamics of the terrorist group. Consequently, their actions, decisions, and communications can shape the direction of the organization. This influence is inevitable in reinforcing individuals’ commitment to the ideology, fostering a sense of responsibility for the group’s success (Hogg and Adelman 2013). In the process of remaining within these terrorist

organizations, the results indicate a gradual loss of individual identity and the assimilation of a collective identity within the groups (Karimi et al. 2022). Identity transfer is a psychological mechanism that leads individuals to perceive their identity as deeply intertwined with the group's identity, resulting in a blurred distinction between the "self" and the group. This phenomenon makes individuals more willing to sacrifice themselves for the collective cause (Swann et al. 2010). Additionally, we cannot disregard the indoctrination strategies employed within terrorist groups to integrate individuals into extremist ideologies. This involves a deliberate shaping of an individual's beliefs and identity to align with the group's ideology, constituting essential mechanisms of political radicalization (McCauley and Moskalenko 2008). It is crucial to emphasize in this discussion that disengagement pertains to a behavioral change, such as leaving a group or altering someone's role within it. This change does not necessitate a shift in values or ideals but involves the abandonment of the objective of achieving change through violence. In contrast, deradicalization implies a cognitive change, indicating a fundamental shift in understanding (Bjorgo and Horgan 2008).

However, it appears that, up to this point, insufficient attention has been directed toward the other end of the spectrum, specifically the factors contributing to individual and collective disengagement from violence within extremist or radical groups (Bjorgo and Horgan 2008). Some of the results of this systematic review, in addition to the pull (alternative attractions) and push (dissatisfaction with group) factors, show the importance of government policies in supporting this process of disconnection from terrorist organizations (Altier et al. 2020). Individual predispositions play an important role in disengagement, but the creation and dissemination of good social integration policies at the government level about terrorist organizations can become a catalyst for this process of change (Altier et al. 2014).

This study also revealed some factors involved in the disconnection of individuals from terrorist groups, with some attraction factors that seem essential for individuals to reconsider their involvement in extremist activities and seek disconnection. Disillusionment (Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015; Altier et al. 2020) proved to be a factor of push and pull in the process of leaving extremist groups, as did looking for attractive alternatives outside the group, such as returning to school, getting married or looking for a job (Barrelle 2015). Additionally, disagreement with group actions and ideology (Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015; Altier et al. 2020), changing personal priorities, parental pressure (Hwang 2015), new friendships and relationships (Kenney and Hwang 2021; Hwang 2018), opportunities and alternative lives outside of terrorist organizations (Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015), and becoming burned out (Kenney and Hwang 2020; Hwang 2015; Lakomy 2019) seem to be

seeds of disappointment and disillusionment that can lead many individuals to leaving a group (Bjorgo and Horgan 2008). In this process of detachment from groups, the literature has shown the importance of parental support in the deradicalization of young extremists from the sphere of the influence of the terrorist organization with the support of programs designed by non-governmental organizations that mobilize parents (Kruglanski et al. 2014).

Pull and push factors underscore that individuals may disengage and, in their final moments, undergo deradicalization due to the less positive aspects of involvement in high-risk collective actions compared to the positive situations about alternatives (Mullins 2010). Nevertheless, the existing literature suggests that push factors have a more direct impact on decisions regarding disengagement (Bjorgo and Horgan 2008). Therefore, interventions should prioritize highlighting the negative aspects of organizational involvement before presenting appealing alternatives (Altier et al. 2020).

The disengagement process is thus a complex physical–emotional journey that varies from individual to individual, with factors interacting simultaneously in cycles of continuous reinforcement until the individual ultimately disengages (Hwang 2015). It is worth noting that push and pull factors combined can lead to disengagement, as certain factors may work for some individuals but not for others. Consequently, the issue of permanence remains an intriguing phenomenon for further study (Altier et al. 2020). While this systematic review consolidates key studies aiming to comprehend processes associated with terrorism, it reveals certain limitations (refer to Table 2). Primarily, a bias in the results is evident due to the predominant use of qualitative designs based on content analysis rather than direct discourse from individuals who experienced these processes firsthand. This may potentially constrain the depth of understanding regarding the phenomenon of terrorism.

Moreover, the studies included in this systematic review were predominantly conducted in countries where Islam is the predominant religion. This may introduce bias influenced by the heightened interest in investigations in regions associated with terrorist attacks perpetrated by groups such as Al-Qaeda and ISIS. The concentration of studies in specific regions could limit the generalizability of results to a broader global context, where terrorism manifests in diverse forms and motivations.

From the results of the studies reflected in this manuscript, although a multiplicity of factors related to recruitment, retention, and separation were put forward, they may not cover all the possible influences. Factors such as mental health, socioeconomic status, or political contexts could warrant further exploration.

6. Conclusions

The studies in this systematic review appear to focus on specific terrorist groups and their conclusions may not be universally applicable to all types of extremist organizations or ideologies (see Table 4). It should be noted that the fact that this research only involved men represents a limitation of the study, as we recognize the role that women play within terrorist organizations. Furthermore, the potential lack of recent and updated investigations in the literature may affect the relevance of the conclusions, given the dynamic nature of terrorism and the evolution of recruitment strategies. While this systematic review contributes to a deeper understanding of the recruitment, affiliation, and disengagement processes among men in terrorist organizations, it is important to acknowledge certain limitations. Our study was confined to sources in three languages (English, Spanish, and Portuguese), a methodological choice that inevitably restricted access to valuable research published in other languages, such as German. This may have narrowed the scope of the findings. However, we believe our approach offers a clearer understanding of the transitions between these phases, which are crucial for determining whether individuals remain involved with a terrorist organization or disengage, as well as the roles they assume over time. Despite this comprehensive view, we recognize that future research could benefit from focusing on one specific phase—recruitment, affiliation, or disengagement—at a time. This could allow for greater methodological diversity and enrich the data available on these distinct but interrelated processes, ultimately relinquishing our understanding of how terrorist organizations function over time. It is essential to consider these limitations when interpreting the results of the systematic review and recognizing potential gaps in understanding the complex phenomenon of terrorism and individual involvement in extremist activities.

Table 4. Key findings of the systematic review.

-
- **Target Demographic and Recruitment Motivations:** Young people are the primary recruitment targets, attracted by promises of financial gains and vulnerability to economic challenges. The defense of the global Muslim community and the desire to establish a caliphate serve as powerful motivators for radicalization and recruitment.
 - **Role of Propaganda:** propaganda, particularly through online platforms, plays a crucial role in recruitment, emphasizing the simplicity of Salafist discourse.
 - **Recruitment Channels and Ideological Influence:** Partners and organization members are the predominant recruiters, leveraging trust and shared ideologies. Identification with the group's ideology, often facilitated by leaders, is fundamental in both recruitment and retention.
 - **Factors Influencing Disengagement:** Disillusionment, shifting personal priorities, and disagreement with group actions and ideology are key factors influencing disengagement. Disengagement involves behavioral change, distinct from deradicalization, which implies cognitive change.
 - **Government Policies and Social Integration:** government policies play a crucial role in supporting the disengagement process, with social integration policies considered catalysts for individual change.
 - **Pull and Push Factors in Disengagement:** The disengagement process involves pull factors (alternative attractions) and push factors (dissatisfaction with the group). Government support, parental influence, and attractive alternatives outside the group are highlighted. The interaction of push and pull factors underscores the need for a nuanced understanding of the permanence phenomenon.
-

The findings of this study hold relevance for the formulation of guidelines (see Table 5) aimed at anti-terrorism interventions, subsequently reducing the risk of recruitment and recidivism within this population. A more accurate and precise understanding of the factors driving individuals to join terrorist organizations is essential to better address this issue. Only through this accurate identification can effective prevention and intervention policies be developed (Kule and Gül 2015). These policies should offer social and economic incentives, as well as provide alternative occupations, facilitating the reintegration of displaced individuals into non-militant social groups (Kruglanski et al. 2014).

Table 5. Implications for research, practice, and policy.

Implications for Research	Implications For Practices and Policy
• Bias in Research Design: the prevalence of qualitative designs based on content analysis, rather than direct input from individuals, introduces potential bias in the results. • Regional Bias: increased interest in regions linked to terrorist attacks by groups like Al-Qaeda and ISIS, where Islam is predominant, may lead to a biased representation in the study. • Incomplete Coverage: although the results highlight various factors related to recruitment, retention, and separation, they may not encompass all the potential influences. • Focus on Specific Groups: the	• Guideline and Program Development: this study provides support for creating guidelines and programs for anti-terrorism intervention, aiming to reduce the risk of recruitment and recidivism within this population. • Enhanced Understanding for Policy Design: A more comprehensive understanding of the factors involved is crucial for the precise and accurate design of effective prevention and intervention policies. This knowledge is essential in crafting policies that address the root causes and dynamics of involvement in terrorism.

systematic review appears to
concentrate on specific terrorist groups,
and the conclusions may not be
universally applicable to all types of
extremist organizations or ideologies.

Terrorism is a global challenge that transcends borders, making it imperative for the international community to collaborate in understanding and mitigating its underlying processes. By consolidating diverse studies from around the world, this systematic review seeks to offer a holistic perspective on the factors that shape the recruitment, involvement, and extinction of terrorist groups, thus contributing to a more coordinated and effective global response.

Author Contributions: Conceptualization, L.Z.Z.; M.P. and S.C. ; methodology, L.Z.Z. and M.P. ; software, L.Z.Z. and M.P. ; validation, R.A. and S.C. ; formal analysis, L.Z.Z. ; research, L.Z.Z. ; resources, L.Z.Z. ; data curation, L.Z.Z. and M.P. ; writing - drafting the original project, L.Z.Z. and M. P.; writing - proofreading and editing, R.A. and S.C.; supervision, R.A. and S.C.; project administration, L.Z.Z.; acquisition of funding, R.A. and S.C. All authors have read and agreed with the published version of the manuscript.

Funding: This work was carried out at Psychology Research Center (CIPsi), Faculty of Psychology, University of Minho, supported by the Foundation for Science and Technology (FCT; UID/01662/2020) through the State Budget.

Data Availability Statement: The data set presented in this article are not readily available because this project remains in progress, and data analysis is ongoing. Requests to access the datasets should be directed to id9674@alunos.uminho.pt

Conflicts of Interest: The authors declare no conflicts of interest.

References

- (Agnew 2010) Agnew, Robert. 2010. A General Strain Theory of Terrorism. *Theoretical Criminology* 14: 131–53. <https://doi.org/10.1177/1362480609350163>.
- (Akcinaroglu and Tokdemir 2018) Akcinaroglu, Seden, and Efe Tokdemir. 2018. To Instill Fear or Love: Terrorist Groups and the Strategy of Building Reputation. *Conflict Management and Peace Science* 35: 355–77. <https://doi.org/10.1177/0738894216634292>.
- (al-Ahsan 1986) al-Ahsan, Abdullah. 1986. The Quranic Concept of Ummah. *Institute of Muslim Minority Affairs. Journal* 7: 606–16. <https://doi.org/10.1080/13602008608716004>.
- (Altier et al. 2014) Altier, Mary Beth, Christian N Thoroughgood, and John G Horgan. 2014. Turning Away from Terrorism: Lessons from Psychology, Sociology, and Criminology. *Journal of Peace Research* 51: 647–61.
- (Altier et al. 2020) Altier, Mary Beth, Emma Leonard Boyle, and John G. Horgan. 2022. Terrorist Transformations: The Link between Terrorist Roles and Terrorist Disengagement. *Studies in Conflict & Terrorism* 45: 753–77. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2019.1700038>.
- (Altier et al. 2017) Altier, Mary Beth, Emma Leonard Boyle, Neil D. Shortland, and John G. Horgan. 2017. Why They Leave: An Analysis of Terrorist Disengagement Events from Eighty-Seven Autobiographical Accounts. *Security Studies* 26: 305–32. <https://doi.org/10.1080/09636412.2017.1280307>.
- (Amble and Meleagrou-Hitchens 2014) Amble, John C., and Alexander Meleagrou-Hitchens. 2014. Jihadist Radicalization in East Africa: Two Case Studies. *Studies in Conflict & Terrorism* 37: 523–40. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.893406>.
- (Ashour 2009) Ashour, Omar. 2009. *The De-Radicalization of Jihadists: Transforming Armed Islamist Movements*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203877098>.
- (Barrelle 2015) Barrelle, Kate. 2015. Pro-Integration: Disengagement from and Life after Extremism. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression* 7: 129–42. <https://doi.org/10.1080/19434472.2014.988165>.

- (Bjorgo and Horgan 2008) Bjorgo, Tore, and John G. Horgan, eds. 2008. *Leaving Terrorism Behind: Individual and Collective Disengagement*. London: Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9780203884751>.
- (Borum 2011) Borum, Randy. 2011. Radicalization into Violent Extremism I: A Review of Social Science Theories. *Journal of Strategic Security* 4: 7–36.
- (Borum 2014) Borum, Randy 2014. Psychological Vulnerabilities and Propensities for Involvement in Violent Extremism. *Behavioral Sciences & the Law* 32: 286–305.
<https://doi.org/10.1002/bsl.2110>.
- (Breidlid 2021) Breidlid, Torhild. 2021. Countering or Contributing to Radicalisation and Violent Extremism in Kenya? A Critical Case Study. *Critical Studies on Terrorism* 14: 225–46.
<https://doi.org/10.1080/17539153.2021.1902613>.
- (Brown 2020) Brown, Joseph M. 2020. Force of Words: The Role of Threats in Terrorism. *Terrorism and Political Violence* 32: 1527–49. <https://doi.org/10.1080/09546553.2018.1486301>.
- (Card 2007) Card, Claudia. 2007. Recognizing Terrorism. *The Journal of Ethics* 11: 1–29.
<https://doi.org/10.1007/s10892-006-9008-x>.
- (Crenshaw 2011) Crenshaw, Martha. 2011. *Explaining Terrorism: Causes, Processes, and Consequences*. London and New York: Routledge.
<http://archive.org/details/explainingterror0000cren>.
- (Darden 2019) Darden, Jessica Trisko. 2019. Tackling Terrorists' Exploitation of Youth. Available online: <https://www.semanticscholar.org/paper/Tackling-Terrorists%27-Exploitation-of-Youth-Darden/4be837e72a256cf9da0ce4b30f0026fbc06360d> (accessed on 14 December 2023).
- (Duriesmith and Ismail 2022) Duriesmith, David, and Noor Huda Ismail. 2022. Masculinities and Disengagement from Jihadi Networks: The Case of Indonesian Militant Islamists. *Studies in Conflict & Terrorism* 47: 1450–1470. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2022.2034220>.
- (Giordano et al. 2002) Giordano, Peggy C., Stephen A. Cernkovich, and Jennifer L. Rudolph. 2002. Gender, Crime, and Desistance: Toward a Theory of Cognitive Transformation. *American Journal of Sociology* 107: 990–1064. <https://doi.org/10.1086/343191>.

- (Hafez and Mullins 2015) Hafez, Mohammed, and Creighton Mullins. 2015. The Radicalization Puzzle: A Theoretical Synthesis of Empirical Approaches to Homegrown Extremism. *Studies in Conflict & Terrorism* 38: 958–75. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2015.1051375>.
- (Hoffman 2006) Hoffman, Bruce. 2006. *Inside Terrorism*. REV-Revised, 2. Columbia University Press. Available online: <https://www.jstor.org/stable/10.7312/hoff12698> (accessed on 07 January 2023).
- (Hogg and Adelman 2013) Hogg, Michael A., and Janice Adelman. 2013. Uncertainty–Identity Theory: Extreme Groups, Radical Behavior, and Authoritarian Leadership. *Journal of Social Issues* 69: 436–54. <https://doi.org/10.1111/josi.12023>.
- (Horgan 2008) Horgan, John. 2008. Deradicalization or Disengagement?: A Process in Need of Clarity and a Counterterrorism Initiative in Need of Evaluation. *Perspectives on Terrorism* 2: 3–8.
- (Horgan et al. 2017) Horgan, John, Mary Beth Altier, Neil Shortland, and Max Taylor. 2017. Walking Away: The Disengagement and de-Radicalization of a Violent Right-Wing Extremist. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression* 9: 63–77. <https://doi.org/10.1080/19434472.2016.1156722>.
- (Hwang 2015) Hwang, Julie Chernov. 2015. *Why Terrorists Quit: The Disengagement of Indonesian Jihadists*. Ithaca: Cornell University Press. <https://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt1w0dcj3>.
- (Jenkins 2010) Jenkins, Brian Michael. 2010. *Would-Be Warriors: Incidents of Jihadist Terrorist Radicalization in the United States Since 11 September 2001*. Santa Monica: RAND Corporation. <https://www.jstor.org/stable/10.7249/op292rc>.
- (Jones 2017) Jones, Edgar. 2017. The Reception of Broadcast Terrorism: Recruitment and Radicalisation. *International Review of Psychiatry* 29: 320–26. <https://doi.org/10.1080/09540261.2017.1343529>.
- (Karimi et al. 2022) Karimi, Yusef, David Nussbaum, and Razgar Mohammadi. 2022. Recruitment Process in Salafi-Jihadist Groups in the Middle East (A Qualitative Study). *Journal of Interpersonal Violence* 37: NP12745–NP12767. <https://doi.org/10.1177/0886260521997931>.

- (Kenney and Hwang 2020) Kenney, Michael, and Julie Chernov Hwang. 2020. Should I Stay or Should I Go? Understanding How British and Indonesian Extremists Disengage and Why They Don't. *Political Psychology* 42: 537–53. <https://doi.org/10.1111/pops.12713>.
- (Kruglanski et al. 2014) Kruglanski, Arie W., Michele J. Gelfand, Jocelyn J. Bélanger, Anna Sheveland, Malkanthi Hetiarachchi, and Rohan Gunaratna. 2014. The Psychology of Radicalization and Deradicalization: How Significance Quest Impacts Violent Extremism. *Political Psychology* 35 (Suppl. 1): 69–93. <https://doi.org/10.1111/pops.12163>.
- (Kule and Gül 2015) Kule, Ahmet, and Zakir. Gül. 2015. How Individuals Join Terrorist Organizations in Turkey: An Empirical Study on DHKP-C, PKK and Turkish Hezbollah. Available online: <https://www.semanticscholar.org/paper/How-Individuals-Join-Terrorist-Organizations-in-An-Kule-G%C3%BCI/9a097253fbc867617663ad5e4f892fbed83291ef> (accessed on 07 June 2023).
- (Lachman et al. 2013) Lachman, Pamela, Caterina G. Roman, and Meagan Cahill. 2013. Assessing Youth Motivations for Joining a Peer Group as Risk Factors for Delinquent and Gang Behavior. *Youth Violence and Juvenile Justice* 11: 212–29. <https://doi.org/10.1177/1541204012461510>.
- (Lakomy 2019) Lakomy, Miron. 2019. Recruitment and Incitement to Violence in the Islamic State's Online Propaganda: Comparative Analysis of Dabiq and Rumiyah. *Studies in Conflict & Terrorism* 44: 565–80. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2019.1568008>.
- (Leistedt 2016) Leistedt, Samuel J. 2016. On the Radicalization Process. *Journal of Forensic Sciences* 61: 1588–91. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.13170>.
- (Lia 2004) Lia, Brynjar. 2004. *Causes of Terrorism: An Expanded and Updated Review of Literature*. Kjeller: Forsvarets Forskningsinstitut. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3776.6882>.
- (Lutz 2019) Lutz, Brenda. 2019. *Global Terrorism*, 4th ed. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351124683>.
- (Mahood and Rane 2017) Mahood, Samantha, and Halim Rane. 2017. Islamist Narratives in ISIS Recruitment Propaganda. *The Journal of International Communication* 23: 15–35. <https://doi.org/10.1080/13216597.2016.1263231>.

- (McCauley and Moskalenko 2008) McCauley, Clark, and Sophia Moskalenko. 2008. Mechanisms of Political Radicalization: Pathways Toward Terrorism. *Terrorism and Political Violence* 20: 415–33. <https://doi.org/10.1080/09546550802073367>.
- (Michelsen 2009) Michelsen, Nicholas. 2009. Addressing the Schizophrenia of Global Jihad. *Critical Studies on Terrorism* 2: 453–71. <https://doi.org/10.1080/17539150903306154>.
- (Moher et al. 2009) Moher, David, Alessandro Liberati, Jennifer Tetzlaff, Douglas G. Altman, and PRISMA Group. 2009. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Medicine* 6: e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.
- (Mullins 2010) Mullins, Sam. 2010. Rehabilitation of Islamist Terrorists: Lessons from Criminology. *Dynamics of Asymmetric Conflict* 3: 162–93. <https://doi.org/10.1080/17467586.2010.528438>.
- (Neumann 2013) Neumann, Peter R. 2013. The Trouble with Radicalization. *International Affairs* 89: 873–93.
- (Nyamnjoh 2017) Nyamnjoh, Francis B. 2017. Incompleteness: Frontier Africa and the Currency of Conviviality. *Journal of Asian and African Studies* 52: 253–70. <https://doi.org/10.1177/0021909615580867>.
- (O'Rourke 2009) O'Rourke, Lindsey A. 2009. What's Special about Female Suicide Terrorism? *Security Studies* 18: 681–718. <https://doi.org/10.1080/09636410903369084>.
- (Østebø 2015) Østebø, Terje. 2015. African Salafism: Religious Purity and the Politicization of Purity. *Islamic Africa* 6: 1–29. <https://doi.org/10.1163/21540993-00602005>.
- (Ozeren et al. 2018) Ozeren, Suleyman, Hakan Hekim, M. Salih Elmas, and Halil Ibrahim Canbegi. 2018. An Analysis of ISIS Propaganda and Recruitment Activities Targeting the Turkish-Speaking Population. *International Annals of Criminology* 56: 105–21. <https://doi.org/10.1017/cri.2018.14>.
- (Papale 2021) Papale, Simone. 2021. Framing Frictions: Frame Analysis and Al-Shabaab's Mobilisation Strategies in Kenya. *Critical Studies on Terrorism* 14: 1–23. <https://doi.org/10.1080/17539153.2020.1855733>.

- (Piazza and Guler 2021) Piazza, James A., and Ahmet Guler. 2021. The Online Caliphate: Internet Usage and ISIS Support in the Arab World. *Terrorism and Political Violence* 33: 1256–75. <https://doi.org/10.1080/09546553.2019.1606801>.
- (Sageman 2004) Sageman, Marc. 2004. *Understanding Terror Networks*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt3fhfxz>.
- (Saini and Bansal 2021) Saini, Jaspal Kaur, and Divya Bansal. 2021. Detecting Online Recruitment of Terrorists: Towards Smarter Solutions to Counter Terrorism. *International Journal of Information Technology* 13: 697–702. <https://doi.org/10.1007/s41870-021-00620-2>.
- (“Salafi Interpretation of the Quran” n.d.) “Salafi Interpretation of the Quran”. n.d. Sahih Iman. Available online: <https://sahihiman.com/books/salafi-interpretation-of-quran> (accessed on 8 June 2024).
- (Scarcella et al. 2016) Scarcella, Akimi, Ruairi Page, and Vivek Furtado. 2016. Terrorism, Radicalisation, Extremism, Authoritarianism and Fundamentalism: A Systematic Review of the Quality and Psychometric Properties of Assessments. *PLoS ONE* 11: e0166947. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0166947>.
- (Schmid 2013) Schmid, Alex. 2013. Radicalisation, De-Radicalisation, Counter-Radicalisation: A Conceptual Discussion and Literature Review. *Terrorism and Counter-Terrorism Studies* 4. no.2 <https://doi.org/10.19165/2013.1.02>.
- (Schuurman 2020) Schuurman, Bart. 2020. Research on Terrorism, 2007–2016: A Review of Data, Methods, and Authorship. *Terrorism and Political Violence* 32: 1011–26. <https://doi.org/10.1080/09546553.2018.1439023>.
- (Stern and Berger 2015) Stern, Jessica, and John Michael. Berger. 2015. *ISIS: The State of Terror*. New York: HarperCollins.
- (Swann et al. 2010) Swann, William B., Ángel Gómez, John F. Dovidio, Sonia Hart, and Jolanda Jetten. 2010. Dying and Killing for One’s Group: Identity Fusion Moderates Responses to Intergroup Versions of the Trolley Problem. *Psychological Science* 21: 1176–83. <https://doi.org/10.1177/0956797610376656>.

(Tulga 2023) Tulga, Ahmet. 2023. The Importance of Mixed Method in Terrorism Study. *International Journal of Humanities and Social Sciences* 7: 75–102.

(“United Nations Office on Drugs and Crime” n.d.) “United Nations Office on Drugs and Crime”. n.d. Available online: https://www.unodc.org/?lf_id= (accessed on 11 June 2024).

(Victoroff 2005) Victoroff, Jeff. 2005. The Mind of the Terrorist: A Review and Critique of Psychological Approaches. *The Journal of Conflict Resolution* 49: 3–42.

(Weisburd et al. 2022) Weisburd, David, Michael Wolfowicz, Badi Hasisi, Mario Paolucci, and Giulia Andrighetto. 2022. What is the best approach for preventing recruitment to terrorism? Findings from ABM experiments in social and situational prevention. *Criminology and Public Policy* 21: 461–85. <https://doi.org/10.1111/1745-9133.12579>.

(Yayla 2007) Yayla, Ahmet. 2007. *A Case Study on the Recruitment Process of Terrorist Organizations*. Amsterdam: IOS Press, pp. 161–66.

(Yayla 2021) Yayla, Ahmet. 2021. *Prevention of Recruitment to Terrorism*. <https://doi.org/10.19156/2020.6.0113>.

(Younas and Sandler 2017) Younas, Javed, and Todd Sandler. 2017. Gender Imbalance and Terrorism in Developing Countries. *The Journal of Conflict Resolution* 61: 483–510. <https://doi.org/10.1177/0022002715603102>.

(Zech and Gabbay 2016) Zech, Steven T., and Michael Gabbay. 2016. Social Network Analysis in the Study of Terrorism and Insurgency: From Organization to Politics. *International Studies Review* 18: 214–43.

Disclaimer/Publisher’s Note: The statements, opinions and data contained in all publications are solely those of the individual author(s) and contributor(s) and not of MDPI and/or the editor(s). MDPI and/or the editor(s) disclaim responsibility for any injury to people or property resulting from any ideas, methods, instructions or products referred to in the content.

2. Affiliation, Permanence, and Disengagement Factors to the Al-Shabaab Terrorist Group in Mozambique: An Exploratory Study

Licínio Zitha^a, Marina Pinheiro^a, Rui Abrunhosa Gonçalves^a and Sónia Caridade^a

^aPsychology Research Centre, University of Minho, Braga, Portugal [Manuscript submitted for publication on Studies in Conflict & Terrorism]

Abstract

Terrorism is a global threat that is spreading across various countries. In Mozambique, from 2017 to 2023, terrorism caused more than 3,500 deaths and displaced around 900 people. This underscores the need to understand the underlying processes behind terrorist practices to better design intervention and prevention policies. Therefore, this qualitative study aims to understand Al-Shabaab members' affiliation, permanence, and disengagement in Mozambique. Eleven male participants, aged between 26 and 76 years, convicted and imprisoned for the crime of terrorism in Mozambican, responded to an in-depth interview. The participants identified recruitment and coercion as the main factors motivating their engagement in terrorist activities. Fear and difficulties with social reintegration were explained as factors contributing to their continued involvement. Lastly, as disengagement factors, participants mentioned disillusionment with their expectations during their involvement, as well as the emergence and proliferation of counter-terrorism policies. The study results underscore the importance of investing in counterterrorism measures. Specifically, this includes creating more job opportunities while ensuring that local individuals are prioritized, implementing amnesty policies for those who have disengaged, and establishing reintegration centers with social support and monitoring.

Keywords: Affiliation, Permanence, Disengagement, Terrorism.

Introduction

The absence of a consensus definition of terrorism has created a vacuum, allowing state and non-state actors to shape the definition according to their own political and strategic interests (Richards, 2014). Nonetheless, the scientific community conceptualizes terrorism as involving lethal violence, primarily targeting civilians with the ultimate aim of influencing an audience (Schmid & Jongman, 1988). The definition of terrorism is complex, and there is still no unanimous consensus among scholars, as perspectives on the concept vary (Schmid & Jongman, 1988). The discussion regarding the possibility of a universally accepted definition is ongoing due to the challenge of reaching an agreement on the subject (Richards, 2014). The definition of terrorism is primarily based on associated behaviors, irrespective of the legal or moral interpretations of those defining it. By adopting a legal or moral perspective of terrorism, laws and customs become the primary focus, sometimes overshadowing the terrorist behavior itself. However, it has been argued that a behavioral approach appears to be most appropriate when studying the concept of terrorism from a psychological perspective. This approach emphasizes behavior patterns and motivations behind terrorism, allowing for a deeper and more objective understanding of the phenomenon (Ruby, 2002).

Conceptualized as multifaceted, terrorism can involve various dimensions, including individual motivations, perceptions of social conditions, and deliberate choices made by individuals when joining a terrorist group, engaging in acts of terrorism, and remaining involved in terrorist activities (Lia, 2004).

These diverse perspectives and approaches make it challenging to achieve a clear and comprehensive definition of terrorism, thereby limiting the understanding of radicalization and disengagement processes within terrorist groups. This lack of understanding underscores the need for deeper research into the characteristics of individuals involved in terrorist activities in specific contexts, such as Mozambique, to develop effective strategies for prevention and intervention. According to Horgan (2008), the more ambiguous a concept, the more prone it is to opportunistic appropriation. This could compromise efforts to promote international cooperation against terrorism, leading to unilateral strategies that may inadvertently be counterproductive (Horgan, 2008). Indeed, some argue that the inability to clearly define the concept itself can contribute to the occurrence of terrorism (Richards, 2014). According to Horgan (2008), the more ambiguous the concept of terrorism, the more likely it is to be opportunistically appropriate. This can compromise efforts to promote international cooperation against terrorism, resulting in unilateral strategies that may inadvertently be counterproductive. The phenomenon of terrorism is not simply restricted to its violent dimension; it should primarily be understood as a propaganda issue. Both violence and propaganda share similar objectives, which

involve the modification of human behavior: violence through direct coercion and propaganda through persuasion. Terrorism emerges as a synthesis of these two elements (Schmid, 2023).

Although public perception often associates terrorist groups with individuals exhibiting traits of psychopathy, most people involved in terrorist acts do not have any form of mental disorder (Doosje et al., 2016). Indeed, terrorism often results from a gradual process of radicalization that can impact individuals considered socially "normal". However, some psychopathic characteristics, such as the ability to more easily resist psychological pressures associated with leading a clandestine or double life, as well as the ability to keep secrets (Horgan, 2008), may be present in some individuals involved in terrorist activities.

Several theoretical approaches have emerged to understand terrorist behaviors. Within psychological explanations of terrorism, two approaches stand out: one focuses on pathologization and another on fanaticism (Özdamar, 2008). The first approach views terrorists as individuals with some form of mental health issue, considered "abnormal" due to the crimes they commit. However, this view oversimplifies the complexity of terrorism and stigmatizes mental health. The second approach characterizes terrorists as rational and calculating fanatics, motivated by extreme political or religious ideals. These individuals are seen as educated and capable of developing sophisticated ideological arguments and political analyses. Both approaches have their limitations: the first approach tends to overlook the social, political, and contextual factors contributing to terrorism, while the second approach may oversimplify the motivations and psychological complexities of terrorists (Özdamar, 2008). Understanding terrorism therefore requires a multidimensional analysis that considers not only individual psychological factors but also broader historical, social, political, and economic contexts.

Other psychological approaches have been used to understand terrorist practices. Bandura's theory (1973, 1998) of social learning of aggression proposes that exposure to and imitation of aggressive behaviors through models influence the development of violence. An extension of this theory is applied to understand terrorist behaviors, suggesting that such behaviors are not simply a result of innate aggressiveness but rather a cognitive interpretation and reconstruction of moral imperatives (Victoroff, 2005). In turn, group process theories focus on the debate between group factors versus individual factors in violence, seeking to analyze whether group dynamics alone can transform an ordinary person into a terrorist, or if it is also important to consider history and personality in this process (Victoroff, 2005). On the other hand, organizational process theory views terrorist behavior as the result of internal dynamics within the organization, not just as a strategic action (Crenshaw, 1987).

This variety of evidence helps clarify the complexity of the phenomenon. While psychological approaches are important for understanding terrorist behaviors, they should not be dissociated from the context and circumstances surrounding them. Therefore, to better understand terrorist practices, it is essential to consider the underlying processes, such as recruitment and radicalization into terrorism, as well as the processes of remaining involved and disengaging from a terrorist organization.

Process of Affiliation and Radicalisation to Terrorism

Recruitment and radicalization are interconnected processes that drive an individual to engage in terrorist or extremist activities. Influenced by a combination of external factors and personal circumstances, only a limited portion of those who adopt radical views proceed to engage in terrorist violence (Jenkins, 2018). Recruitment is the process through which terrorist or extremist groups attract and select new members for their causes. Recruiters may employ various strategies, including online propaganda, social networks, personal relationships, and local events, to identify and engage susceptible individuals. Recruiting new members is a crucial stage in the dynamics of terrorist groups, and it is essential to emphasize that no one is born a terrorist (Prezelj & Zalokar, 2024). According to Taarnby (2003), a successful relationship between the recruiter and the potential terrorist depends on an interaction between opposing character traits. These traits are often observed in individual encounters, during which the recruiter asserts their superiority over the candidate, subtly highlighting the differences between them.

There are various possible meanings for the term "radicalization," but the most relevant distinctions can be understood through the usual psychological and social distinctions between belief, sentiment, and behavior (McCauley & Moskalenko, 2008). The definition of radicalization is not simple and has been the subject of extensive debate among researchers and experts analyzing terrorism, without reaching a consensus in this domain. Regardless of the definition used (whether it is seen as a process or a development), there is a common factor in that radicalization involves extremist beliefs and ideologies that may encourage violence. In this sense, it has been argued that people do not radicalize immediately; there is a process over time, becoming receptive to new ideas or worldviews (cognitive flexibility) and through socialization via radical activities (behavioral dimension) (Tolis, 2019). Radicalization can thus be defined as a process of relative change, wherein a group undergoes ideological and/or behavioral transformations that lead to the rejection of democratic principles (including peaceful transfer of power and legitimacy of ideological and political pluralism) and possibly to the use of violence, or an increase in levels of violence, to achieve political aims (Ashour, 2009).

Radicalization is a complex process involving the progressive adoption of extremist ideas and beliefs, often associated with a willingness to resort to violence to achieve ideological goals (Kundnani, 2012). It is important to distinguish radicalization from related concepts such as radicalism and terrorism, as these terms, though frequently used interchangeably, have distinct meanings. Radicalism refers to extreme political or social views, yet not all individuals with such ideologies engage in terrorist activities. While radicalization does not necessarily lead to violent behavior, it can serve as a precursor to terrorism, which is characterized by the deliberate use of violence for political purposes. Furthermore, some individuals with radical beliefs may never resort to terrorism, which represents a more extreme and organized manifestation of radical ideology (Kundnani, 2012).

According to Bjørge (2011), individuals engage in terrorism and similar forms of violent extremism for a variety of reasons, both political and non-political. In the context of radicalization, pressure factors refer to the political and socio-economic conditions that can influence an individual to affiliate with an extremist group. Such factors may also be related to the individual's material and personal circumstances. On the other hand, attraction factors are related to existential issues, such as the search for a sense of identity, which draws individuals to extremist groups and causes. These factors include social networks, such as group members, their followers, associates, family, and peers, which help attract more individuals and reinforce specific ideological convictions (Cherney et al., 2021). It is important to recognize that these factors do not operate independently and can interact with each other. The relative importance of certain pressure and attraction factors varies from individual to individual and should not be seen as deterministic, as individual agency plays a significant role in the degree of influence depending on the context in which the individual is situated (Cherney et al., 2021). According to Jones (2017), radicalization involves a progressive change in beliefs, which can be gradual, with a defined turning point or not, and occasionally can occur rapidly. This process can manifest at various levels and may be influenced by personal concerns, media exposure, rumors, or third-party testimonies (McCauley & Moskaleiko, 2008). Brzica (2017) highlights that the internet has proven to be a powerful tool for extremist organizations to propagate their message, facilitating radicalization and the recruitment of new members. Furthermore, according to Jenkins (2018), jihadist volunteers may perceive terrorism as an opportunity to showcase their masculinity as warriors, and radicalization can be triggered by specific events as recruits seek revenge for perceived injustices against themselves or their communities. Dissatisfaction with expectations among highly educated youth can also contribute to radicalization and recruitment (Darden, 2019). Jones (2017) also emphasizes that the search for

adventure and glory and the influence of friends or charismatic individuals who become guides can lead to affiliation with extremist movements.

The motivations that lead individuals to join terrorist groups are influenced by their education, life experiences, and social or familial connections, which also shape their future roles (Jones, 2017). Understanding the motivations for involvement in violent extremism and associations with movements that use terrorist methods is a complex issue, with challenges in reaching a consensus on the fundamental mechanisms of radicalization (Vergani et al., 2020).

Indeed, it has been argued that the motivations for joining terrorist groups are not always aligned with those for remaining in or disengaging from them (Horgan, 2008), and these factors also require attention.

Permanence and Disengaging from the Terrorist Organisation

Just like with joining, the decision to remain in a terrorist group can involve psychological aspects and various other factors (e.g., social pressure, loyalty to leaders, need for belonging, financial rewards, ideological influence, threats of violence or coercion, societal isolation, or the search for identity and purpose) (Corner & Gill, 2019). Often, the primary challenge for a definitive reaffirmation of identity within the group arises from involvement in activities considered valuable to the terrorist organization (Horgan, 2008). Disengagement, on the other hand, involves a decision made by individual members of a terrorist group, radical movement, or gang to cease their participation in acts of violence (Hwang et al., 2013).

Disengagement, as described by Glazzard (2022), is a neutral term referring to the process of distancing oneself from involvement in terrorist activities. This process is often progressive and characterized by internal reflection. However, disengaging from a terrorist group is not straightforward, as it involves significant personal and social challenges. Corner and Gill (2019) argue that leaving such groups can lead to a substantial reduction in external social options, resulting in isolation from other social networks that once served as critical sources of support. This anticipated isolation often deters individuals from leaving, reinforcing their continued involvement.

The roles members occupy within terrorist organizations further complicate disengagement. Those in specialized roles face higher irrecoverable costs, such as a lack of transferable skills and limited opportunities outside the group, making exit strategies particularly challenging (Corner & Gill, 2019). Moreover, individuals who do successfully disengage frequently experience a profound loss of social identity and struggle with guilt stemming from their actions while involved in terrorism. These

psychological and emotional challenges are significant, as Altier et al. (2020) highlight, and can hinder successful reintegration into broader society.

An event of disengagement is a prolonged period during which an individual is not involved in a terrorist group after a period of engagement, but it does not include brief interruptions in activity (Glazzard, 2022). Although disengagement requires a behavior change, involving leaving a group or modifying the role played within it, it does not necessarily imply a change in values or ideals but demands the abandonment of the goal of seeking change through violence (Chowdhury et al., 2008).

Present study

The concept of terrorism has been discussed and defined according to the interests of those affected by the phenomenon. This has resulted in multiple interpretations by both governments and academics, which makes it difficult to formulate a consensual concept. However, one clear fact is that the capacity and resilience dynamics of terrorist organizations have directly subverted the interests of democratically elected governments, causing suffering and serious humanitarian crises in affected populations, as is the case with the group known as Al Shabaab, formally identified as Harakat Al Shabaab Al Mujahidin ('Mujahidin Youth Movement'). The Al-Shabaab emerged approximately a decade ago in Somalia during a period of increased Islamic militias and clan activity. It established ties with Al Qaeda in the Arabian Peninsula and formally announced its merger with Al Qaeda in February 2012 (Blanchard, 2013). Since 2008, Al-Shabaab has demonstrated operational capability to carry out deadly attacks against Western outposts and adversaries it perceives as outside of Somalia (Agbiboa, 2014). Some authors (Cannon & Iyekekpolo, 2019) consider that Al-Shabaab's cross-border terrorism stems from its ability to sacralize its violent terrorist actions and frame them as part of a wider, global jihadist war. Among other objectives, the terrorists aim to publicize their cause and thus increase their popular support (Faria & Arce, 2005). Al-Shabaab is considered a terrorist organization by many countries and international organizations, including the United States, the European Union, and the United Nations, carrying out a series of violent attacks, including suicide attacks, bombings, and kidnappings. The main aim of this qualitative study is to understand and explore the factors that lead individuals to join, remain in, and leave the Al-Shabaab terrorist group from the perspective of individuals who have been convicted of the crime of terrorism. More specifically, the aim is to: identify the factors associated with the practice of terrorism; understand the dynamics of unity and coexistence in the group; and identify the factors that facilitate joining, remaining in, and leaving the terrorist group.

The present study is part of a line of research dedicated to the dynamics of radicalization and deradicalization, central themes in many contemporary approaches to terrorism. Current literature often highlights the complexity of processes such as joining terrorist movements and the impact of social, economic and psychological factors. In particular, the idea that terrorism can emerge as a response to contexts of social and economic exclusion, as well as the presence of social counter-reform policies, is widely discussed (Cannon & Iyekekpola, 2018).

This analysis of Al-Shabaab aligns with existing literature on jihadist organizations, which highlights their ability to construct potent ideological frameworks that justify violence. Al-Shabaab's positioning within the global jihad movement, including its use of sacralized violence and narratives aimed at garnering popular support, has been a focal point of prior research (Blanchard, 2013). By situating Al-Shabaab within the broader context of transnational terrorism, this study sheds light on the intersection of local radicalization dynamics and global ideological ambitions.

Moreover, the findings offer practical implications for counterterrorism strategies that extend beyond military interventions. Social and economic measures—such as job creation programs, amnesty initiatives, and reintegration centers—are emphasized as vital components of a holistic approach. By exploring the motivations and challenges of Al-Shabaab members, the study provides empirical evidence that can enhance public policy initiatives and deepen theoretical understandings of radicalization and deradicalization processes.

Methods

Participants

Eleven individuals were convicted and imprisoned for the crime of terrorism in Mozambique, by Law no. 13/2022 of 8 July, which establishes the Legal Regime for the Prevention, Repression, and Combat of Terrorism and the Proliferation of Weapons of Mass Destruction, aged between 18 and 68, took part in this study. Seven prisoners refused to be interviewed, citing their lack of interest in this study. The participants were selected based on intentional sampling criteria, observing relevant characteristics according to the study's objectives: individuals convicted of the crime of terrorism.

Table 6. Sociodemographic and legal characterization of the participants

Participant District/Country	Sample characteristics			Profession	Legal Status	Length of Sentence
	Religion	Gender and Age	Language			
P1 Zanzibar	Islamic	Men 27 years	Suaíli	Fisherman	Convicted	19 years and 6 months
P2 Macomia		Men 32 years				
P3 Palma	Islamic	Men 48 years	Makwe/suaíli	Peasant	Convicted	18 years old
P4 Mocímboa		Men 25 years				
P5 Muedumbe	Islamic	Men 30 years	Maconde	Fisherman	Convicted	19 years and 6 months
P6 Pemba		Men 48 years				
P7	Islamic	Men	Muâni/suaíli	Fisherman	Convicted	24 years old

Macomia		32 years				
P8		Men				
Mocímboa	Islamic		Muâni/suaili	Peasant	Convicted	20 years old
P9		Men				
Mocímboa	Islamic		Muâni/suaili	Peasant	Convicted	18 years old
P10		Men				
Mocímboa	Islamic		Muâni/suaili	Fisherman	Preventive	-
P11						
Mocímboa	Islamic	Men 72 years	Muâni/suaili	Fisherman	Convicted	14 years old

All the participants were men, aged between 25 and 76 ($M = 44.45$; $SD = 19.28$), and practiced Islam. The majority spoke Swahili, and had diverse and undifferentiated professions before their imprisonment, including fishermen, peasants, and motorbike taxi drivers. Most of the participants had been convicted of the offense of terrorism, while only one participant was in pre-trial detention. The sentences of the convicted participants ranged from 14 to 24 years (cf. Table 6).

Procedures

Firstly, the project was sent to the Ethics Committee of the University of Minho, and a favorable opinion was obtained (CEICSH 050/2022). Considering the context selected for data collection, it was necessary to request authorization from the Ministry of the Interior through the National Penitentiary Service (SERNAP). On-site, information was sought from the management bodies of the penitentiary in the Pemba district, regarding availability and scheduling of interviews. Once the potential participants had been selected, they were contacted and informed of the voluntary and confidential nature of their participation in the research. Once the participants had given their informed consent, the interviews took place in person during January and February 2022 in a prison in Mozambique. The interviews took place on the most convenient day and time for all the participants involved, in the most soundproof environment, and lasted between 45 and 60 minutes.

Instruments

For data collection, we used a semi-structured qualitative interview and a socio-demographic (e.g., age, nationality, place of birth, gender, language, and tribe) and socio-legal (e.g., length of imprisonment) questionnaire. Semi-structured interviews were used because of their depth, flexibility, and non-directiveness (Fontana & Frey 2005). Based on literature, we drew up a semi-structured interview script, which was then validated by experts in the field. The interview script covers different dimensions that assess affiliation, such as the exploration of the various affiliation factors; permanence, which also explores the factors that conspire to remain in the Al-Shabaab terrorist group, and finally disengagement, exploring its factors within the group.

Data analysis

After transcribing the interviews, their content was subjected to thematic analysis to identify, analyze, and report data patterns used in different qualitative studies, including phenomenological studies (Braun & Clarke, 2006). Sub-themes were found and presented within each theme, and the

names of the themes convey the idea of what they are about. These themes were the result of a thorough, inclusive, and comprehensive coding process. There was a good balance between the analytical narrative and the illustrative extracts provided, and the data was analyzed using the bucket theme format, which summarizes the main content of the participants' accounts and does not go beyond the surface of the data. In this way, no more is gleaned from the data than what the participants have said, and a series of observations are reported, without a fully developed, in-depth, and mature analysis of the data (Braun & Clarke, 2006). Each interview was read several times and significant statements, phrases, or quotes were highlighted to understand the participants' experiences in the process of joining, staying with, and disengaging from the Al-Shabaab group as a whole. These statements were then categorized into groups of preliminary themes; the preliminary themes were then compared, and a thematic meaning structure was developed, consisting of main themes and various sub-themes (Braun & Clarke, 2006). The thematic analysis was carried out by two researchers and then validated by an independent judge. A grounded theory approach (Corbin & Strauss 2008) was used to develop new context-specific analytical categories based on the data rather than on existing theoretical formulations.

Results

The thematic analysis allowed us to identify three main themes: affiliation, permanence, and disengagement. In addition, from the interviews, we were able to identify various sub-themes in the participants' discourse (see Table 7).

Table 7. *System of themes and sub-themes after data analysis*

Main themes	Sub-themes
Affiliation	Unemployment/No future expectations
	Meeting basic needs (hunger)
	The feeling of tribal discrimination
	Coercion (kidnapping)
	Grooming
	Religious manipulation
Permanence	Out of fear
	Difficulty reintegrating into society
Disengagement	Disillusionment
	Health problems
	Counter-terrorism policies

Of the 11 participants involved in the study, the two main factors in joining terrorist groups were coercion (kidnapping) and grooming. These sub-themes were the most frequently addressed by the participants during the interviews, highlighting their relevance in the process of joining these groups. The predominance of these two sub-themes reflects the significant influence of coercive processes and grooming tactics on recruitment to terrorist groups. Kidnapping, for example, is a form of coercion that deprives individuals of their freedom and forces them to join terrorist groups under threat or intimidation. On the other hand, grooming involves manipulating individual vulnerabilities, such as unmet basic needs, lack of prospects, and feelings of discrimination, to recruit new members to terrorist groups.

This vulnerability is further exacerbated by the lack of prospects for a better future. Difficulties in securing employment and a sense of hopelessness regarding the future were highlighted by two participants, underscoring the influence of precarious socioeconomic conditions such as unemployment. (*"We struggle to access employment and do not expect a different future" - P1; "There's no employment or occupation for many of us. We young people have no prospects and rely on luck. I learned fishing from my father and have been living off it since childhood" – P7*). Additionally, there's a lack of basic needs such as food (*"At my age, despite my desire to return to studying, I face the barrier called hunger, which has always forced me to take odd jobs first, off... my life has never been easy,*

which is why I always say in conversations here that it's hard for a hungry person not to be swayed by the 'Shabaabs' talk" - P8), highlighting individuals' vulnerability to joining terrorist groups.

During the interviews, some participants (N=2) mentioned feelings of tribal discrimination, which are evident in the lack of equal opportunities for public office and the privileges granted to members of other tribes when it comes to assuming prominent positions in the district ("Our Muâni tribe is always last in everything, we are the forgotten ones of this Macondes government, the political leaders don't know what's happening in Mocímboa because they come from other provinces [come from other provinces] *and we always feel discriminated against for being from Mocímboa da Praia" - P9; "Our district Mocímboa da Praia seemed to be developing, and there were already opportunities for doing business, like selling second-hand clothes, M-Pesa, and motorcycle taxis, but it was mostly people from outside the district who benefited. We always had precarious jobs; we deserve more opportunities" - P10).*

Furthermore, some participants (N=4) also highlighted the enticing factors contributing to the recruitment process, including offers and promises of monetary rewards, as well as the opportunity to live true muslim faith by the principles of the Quran ("*I was deceived by friends who promised me money; today I regret it because I never cared to know how they would acquire that money, but being unemployed, I accepted. There's a lack of job opportunities, which is why we are easily lured by groups promising good living conditions and intimacy in the Islamic faith" - P2; "Most of the 'Shabaabs' [abbreviation used to refer to this group of young terrorists] are young Mozambicans like me who were manipulated and lured with monetary incentives due to the lack of employment. If it weren't for the collaboration of locals in villages and towns, terrorism wouldn't occur because it's difficult for outsiders to enter a foreign country without the help of nationals" - P9. "The socio-economic conditions generally allow for recruitment, but I also feel that terrorism could spread to the neighboring provinces of Niassa and Nampula due to poverty" - P6; "Recruitment was done in our district, Mocímboa, by known individuals who were Sheiks and close friends. The education system barely functions in our district. There should be efforts to create more public services because improving these services and implementing projects that can engage local youth, it ld make it more difficult to be exposed to recruitment. The youth feel excluded from society" - P10).*

Some participants (N=8) claimed to have been coerced into joining the group. These participants (P2, P4, P8, P10, and P11) who were coerced unanimously reported being kidnapped, forced, and threatened to join the group. Coercion in this study is framed within the context of recruitment through abduction (*'They kidnapped me at home in Macomia District in June 2019 and*

forced me to go with them, so I became part of the group' - P7), kidnapping ('I was kidnapped by the Al-Shababs in the attack of 24 March 2021 in Palma, around 4 pm they found me and forced me to go with them' - P1), threats and the use of force ('I joined the group on 17 August 2019, when I was forced by around 18 insurgents, at the crossroads for those going to the Metuge District' - P5).

Religious manipulation was identified by three participants as another factor in joining the terrorist group. According to the same participants, it is through mosques and madrasahs that certain religious leaders radicalize young people and distort what is recommended in the Quran to join the jihad (*"The spiritual is lacking, although we have many mosques and madrasahs, many aspects of the doctrine have been changed. For example, you can now enter mosques with shoes and bladed weapons, which started in the last four years - P1); "Many of the young people who lived with us were deceived by the national religious leaders, whose leaders have trained abroad (Sudan). And when they return, they start practicing the cycle of violent indoctrination, alluding to the need to create a caliphate and jihad to fight the infidels" - P9; "At the base, I realized that many of the instructors in the group didn't profess Islam, and not all of them knew the Quran" - P4.*

From the interviews, it was possible to see that coercion emerged as one of the main ways in which participants joined the Al-Shabaab group, followed by grooming. The process of joining the participants interviewed took place between 2019 and 2021 (Table 8).

Table 8. Year of joining the group and the process of joining: coercion and grooming strategies

Year of joining the group	Through Grooming	Through Coercion
2021	-	P1
2020	-	P2
2021	P3	-
2021	-	P4
2019	-	P5
2019	P6	-
2019	-	P7
2020	-	P8
2020	P9	-
2021	-	P10
2021	-	P11

The theme of permanence is understood here as Al-Shabaab's ability to keep its members within the group for as long as possible. In other words, it's the ability to recruit and ensure that the newly recruited remain in the group. Some of the participants (N=4) pointed to fear as one of the main factors for staying. This fear was expressed in the form of reprisals, death threats, or death if they were found materializing an escape attempt (*'I was afraid of possible reprisals' - P2; 'I was very afraid, 6 days after I was captured, I and 5 other young people tried to escape. We were found and taken to a remote point where the camp was out of sight. One by one, the 'terrorists' said you could go to your houses after the people had gone into the woods in the pretense of going home; further on, it was possible to hear groans drowned in sighs of agony. When it was my turn, I asked to say a prayer before going to the supposed house, and when I finished, one of them said: we can't, this one won't go home because he's a Muslim like us. He exclaimed: he's not a pig! That's how I escaped death.'* -P4; *We were very controlled; I was afraid to run away because they constantly threatened us, we were punished when someone tried to run away or when one of us managed to run away' -P7 'I was afraid to run away and leave my two daughters there' -P11).*

The participants (N=2) also based their stay in the group on the difficulties of social reintegration, alluding to the fact that it was destroyed and also because their family members were dead and it would be very challenging to start life again from scratch (*'I had nowhere to go so I stayed, my family was all killed' - P5; 'There was no reason for me to run away, I knew I wouldn't have a job, I had to start from scratch because everything was destroyed' - P6).*

Unmet expectations were identified by two participants as the cause of disengagement and disillusionment (*'When I was invited to join the group, I was told that I would have a lot of money, and at first they did give me money to give to my family, but then they never gave me any more money, so when the attacks on the base began, I ran away with three other people' - P3);* as well as the lies (*'Over time, I realized that what the leaders were saying was all lies, the economic issues that were got solved by being in the group, I didn't see until one day I and five others managed to escape. What they practiced had nothing to do with the Koran or religion, people were being deceived and so every day I just thought about running away, but I had to wait for the right moment with the risk of being killed if I was found' P9);*

Some participants (N=2) also associated their disengagement with health issues, either at an individual or family level (*'With the worsening illness of one of my daughters who were on the base with me and without medical assistance, my concern became looking for the right moment to flee' - P11)* and inside the camp (*'I was already a bit sick and for many of the sick like me, it was normal on the*

base to suffer and die from malaria or other illnesses due to lack of medical attention. For fear of dying, with the strength I still had, I took the first good opportunity I had to escape' - P8).

Political-military interventions, whether aerial or ground-based, were also identified by participants (N=2) as another reason for their disengagement, mentioning aerial intervention (*'One day there was an air patrol at our base and when the (Shabaabs) saw the helicopter they sent us into the bush, that's when I took the opportunity to escape with six other people, after reaching the river we met another population coming from the border with Tanzania and we went towards Quiwia (Quionga) beach' - P5*) and ground intervention (*'The government forces, through ground intervention, attacked our base and that's when I was captured' - P1*).

Discussion

The present research aimed to analyze the main factors associated with the processes of joining, staying in, and leaving the Al-Shabaab group in Mozambique. By addressing these dynamics, the study seeks to contribute to a deeper understanding of terrorist practices while offering insights to inform policies on combatting extremism and promoting disengagement.

One of the factors identified by the participants, related to joining the terrorist group, was the recruitment by already radicalized friends, who, knowing the needs of their social circle, easily attracted others to the group. These results are in line with research from the United Nations Development Program, which revealed that the majority of respondents involved in violent extremist groups in Africa were recruited by a friend (Darden, 2019). Other studies (McCauley & Moskalenko, 2008) have shown that terrorist groups recruit family members and friends of individuals already involved in their areas of origin. People are recruited into terrorist groups through personal relationships established with group members.

Some participants acknowledged that the promise of a salary influenced their decision to join Al-Shabaab, particularly in the context of limited livelihood opportunities and high unemployment rates in Cabo Delgado. This reflects how economic exclusion and systemic marginalization in the region have been effectively exploited by the group to attract recruits. Additionally, in some cases, the process of joining was further driven by real or implied threats from the terrorist group (Khalil et al., 2019).

Other grooming factors mentioned by participants refer to the exploitation of social weaknesses by terrorists. Terrorist organizations capitalize on social and economic problems to influence as many people as possible (Yayla, 2007). Coercion through kidnapping and violence was identified by

participants as one of the recruitment strategies. The use of kidnappings, direct violence, and arrests to recruit new members is not new in Somalia, where Al-Shabaab in 2017 used arrests, violence, and intimidation to recruit around 1,770 young people (Darden, 2019).

Another affiliation factor mentioned by participants was religious manipulation, with frequent references to the concept of "jihad". According to Jones (2017), the term "jihad" was reinterpreted by a Salafist subgroup as part of their propaganda strategy, coming to mean an armed struggle against nonbelievers. The use of manipulation of religious terms in the membership process appears as a "brainwashing" strategy, leading the potential recruit to believe that they must inflict deliberate violence on all those who do not profess Islam. However, it is important to clarify that the word "jihad" literally means "effort" or "struggle", not necessarily a fight against others. Many Muslims understand jihad as a personal struggle, a search for self-perfection and spiritual reflection (Tolis, 2019). Religious ideology has been considered one of the most powerful motivating forces associated with contemporary terrorism (Forest, 2006).

Participants identified fear as a primary factor exploited by Al-Shabaab to ensure continued membership. This fear stems from threats of violent reprisals for attempted escape, including harm to family members. These coercive tactics create a climate of psychological dependency, wherein individuals are both physically and socially isolated from alternative support systems (Jensen et al., 2020). Difficulties in social reintegration were also associated with remaining in the terrorist group. Those who choose to disassociate often face difficulties in safely leaving the terrorist organization to which they belong, experiencing insecurity regarding their new role in society, which often favors their return to the group (Horgan, 2008). However, some participants, as argued by Grip & Kotajoki (2019), suggested that the sense of fear and insecurity experienced while participating in an extremist group may be a motivating factor for defection from the group.

Regarding the process of disbanding terrorist groups, participants alluded to disappointment, reflected in the frustration of expectations and the violence exercised by the group's leaders. Furthermore, in other studies (Barrelle, 2015), disappointment with the behavior of group leaders emerged as the main reason for leaving. Participants also reported that political intervention and the reinforcement of military forces contributed, in some way, to the deterrence of terrorist activities and the consequent release of their members and prisoners. Improving police capacity has led to a reassessment of the costs and benefits of continuing terrorist actions (Chernov et al., 2013).

In this study, disillusionment corroborates the findings on attraction factors, which emphasize disenchantment with leadership and reflections on the opportunities that terrorists may have outside the group (Vergani et al., 2018). According to Amble and Meleagrou-Hitchens (2014), the resolution of tribal conflicts by the Somaliland government prevented Al-Shabaab from manipulating populations and inviting them to join the terrorist group.

Meanwhile, since 2021, the Southern African Development Mission in Mozambique (SAMIM) has been fighting terrorism and even recovering strategic districts such as Mocimboa da Praia and Macomia. However, the military approach to defeating Al-Shabaab was not entirely successful, as, despite these efforts, the group demonstrated considerable resistance, even managing to launch attacks in new areas of the southern region of Cabo Delgado, previously considered safe, because they are outside traditional conflict zones.

Limitations and future research directions

Despite the important contributions of this study to a better understanding of terrorist practices in Mozambique, it is not without its limitations, which need to be identified to better interpret the results. Firstly, it was conducted only with male participants who had been convicted of terrorist activities, like what happens in other studies (Biswas & Deylami, 2019). Although in smaller numbers, women are also involved in terrorism, it would be essential for future studies to endeavor to include gender diversity in their samples (Sjoberg & Gentry, 2011).

On the other hand, this is a qualitative study involving a small sample, so it would be equally important for future studies to use other quantitative and longitudinal methodologies to better understand the evolutionary path of individuals involved in terrorist practices. It would also be important to involve and listen to the agents who operate in Cabo Delgado, such as the Non-Governmental Organisations that are on the ground, and the displaced persons from the war, to achieve a more holistic understanding of this phenomenon. Furthermore, by giving displaced people a voice, we are not only recognizing their dignity and rights, but also ensuring that their needs and concerns are duly considered in ongoing policies and initiatives.

Furthermore, the study involved participants in a situation of confinement, their accounts may be subject to retrospective bias, especially when they remain in the group, associated with social reintegration. Once convicted, and wishing to soften their actions, individuals may choose to omit facts by presenting a certain distortion of the image of their involvement in terrorism. Interviews are also

subject to reactivity, where the interviewer's behavior or questions can inadvertently influence the interviewee's account.

Conclusion

This study aimed to understand the factors that lead to affiliation, permanence, and disengagement from the Al-Shabaab terrorist group operating in Cabo Delgado, Mozambique. To our knowledge, this is the first study to investigate these factors in the context of Al-Shabaab in Mozambique. The study identified that psychological manipulation (grooming) and coercion were fundamental factors in the recruitment process. As presented in Table 3, 27.27% of recruits were influenced by grooming, while 72.73% were coerced into membership.

The study also found that the primary motivation for joining Al-Shabaab stemmed from the precariousness of public policies, particularly in employment, education, and sociocultural issues. Coercion manifested through kidnappings, death threats, and violence, which forced individuals to join the group.

The persistence of members in Al-Shabaab is closely linked to fear. Additionally, the lack of clear social reintegration policies that could assist individuals disassociating from the group exacerbates the problem. The main factors contributing to disengagement were military interventions and disillusionment with unmet personal expectations within the group.

The Southern African Development Mission in Mozambique (SAMIM) is expected to withdraw its troops from the region in the second half of 2024, making a complete military defeat of Al-Shabaab soon unlikely. This situation highlights the need to explore alternative solutions. A relevant example is the negotiations with the Taliban in Afghanistan, which, despite being classified as a terrorist group, were possible.

The findings of this study have important practical implications for counter-terrorism efforts in Mozambique. The study supports the recommendation for the government to invest in employment and vocational training infrastructure across northern, central, and southern Cabo Delgado. Additionally, increasing the visibility of amnesty and social reintegration programs through media outreach is crucial to encouraging disaffiliation from Al-Shabaab. For residents of the conflict region, it is essential to prioritize job creation and public leadership positions to reduce social inequalities and unemployment.

Data Availability Statement

The data supporting the findings of this study are available on request from the corresponding author. The data is not publicly available due to information derived from the interviews with the participants that may compromise their privacy in the research, as emphasized in the informed consent signed by them and in line with the opinion of the Ethics Committee.

The availability of the data is subject to ethical and privacy restrictions.

References

- Agbiboa, D. (2014). Terrorism without Borders: Somalia's Al-Shabaab and the Global Jihad Network. *Journal of Terrorism Research*, 5(1), 27-34. <http://doi.org/10.15664/jtr.826>
- Altier, M. B., Boyle, E. L., & Horgan, J. G. (2020). Terrorist transformations: The link between terrorist roles and terrorist disengagement. *Studies in Conflict & Terrorism*, 45(9), 753–777. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2019.1700038>
- Amble, J. C., & Meleagrou-Hitchens, A. (2014). Jihadist radicalization in East Africa: Two case studies. *Terrorism and Political Violence*, 26(3), 523-540. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.893406>
- Ashour, O. (2009). *The De-Radicalization of Jihadists: Transforming armed Islamist movements*. Abingdon, Oxon: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203877098>
- Biswas, B., & Deylami, S. (2019). Radicalizing female empowerment: gender, agency, and affective appeals in Islamic State propaganda. *Small Wars & Insurgencies*, 30(6-7), 1193-1213. <https://doi.org/10.1080/09592318.2019.1649831>
- Bjørge, T. (2011). Dreams and disillusionment: Engagement in and disengagement from militant extremist groups. *Crime Law Soc Change*, 55(3), 277–285. <https://doi.org/10.1007/s10611-011-9282-9>
- Blanchard, L. P. (2013). *The September 2013 terrorist attack in Kenya: In brief*. Congressional Research Service. <https://www.crs.gov>
- Blanchard, L. P. (2013, November 14). *The September 2013 Terrorist Attack in Kenya: In Brief*(No. R43245). Congressional Research Service. <https://www.crs.gov/>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brzica, N. (2017). Potential Adherents of Radical Islam in Europe: Methods of Recruitment and the Age of Perpetrators in Acts of Terror. *Croatian Political Science Review*, 54(4), 161-184. <https://doi.org/10.20901/cpsr.54.4.07>

- Cannon, B., & Iyekekpola, W. (2018). Explaining transborder terrorist attacks: The cases of Boko Haram and Al-Shabaab. *African Security*, 11(4), 370-396.
<https://doi.org/10.1080/19392206.2018.1560970>
- Cannon, B., & Iyekekpola, W. (2019). Explaining Transborder Terrorist Attacks: The Cases of Boko Haram and Al-Shabaab. *Studies in Conflict & Terrorism*, 42(5), 370-396.
<https://doi.org/10.1080/19392206.2018.1560970>
- Cherney, A., Putra, I. E., Putera, V. S., Erikha, F., & Magrie, M. F. (2021). The push and pull of radicalization and extremist disengagement: The application of criminological theory to Indonesian and Australian cases of radicalization. *Journal of Criminology*, 54(4), 407–424.
<https://doi.org/10.1177/26338076211034893>
- Chernov Hwang, J., Panggabean, R., & Fauzi, I. A. (2013). The disengagement of Jihadis in Poso, Indonesia. *Asian Survey*, 53, 754–777. <https://doi.org/10.1525/as.2013.53.4.754>
- Chowdhury Fink, N., & Hearne, E. B. (2008). *Beyond Terrorism: Deradicalization and Disengagement from Violent Extremism*. International Peace Institute. <https://www.ipinst.org/wp-content/uploads/publications/beter.pdf>
- Corbin, J., & Strauss, A. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (3rd ed.). Sage Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781452230153>
- Corner, E., & Gill, P. (2019). Psychological Distress, Terrorist Involvement and Disengagement from Terrorism: A Sequence Analysis Approach. *Journal of Quantitative Criminology*, 36(3), 499–526. <https://doi.org/10.1007/s10940-019-09420-1>
- Crenshaw, M. (1987). Theories of terrorism: Instrumental and organizational approaches. *Journal of Strategic Studies*, 10(4), 13-31. <https://doi.org/10.1080/01402398708437313>
- Darden, J. T. (2019). *Tackling Terrorists' Exploitation of Youth*. American Enterprise Institute.
- Doosje, B., Moghaddam, F. M., Kruglanski, A. W., de Wolf, A., Mann, L., & Feddes, A. R. (2016). Terrorism, Radicalization and De-radicalization. *Current Opinion in Psychology*, 8, 7-11.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.06.008>

- Faria, J. R., & Arce M., D. G. (2005). Terror support and recruitment. *Defence and Peace Economics*, 16(4), 263–273. <https://doi.org/10.1080/1024269052000344855>
- Forest, J. J. F. (2006). Exploring the recruitment of terrorists: An introduction. In J. J. F. Forest (Ed.), *The Making of a Terrorist: Recruitment, Training, and Root Causes* (pp. 1-16). Westport, CT: Praeger Security International.
- Glazzard, A. (2022). Violent Extremist Disengagement and Reintegration: A Framework for Planning, Design and Evaluation of Programmatic Interventions. *Studies in Conflict & Terrorism*. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2022.2098553>.
- Grip, L., & Kotajoki, J. (2019). Deradicalization, disengagement, rehabilitation, and reintegration of violent extremists in conflict-affected contexts: a systematic literature review. *Conflict, Security & Development*, 19(2):1-32. [10.1080/14678802.2019.1626577](https://doi.org/10.1080/14678802.2019.1626577).
- Horgan, J. (2008). From Profiles to Pathways and Roots to Routes: Perspectives from Psychology on Radicalization into Terrorism. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 618(1), 80–94. <https://doi.org/10.1177/0002716208317539>
- <https://doi.org/10.1080/19434472.2014.988165>
- <https://www.un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2019/05/report/tackling-terrorists-exploitation-of-youth/Tackling-Terrorists-Exploitation-of-Youth.pdf>
- International Center for the Study of Terrorism. (2013, April). Report on Roles and Functions in Terrorist Groups as They Relate to the Likelihood of Exit. 326 Pond Laboratory, University Park, PA 16802. <http://www.icst.psu.edu/>
- Jenkins, B. M. (2018). *Stray Dogs and Virtual Armies: Radicalization and Recruitment to Jihadist Terrorism in the United States Since 9/11*. RAND Corporation. <https://www.jstor.org/stable/10.7249/op343rc.9>
- Jensen, M., James, P., & Yates, E. (2020). Contextualizing Disengagement: How Exit Barriers Shape the Pathways Out of Far-Right Extremism in the United States. *Studies in Conflict & Terrorism*, 46(3), 1-29. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1759182>

- Jones, E. (2017). The reception of broadcast terrorism: Recruitment and radicalisation. *International Review of Psychiatry*, 29(4), 320–326. <https://doi.org/10.1080/09540261.2017.1343529>.
- Kate Barrelle (2015) Pro-integration: disengagement from and life after extremism, *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 7(2), 129-142,
- Khalil, J., Brown, R., Chant, C., Olowo, P., & Wood, N. (2019, January). Deradicalisation and Disengagement in Somalia: Evidence from a Rehabilitation Programme for Former Members of Al-Shabaab. *Royal United Services Institute*.
https://socialsciences.exeter.ac.uk/media/universityofexeter/strategyandsecurityinstitute/pdfs/Deradicalisation_and_disengagement_in_somalia_web.pdf
- Kundnani, A. (2012). Radicalisation: The journey of a concept. *Race & Class*, 54(2), 3-25.
<https://doi.org/10.1177/0306396812454984>
- Lia, B. (2004). *CAUSES OF TERRORISM: An Expanded and Updated Review of the Literature* (No. FFI/RAPPORT-2004/04307). [10.13140/RG.2.1.3776.6882](https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3776.6882).
- McCauley, C., & Moskalenko, S. (2008). Mechanisms of Political Radicalization: Pathways Toward Terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 20(3), 415-433.
<https://doi.org/10.1080/09546550802073367>
- Özdamar, Ö. (2008). Theorizing terrorist behavior: Major approaches and their characteristics. *Defence Against Terrorism Review*, 1(2), 89-101.
- Prezelj, I., & Zalokar, L. (2024). Recruitment models and approaches of Islamist terrorist groups: The cases of al Qaeda and ISIS. *Cogent Social Sciences*, 10(1).
<https://doi.org/10.1080/23311886.2023.22898734>
- Richards, A. (2014). Conceptualizing Terrorism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 37(3), 213–236.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.872023>
- Ruby, C. L. (2002). The definition of terrorism. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 2, 9–14.
<https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2002.00021.x>
- Schmid, A. P. (2023, March). Defining Terrorism. *International Centre for Counterterrorism (ICCT)*.
https://www.icct.nl/sites/default/files/2023-03/Schmidt%20-%20Defining%20Terrorism_1.pdf

Schmid, A. P., & Jongman, A. J. (1988). *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories and Literature*. Amsterdam: Swidoc

Sjoberg, I., & Gentry, C. E. (Eds.). (2011). *Women, Gender, and Terrorism*. University of Georgia Press.
<https://doi.org/10.2307/j.ctt46nnjp>

Taarnby, M. (2003). Profiling Islamic Suicide Terrorists. Justitsministeriet.
https://www.justitsministeriet.dk/sites/default/files/media/Arbejdsomraader/Forskning/Forskningspuljen/2011/2003/Profilering_af_islamiske_selvmordsterrorister.pdf

Tolis, E. (2019). Investigating the influence of radicalisation on the recruitment process: A critical analysis. *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 14(2), 129-146.
<https://doi.org/10.1080/18335330.2019.1572910>.

Vergani, M., Iqbal, M., Ilbahar, E., & Barton, G. (2020). The Three Ps of Radicalization: Push, Pull, and Personal. A Systematic Scoping Review of the Scientific Evidence about Radicalization Into Violent Extremism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 43(10), 854.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2018.1505686>

Victoroff, J. (2005). The mind of the terrorist: A review and critique of psychological approaches. *Journal of Conflict Resolution*, 49(1), 3-42. <https://doi.org/10.1177/0022002704272040>

Yayla, A. S. (2007). A Case Study on the Recruitment Process of Terrorist Organizations. *Understanding Terrorism: Analysis of Sociological and Psychological Aspects*. IOS Press.

3. Práticas e estratégias legais no combate ao terrorismo em Moçambique: Perspetivas dos magistrados

Licínio Zitha^a, Rui Abrunhosa Gonçalves^a e Sónia Caridade^a. ^a Centro de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal [Artigo Submetido na Revista de Sociologia e Política]

Resumo

O terrorismo configura uma violação dos princípios fundamentais do direito internacional humanitário, desrespeitando o princípio primordial da dignidade humana. O presente estudo, de cariz qualitativo, procura analisar a perspetiva dos magistrados sobre as práticas adotadas no combate ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique. Foram entrevistados 10 participantes (magistrados), com idades compreendidas entre os 30 a 55 anos. Os participantes descreveram o terrorismo como um crime violento que afeta tanto civis quanto militares, gerando deslocamentos em massa, retração de investimentos e a necessidade de adaptação das leis. As estratégias de combate apontadas incluem a intervenção da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique o uso de drones, a capacitação contínua dos magistrados e das FDS, programas de desradicalização. Além disso, os participantes destacaram o papel do direito penal no combate ao terrorismo, alertando para o risco de punições excessivas e violação de direitos humanos, bem como a dificuldade de definir consensualmente o terrorismo a nível internacional, dada sua natureza transnacional e ideológica. As implicações deste estudo destacam a importância de um equilíbrio entre medidas de segurança e a proteção dos direitos humanos no combate ao terrorismo, salientando que a retração do investimento e a desaceleração da economia nacional consubstanciam consequências do terrorismo em Moçambique.

Palavras-chave: Terrorismo, Direito Penal, Moçambique, magistrados, Estratégias Legais.

Introdução

Um dos primeiros exemplos documentados de atividade terrorista ocorreu no século I a.c., quando os Sicari, uma facção radical dos Zelotes judeus, atacaram e assassinaram as suas vítimas com punhais na Judeia, sob domínio romano, com o objetivo de incitar uma revolta (Cronin, 2003). Desde então, o terrorismo evoluiu em significado e prática, tornando-se um fenómeno complexo e multifacetado. No entanto e apesar dos esforços internacionais, ainda não existe uma definição universalmente consensual para o terrorismo, o que tem colocado desafios significativos para a cooperação internacional no combate a essa ameaça. No âmbito do direito internacional, a ausência de uma definição clara para o terrorismo gera incertezas jurídicas e compromete a eficácia da cooperação entre Estados. Enquanto países como o Quênia e a Somália definem o terrorismo exclusivamente para fins penais, (Callegari & Linhares, 2014), outros como a França e o Reino Unido adotam abordagens mais abrangentes, que incluem elementos como a criação de um ambiente de terror e a perseguição de objetivos políticos ou ideológicos (Schmid, 2008). Essa disparidade reflete as diferentes trajetórias históricas e agendas políticas de cada Estado, o que, por sua vez, obstaculiza a harmonização das práticas jurídicas e a implementação de mecanismos eficazes de combate ao terrorismo. Uma distinção crucial a ser feita é entre atos terroristas e o terrorismo como ideologia. Os atos terroristas podem ser cometidos por indivíduos ou grupos que não necessariamente se identificam com o terrorismo enquanto movimento político ou ideológico. Por exemplo, forças armadas estatais, extremistas independentes ou até mesmo criminosos comuns podem recorrer a táticas terroristas sem serem considerados parte de uma organização terrorista (Colombo, 2016). Em contraste, o terrorismo como lógica de ação envolve ataques indiscriminados contra inocentes e motivações políticas mais amplas, como a desestabilização de governos ou a intimidação de populações inteiras (Garcia Suarez, 2012).

O primeiro ataque terrorista registado em Moçambique, ocorrido em 5 de outubro de 2017, na vila de Mocimboa da Praia, exemplifica as complexidades na definição e categorização do terrorismo. Diversas fontes indicam que muitos dos insurgentes eram naturais da própria vila ou de distritos vizinhos, e foram reconhecidos por moradores locais como membros de um grupo religioso chamado 'Al-Shabaab' (Morier-Genoud, 2021). Essa situação ilustra a dificuldade de distinguir entre terrorismo, insurgência e criminalidade comum, especialmente em contextos onde fatores como a pobreza e gestão governativa problemática contribuem para o surgimento de grupos armados.

A relação entre terrorismo e direito penal também sido objeto de considerável debate. Enquanto muitos Estados recorrem ao direito penal para combater o terrorismo, enquadrando os atos terroristas

como crimes comuns, como homicídio ou conspiração (Ramraj et al., 2005), outros argumentam que essa abordagem pode ser inadequada para lidar com a complexidade do fenômeno. A aplicação excessiva de medidas punitivas pode resultar na violação de direitos humanos e no agravamento das tensões sociais, especialmente quando não são observadas as garantias e restrições próprias do direito penal (Piovesan, 2019).

Concomitantemente, a crescente transnacionalidade do terrorismo, facilitada por tecnologias modernas e pelo envolvimento de diásporas, dificulta ainda mais a distinção entre terrorismo e outros tipos de violência política. Com fronteiras cada vez mais indistintas entre guerra e paz, o uso de guerra por procuração e guerra híbrida, bem como a interferência de atores externos, contribuem para a indefinição entre o direito internacional humanitário e o direito penal internacional (Schmid, 2008). A falta de consenso jurídico sobre o uso da força em tempos de paz e fora das zonas de conflito armado é um dos maiores desafios para a comunidade internacional.

Perante estes desafios, é fundamental que a comunidade internacional continue a desencadear esforços com vista a alcançar-se uma definição mais clara e consensual de terrorismo, que contemple as suas diversas formas de manifestação e que respeite as particularidades de cada contexto social e político. Consideramos, pois, que somente mediante uma abordagem integrada e colaborativa será possível enfrentar de forma eficaz esta ameaça global.

Características do terrorismo: motivações, impacto e desafios

O terrorismo representa uma violação dos princípios fundamentais do direito internacional humanitário, contrariando o princípio básico da humanidade (Schmid, 2008). Este fenômeno multifacetado desafia a estabilidade global e está intimamente ligado a uma série de fatores históricos, sociais, políticos e económicos. As redes globais de jihadistas, formadas em conflitos como os do Afeganistão, Kosovo e Chechênia, exemplificam a complexidade das conexões entre diferentes grupos terroristas (Kilcullen, 2005). Compreender a lógica subjacente ao terrorismo é essencial para desenvolver estratégias eficazes de combate e prevenção.

Efetivamente, o terrorismo não se limita a uma luta pela vitória militar ou pela tomada de poder, mas ambiciona, sobretudo, disseminar o medo e desestabilizar a sociedade. Diferentemente de assassinatos direcionados, onde as vítimas são escolhidas pela sua notoriedade, o terrorismo tem como alvo a população em geral, independentemente da identidade individual das vítimas (Colombo, 2016). A motivação dos terroristas pode variar de queixas sociais e políticas a influências religiosas e

ideológicas, sendo frequentemente exacerbado por desigualdades económicas e exclusão política (Collier & Hoeffler, 1999).

Embora a relação entre organizações criminosas transnacionais e grupos terroristas seja amplamente ambígua e pouco explorada teoricamente, a presença do terrorismo em determinadas áreas poderá ser também influenciada pelas oportunidades geradas pelo crime organizado transnacional e pelo comércio ilegal global, especialmente o tráfico de drogas, devido aos lucros provenientes dessas atividades (Lia, 2004).

Estados que se apresentam mais frágeis, incapazes de fornecer serviços básicos e garantir a segurança interna, constituem um terreno fértil para o surgimento de movimentos terroristas. Mais concretamente, desencadear ações repressivas, como detenções arbitrárias e assassinatos de civis, muitas vezes alimentam o ressentimento e a radicalização, levando jovens a aderirem a grupos extremistas (Breidlid, 2021). Além disso, a exploração política de divisões sociais e identitárias pode intensificar conflitos e gerar violência (Adelaja & George, 2020).

O impacto do terrorismo vai além do número de vítimas e da destruição material. O seu principal objetivo é espalhar o medo, minando a confiança nas instituições e na capacidade do Estado para proteger os seus cidadãos (Siman-Tov et al., 2016). A insegurança gerada por ataques terroristas pode resultar em profundas consequências económicas e sociais, afetando a coesão social e a estabilidade política (Siman-Tov et al., 2016).

Embora o direito internacional humanitário forneça diretrizes sobre o uso da força em tempos de guerra, ainda há lacunas na regulação da violência política em tempos de paz (Schmid, 2008). A complexidade do terrorismo exige, portanto, uma análise multidimensional que atenda a fatores políticos, sociais, económicos e ideológicos. Somente com uma compreensão abrangente e uma resposta coordenada será possível mitigar os efeitos devastadores desse fenómeno global.

Estratégias de combate ao terrorismo

A confluência entre as transformações provocadas pela globalização, as fragilidades políticas e socioeconómicas inerentes à região árabe e a resposta inadequada dos Estados Unidos a essas questões tem contribuído para que o terrorismo continue a representar uma das maiores ameaças aos interesses dos EUA e do Ocidente no século XXI (Cronin, 2003). Contudo, apesar da gravidade da ameaça, as estratégias para enfrentar o terrorismo ainda carecem de inovação, especialmente no que se refere à adaptação a novos contextos e dinâmicas globais.

No combate ao terrorismo, é essencial que os Estados e as organizações internacionais adotem medidas que garantam a segurança nacional e internacional, restabelecendo a paz e a estabilidade onde o terrorismo procura desestabilizar a ordem (Schmid, 2008). As insurreições e outras formas de conflito armado, embora motivadas por variadas ideologias, são caracterizadas fundamentalmente pelas suas metodologias. Neste sentido, estratégias efetivas para combater insurgências têm de considerar tanto os fatores motivacionais quanto os métodos operacionais dos grupos envolvidos (Jones et al., 2012).

Concomitantemente, o sucesso no combate ao terrorismo depende também e de forma considerável das decisões políticas que deslegitimem os atores terroristas e assegurem o respaldo necessário para ações governamentais rigorosas e assertivas (Byman, 2021). Medidas como o fortalecimento de alvos sensíveis, tais como embaixadas e fronteiras, assim como a recusa em ceder a demandas terroristas, têm sido identificadas como podendo reduzir a motivação dos atacantes e, conseqüentemente, diminuir a eficácia de suas táticas (Kilcullen, 2005).

No contexto de contrainsurreição, a competência linguística e cultural dos agentes é vital. Isso cria um ambiente mais permissivo para operações de segurança, melhora a coleta de informações e facilita a interação com as comunidades locais, elementos essenciais para o sucesso de campanhas antiterroristas (Jones et al., 2012). Além disso, a abordagem de "corações e mentes" visa abordar as queixas que alimentam as insurgências, neutralizando os argumentos dos grupos extremistas e diminuindo seu apoio popular. Um exemplo notável dessa estratégia foi a neutralização do apelo comunista ao nacionalismo na Malásia pelos britânicos, ao estabelecerem uma data para a independência e iniciarem a transição para um governo autônomo (Kilcullen, 2005).

A dissuasão, por sua vez, tem sido reconhecida como uma importante e eficaz ferramenta para desencorajar ações terroristas, especialmente ao visar componentes das redes de apoio que sejam mais vulneráveis a sanções ou medidas coercitivas. O sucesso dessa estratégia depende da identificação e punição dos financiadores e colaboradores dos grupos terroristas, minando o suporte logístico e financeiro que sustenta as suas operações (Wilner & Dubouloz, 2006). No entanto, a dissuasão deve ser complementada com políticas de cooperação internacional para controlar o fluxo de recursos financeiros e humanos entre os diferentes focos de atividade terrorista.

Outra estratégia relevante no combate ao terrorismo envolve a desagregação, que visa desarticular as conexões entre diferentes teatros de operações terroristas, impedindo que atores regionais e globais colaborem e apoiem operações locais. Esta estratégia poderá envolver a negação de refúgios seguros, o isolamento de militantes das populações civis e a interrupção de fluxos financeiros

e logísticos que sustentam a jihad em múltiplos locais (Jones et al., 2012). Embora eficaz, a desagregação exige também uma coordenação complexa entre múltiplos atores estatais e não estatais, além de um profundo entendimento dos contextos culturais e políticos em cada região de operação.

Por último, tem sido defendido que as estratégias de combate ao terrorismo devem ser flexíveis e adaptáveis, respondendo não apenas aos atos de violência, mas também às causas subjacentes que incentivam o recrutamento e a radicalização. A combinação de medidas repressivas com iniciativas que abordem desigualdades sociais e políticas pode reduzir significativamente o apoio popular a grupos terroristas e dismantelar os seus subsistemas de recrutamento e propaganda (Jones et al., 2012).

Em suma, o combate ao terrorismo exige uma abordagem multifacetada que integre medidas de segurança, diplomáticas e sociais. Estratégias baseadas apenas na força bruta ou em medidas reativas são insuficientes para lidar com um fenómeno tão dinâmico e adaptável. Torna-se, pois, necessário inovar nas abordagens e focar em soluções de longo prazo que abordem tanto os sintomas quanto as causas do terrorismo, promovendo a estabilidade e a segurança global de maneira sustentável.

Objetivos do Estudo

Conforme referido na contextualização teórica, a definição de terrorismo tem sido objeto de intensos debates, que vão muito para além de questões técnicas de redação, refletindo divergências doutrinárias, ideológicas e jurídicas sobre quem tem o direito de usar a violência, quais os alvos e com que propósitos (Colombo, 2016). Contudo, o conceito de terrorismo, tal como atualmente formulado, ainda carece da precisão e objetividade necessárias para sua plena adequação ao discurso jurídico (Saul, 2019). No direito penal, a utilização de termos ambíguos e subjetivos é evitada para preservar os princípios da não retroatividade e da legalidade, assegurando que o réu não seja prejudicado por definições vagas ou imprecisas (Nucci, 2023). Dessa forma, para que o conceito de terrorismo possa ser aplicado eficazmente no âmbito jurídico, é essencial que ele seja previamente delimitado com clareza e precisão (Saul, 2019).

Em Moçambique, desde os primeiros ataques terroristas em 2017, tem-se colocado a necessidade de aprimorar o enquadramento jurídico deste fenómeno para promover o seu controlo. Os magistrados iniciaram um processo de capacitação com o objetivo de estabelecer uma tipificação adequada para julgar e penalizar atos terroristas, alinhando a legislação nacional às exigências do direito penal internacional (*United Nations Office on Drugs and Crime*, 2023).

Este estudo, de natureza qualitativa, tem como questão de Investigação: “*Quais os perspectivas dos magistrados sobre as práticas adotadas no combate ao terrorismo no norte de Moçambique?*”

O objetivo principal é analisar a perspectiva dos magistrados sobre as práticas adotadas no combate ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique. Especificamente, pretende-se: (1) identificar, com base na legislação vigente, como ocorreu o processo de tipificação do crime de terrorismo no país e (2) explorar os desafios enfrentados no enquadramento jurídico desse tipo de crime, considerando as particularidades socioeconómicas e culturais da região.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 10 profissionais que pertencem a classe dos magistrados moçambicanos. Apesar de inicialmente 13 destes profissionais terem demonstrado disponibilidade de colaboração no estudo, três magistrados, por incompatibilidade de agenda acabaram por não participar da entrevista. Os participantes envolvidos neste estudo têm idades compreendidas entre os 30-55 anos, e encontravam-se a desempenhar funções de juizes e procuradores. Os participantes foram selecionados com base em critérios de amostragem intencional, observando características relevantes de acordo com os objetivos do estudo: magistrados moçambicanos que de alguma forma estão ou estiveram envolvidos em processos que envolviam terrorismo. A tabela 9 descreve os principais dados sociodemográficos relativos aos participantes (ver Tabela 9).

Table 9. Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participante	Características da amostra			Profissão	Experiência profissional (anos)
	Sexo	Idade	Escolaridade		
P1	Masculino	M 35-45	Direito	Juiz	22
P2	Masculino	35-45	Direito	Procurador	14
P3	Masculino	35-45	Direito	Procurador	8
P4	Masculino	35-45	Direito	Juiz	6
P5	Masculino	45-55	Direito	Juiz	13
P6	Masculino	>50	Direito	Procurador	15
P7	Masculino	25-30	Direito	Procurador	4
P8	Masculino	30-35	Direito	Procurador	5
P9	Masculino	30-45	Direito	Juiz	18
P10	Masculino	35-45	Direito	Procurador	10

Procedimento

Inicialmente procedeu-se ao envio do projeto para a Comissão de Ética do organismo que apoia este estudo, tendo-se obtido parecer favorável. De seguida procedeu-se ao pedido de autorização ao Venerando Presidente do Tribunal Supremo de Moçambique. O pedido de entrevistas foi dirigido a dois grupos de magistrados: Juizes e Procuradores. Após selecionados os possíveis participantes (N=13), os mesmos foram contactados e esclarecidos acerca do carácter voluntário e confidencial da sua participação na investigação. Recolhido o consentimento informado pelos participantes, 4 entrevistas

decorreram presencialmente e tiveram lugar entre os meses de janeiro e fevereiro de 2022, no dia e hora mais convenientes para todos os participantes envolvidos, num ambiente o mais insonorizado com uma duração compreendida entre 45 e 60 min. As restantes 6 entrevistas foram realizadas de forma online por dificuldades de agenda dos participantes e 3 mostraram-se indisponíveis para participar.

Instrumentos

Para a recolha de dados, utilizámos uma entrevista semiestruturada e um questionário sociodemográfico (e.g., a idade, sexo, formação, experiência profissional. Recorreu-se a entrevista semiestruturada, pelas suas características de profundidade, flexibilidade e não diretividade (Fontana & Frey 2005). A partir da literatura da especialidade, procedemos à elaboração do guião de entrevista semiestruturado e o qual foi posteriormente validado por dois especialistas no tema. O guião de entrevista contempla diferentes dimensões que avaliam as características do terrorismo (e.g., a definição, motivações/causas, meios e táticas, impacto e origem), suas consequências (e.g., sociais, psicológicas, políticas e legais) e estratégias de combate (e.g., medidas de segurança e de defesa, medidas preventivas e de dissuasão, medidas processuais e de direitos humanos). Patton (2015) destaca que entrevistas podem ser eficazes para explorar opiniões e perceções em profundidade. Este instrumento foi o ideal para os objetivos deste estudo que foi em parte on-line. Assim, criámos um guião a partir de um conjunto de tópicos de discussão sobre o tema, incluindo uma reflexão crítica sobre a legislação atual, em particular, as alterações introduzidas pela Lei n.º 15/2023 de 28 de agosto, o Código Penal, as especificidades da classificação do terrorismo, a natureza da investigação criminal e também as dificuldades encontradas durante o processo penal.

Análise de dados

Com base na metodologia de análise temática, identificaram-se e analisaram-se padrões emergentes nos dados coletados, utilizando referências estabelecidas em estudos qualitativos, incluindo abordagens fenomenológicas (Braun & Clarke, 2006). A análise resultou na identificação de subtemas específicos dentro de cada tema principal, cujos nomes refletem a natureza e o conteúdo das respostas dos participantes. Primeiramente procedeu-se à transcrição integral das entrevistas a que se

seguir o processo de codificação minuciosa, inclusiva e abrangente dos dados, garantindo uma representação precisa das experiências relatadas.

Observou-se um equilíbrio entre a narrativa analítica e os extratos ilustrativos, utilizando o formato de "bucket theme", que agrega as principais ideias expressas pelos participantes sem uma análise interpretativa aprofundada. Esse enfoque visa apresentar as percepções tal como foram expressas, preservando a integridade das falas e evitando interpretações além do conteúdo explícito fornecido pelos participantes (Clarke, 2007).

Cada questionário foi lido repetidas vezes, e as declarações significativas foram destacadas e categorizadas em unidades de significado ou grupos de temas preliminares. Esses temas preliminares foram posteriormente comparados e organizados numa estrutura temática final, composta por temas principais e subtemas (Braun & Clarke, 2006). Além disso, recorreu-se à teoria fundamentada (Corbin & Strauss, 2008) para desenvolver novas categorias analíticas específicas ao contexto do estudo, fundamentadas nos dados empíricos. Essa abordagem permitiu a formulação de categorias que refletem diretamente as particularidades do fenómeno analisado, sem recorrer exclusivamente a teorias pré-existentes, garantindo assim uma análise mais contextualizada e fiel à realidade estudada. Para assegurar a confiança e credibilidade dos dados, procedeu-se à sua validação, recorrendo a dois juizes independente, com experiência em métodos de análise qualitativa de dados, obtendo-se 85% do acordo para os temas elaborados.

Resultados

A análise temática permitiu-nos identificar três grandes temas: caracterização do terrorismo, implicações do terrorismo e estratégias de combate ao terrorismo. Além disso, das entrevistas efetuadas foi possível identificar subtemas e várias descrições específicas (ver Tabela 10).

Table 10. *Sistema de temas e subtemas extraídos da análise das entrevistas*

Tema	Subtema	Temas específicos
1. Caracterização do Terrorismo	1.1. Definição	1.1.1. Violência, física ou psicológica a civis e/ou militares
		1.1.2. Crime violento e terror
	1.2. Motivações/Causas	1.2.1 Políticas e/ou ideológicas
		1.2.2. Religiosas
		1.2.3. Económico-financeiras
	1.3. Meios e Táticas	1.3.1. Destruição de infraestruturas
		1.3.2 Sequestros
		1.3.3 Ataques generalizados
	1.4. Impacto	1.4.1. Danos contra a integridade física
		1.4.2 Danos económicos
		1.4.3 Danos psicológicos
		1.4.4 Danos Estatais
	1.5. Origens	1.5.1 Jovens e adultos (18-40)
		1.5.2. Províncias
2. Implicações do terrorismo	2.1. Sociais	2.1.1. Divisões étnicas e religiosas
		2.1.2. Desconfiança nas autoridades locais
		2.1.3. Deslocações forçadas da população
	2.2. Políticas e Legais	2.2.1 Tipificação de leis específicas para o terrorismo
	2.3. Psicológicas	2.3.1 Trauma
		2.3.1.4. Desradicalização e reabilitação
3. Estratégias de combate ao terrorismo	3.1 Medidas de Segurança e Defesa	3.1.1 Operações especiais/uso de meios tecnológicos adequados
		3.1.2 Controlo de fronteiras
		3.1.3 Formação dos profissionais envolvidos
		3.1.4. Desradicalização e reabilitação
	3.2. Medidas Preventivas e de Dissuasão	3.2.2 Diplomacia e cooperação internacional
		3.2.3 Combate ao financiamento do terrorismo e uso de meios sofisticados
		3.2.3 Ações comunitárias e de consciencialização
	3.4 Medidas processuais e de direitos humanos	3.4.1. Arrolamento de provas
		3.4.2. Garantia dos direitos humanos

3.1. Caracterização do terrorismo

Na tentativa de se caracterizar o terrorismo, a definição do termo terrorismo foi um dos pontos descritos tanto pelos juízes como pelos procuradores como crime que implica atos de violência, sejam físicas ou psicológicas, dirigida a civis e/ou militares. Alguns participantes (N=2) magistrados do ministério público e judiciais, conceptualizaram o terrorismo como: *"Terrorismo é a prática de violência extrema, seja física ou psicológica, através de ataques localizados e perpetrado por grupos que numa primeira fase podem ser identificáveis como não"* (P1, Juiz). *"Violência física ou psicológica, crime praticado contra pessoas e ou instalações governamentais com o propósito de provocar o medo, pânico ou terror num determinado meio, sob algum pretexto identificado pelo perpetrador"* (P2, Procurador).

As motivações para os atos terroristas foram reconhecidas como diversas. Alguns magistrados (N=2) identificaram causas ideológicas, religiosas e económicas: *"Muitas vezes, o terrorismo é impulsionado por uma combinação de crenças, como políticas ideológicas e religiosas desvirtuadas, mas também por questões económicas e financeiras"* (P3, Procurador). *"Ao contrário das narrativas da pobreza e outras causas de dimensão social, as principais causas devem ser vistas numa dimensão ideológica e estruturante onde esta primeira é responsável quase sempre pela radicalização e destruição da moral. Vista essa dimensão, aí podemos incluir a maldição dos recursos naturais e a pobreza numa dimensão operacional"* (P6, Procurador).

Os meios e táticas empregues pelos terroristas atentam a soberania do Estado, e a segurança dos indivíduos no geral, variam desde a destruição de infraestruturas a sequestros e ataques em grande escala. É nesse contexto que alguns magistrados (N=2) referenciaram a destruição de infraestruturas públicas e privadas: *"Os terroristas utilizam uma variedade de táticas e ataques forma generalizada com vista a causar o máximo de danos possíveis e vai desde ataques a aldeias, vilas, viaturas, antenas de comunicação e postes de energia o que atenta a soberania do Estado, de tal que contribui para o retrocesso ao desenvolvimento do país consubstanciando-se em destruição de infraestruturas não só do Estado e privada"* (P7, Procurador). *"O sequestro é uma das formas forçadas de entrada ao grupo terrorista e belisca a segurança das populações"* (P5, Juiz).

O impacto do terrorismo foi também abordado, destacando-se danos psicológicos, económicos e estatais - *"Os ataques provocaram a desestabilização do Estado Moçambicano em todos os aspetos social, económico, cultural e político"* (P9, Juiz). *"Por um lado, houve muitos danos a saúde mental das*

populações assoladas pelo terrorismo, danos a economia do país e abuso físico as populações. Por outro lado começou-se a observar uma “caça às buxas” que culminou em prisões arbitrárias” (P8- Procurador).

Sobre a origem e faixa etária dos terroristas, um magistrado mencionou que jovens e adultos na faixa etária dos 18 aos 40 anos aparecem como os principais perpetradores - *“A maioria dos terroristas recrutados tem entre 18 e 40 anos. As províncias mais afetadas pelo recrutamento são as de Nampula e Cabo Delgado, incluem áreas rurais e urbanas, onde há maior vulnerabilidade social. Tem alguns cidadãos da Tanzânia, Quênia e Congo”* (P5, Juiz).

3.2. Implicações do Terrorismo

De acordo com um dos magistrados, o terrorismo em Moçambique tem várias implicações, afetando os âmbitos social, político e religioso. Em relação as implicações sociais, ele afirmou: *“Os constantes ataques têm exacerbado as diferenças e o divisionismo dentro das comunidades, levando a trocas de acusações sobre quem estaria a facilitar o terrorismo. Alguns chegam a acusar figuras influentes do governo de estarem envolvidos em esquemas de troca de dividendos provenientes da indústria extrativa”* (P8, Procurador). Segundo o mesmo magistrado observa-se implicações diretas sobre a religião: *“Outros propagam a desconfiança e intolerância, especialmente entre diferentes grupos étnicos e religiosos”* (P8, Procurador). Alguns magistrados (N=3) referiram ainda que o terrorismo também leva ao aumento de deslocados de guerra, e a uma onda crescente de desconfiança nas autoridades governamentais e forças de segurança - *“A população respeita mais o regulado e outras estruturas locais do que o sistema de justiça e forças de defesa e segurança, esta situação espicaça em parte as divergências tribais”* (P5, Juiz). *“Em Mucojo, Quiterejo e alguns povoados de Mocímboa da Praia as populações, chegaram a suplicar pela retirada das forças de defesa e segurança porque os terroristas que frequentam estes locais avisaram as populações que enquanto houver movimentações por parte das Forças de Defesa e Segurança, aquela população não teria paz, e como demonstração, os terroristas foram destruindo progressivamente todas as infraestruturas”* (P10, Procurador). *“O número elevado de deslocados de guerra e consequente divisões étnicas religiosas”* (P1, Juiz).

As implicações psicológicas do terrorismo manifestam-se como sendo profundas e duradouras. Um magistrado afirmou ter acompanhado casos de experiências de stress pós-traumático, ansiedade e medo constante *“Uma miúda dos seus 13 anos foi raptada violada e mantida como esposa de um*

terrorista de 31 anos de idade. Ela permaneceu nessa condição por cerca de 2 anos até ter sido resgatada por militares. Ao longo da audiência em tribunal, a menor, não parou de chorar (P4, Juiz)”.

Umas das implicações diretas dos ataques terroristas, foi forçar a mudanças legislativas pontuais e a implementação de políticas mais rígidas de combate ao terrorismo. Alguns magistrados (N=5) afirmaram estar satisfeitos com a tipificação mais abrangente do crime de terrorismo, de armas de destruição maciça, financiamento e branqueamento de capitais como medidas de segurança e de combate ao terrorismo.

A tipificação do terrorismo em Moçambique em 5 anos teve duas alterações significativas começando pela Lei n.º 5/2018 de 2 de agosto que estabelece o regime jurídico específico aplicável à prevenção, repressão e combate ao terrorismo, após 4 anos foi revogada e aprovada pela Assembleia da República a Lei n.º 13/2022, de 8 de julho que estabelece o Regime Jurídico de Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo e Proliferação de Armas de Destruição em Massa. Ambas leis facilitaram de certa forma o tratamento dos casos a eles relacionados porque para os primeiros casos ligados ao terrorismo, recorreu-se ao código penal de 2014 no seu artigo 358 onde a punição pelo crime de terrorismo foi associada ao homicídio e delitos comuns. Entretanto a Lei 13/2022, de 8 de julho foi revogada pela Lei n.º 15/2023 de 28 de agosto que versa e inclui o branqueamento de capitais (P5-Juiz).

Há uma pequena entrave a ser apontada que é o curto prazo da prisão preventiva tendo em conta a complexidade dos processos ligados ao terrorismo. A junção das provas que envolvem o terrorismo é geralmente moroso e requer que os prazos sejam alargados. É importante realçar ser difícil garantir provas suficientes que possam responsabilizar os indivíduos envolvidos com o terrorismo. Por exemplo a Polícia da República de Moçambique devia ser responsável em juntar e trazer provas aos procuradores para incriminar os autores” (P8-Procurador). “A atual legislação oferece condições para responder à questão de terrorismo. O problema é a operacionalização da legislação, falta de capacidade investigativa e dificuldade de acesso ao local dos factos” (P5-Juiz). “Uma das maiores vítimas dos atos terroristas são as populações que saem as pressas de suas zonas de conforto e tornam-se deslocados de guerra. Ironicamente estas populações por terem crescido com parte dos terroristas tem muita resistência em depor contra o seu opressor” (P4-Juiz).

O Código Penal ora vigente foi aprovado pelo Decreto de 16 de setembro de 1886. Com a proclamação da Independência Nacional e da Constituição, a 25 de Junho de 1975, novos princípios estruturantes conduziram a alterações ao Código Penal e um dos princípios foi a Lei n.º 35/2014 de

31 de Dezembro veio trazer alguns subsídios mas não aconchegou devidamente a este tipo de crime, daí ter sido aprovada a Lei n.º 15/2023 de 28 de Agosto que vem rever a Lei n.º 13/2022, de 8 de Julho, que estabelece o Regime Jurídico de Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo e Proliferação de Armas de Destruição em Massa, de modo a conformar com os instrumentos jurídicos internacionais que vinculam o Estado moçambicano, ao abrigo do disposto no número 1 do artigo 178 da Constituição da República. Não há lacunas do ponto de vista de legislação pois tudo está previsto. Outro ganho que se obteve foi a conjugação da lei do terrorismo com a Lei n.º 14/2023 de 28 de agosto Lei de Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo (P1-Juiz).

“Inicialmente a abordagem ia no sentido de enquadrar os casos para outros crimes, como homicídio, posse de armas proibidas, ofensas corporais, danos. É importante notar que ao tipificar se este tipo de crime a abordagem passou a ser mais assertiva” (P2-Procurador).

3.3. Estratégias de Combate ao Terrorismo

No que concerne às estratégias de combate ao terrorismo e medidas de segurança, um magistrado destacou a capacitação das forças de defesa (FDS) e a importância das operações especiais como uma medida eficaz para combater ao terrorismo- *“As operações especiais realizadas pela Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM) foram cirúrgicas para o controlo de Mocimboa da Praia e outros distritos outrora controlados pelos terroristas. Entretanto uma medida de combate ao terrorismo inclui para além da questão militar, o legislativo, e político, a questão social e cultural que esta associada a contra radicalização que seria a base para o corte de recrutamento” (P3, Procurador).*

A utilização de meios técnicos sofisticados como medida de combate ao terrorismo foi também apontada como uma estratégia fundamental por um magistrado - *“Infelizmente ainda há falta de recursos humanos competentes para lidar com o terrorismo, entretanto foi com o uso de meios e tecnologias avançadas como (drones e bloqueadores de sinal), bem como armamento sofisticado que se teve maior controlo dos distritos uma vez sob alçada dos terroristas. Agora é importante capacitar as FDS com vista ao domínio das técnicas de investigação para melhor se combater o terrorismo” (P9, Juiz).*

A porosidade nas fronteiras do Norte de Moçambique foi mencionada por um dos magistrados (N=1) como o grande desafio nas estratégias e medidas de combate ao terrorismo - *"A maioria dos problemas associados ao terrorismo estão diretamente relacionados a vulnerabilidade da nossa fronteira terrestre. Ao longo do seu percurso nota-se que a linha de fronteira é imaginária. A vulnerabilidade é igualmente notória ao nível dos Postos de Travessia, devido a existência de agentes altamente corruptos a ponto de admitirem a entrada de armas de fogo que potenciam os terroristas, há também postos de travessia clandestinos"* (P3, Procurador).

A formação de profissionais de segurança e de investigação surgiu identificada como uma das estratégias de combate ao terrorismo associada a medidas preventivas neste sentido, alguns magistrados (N=3) destacaram a formação dos oficiais do exército nos mais diversos campos como estratégia essencial para a eficácia nas medidas antiterrorismo:

É necessária uma formação permanente, capacitação das Forças de Defesa e Segurança (FDS) e da classe dos magistrados para fazer face a vários problemas como: imigração ilegal, exploração e tráfico ilegal dos recursos naturais no território moçambicano, fragilidade no controlo das fronteiras, educação cívico patriótica e outros, constitui um dos desafios no combate e prevenção ao terrorismo no país. Com a formação, potencialização em conhecimento científico, iria se de certa forma reduzir vulnerabilidades no seio das FDS e da classe dos magistrados. Extensivamente dever-se-ia apostar na capacitação dos procuradores distritais em matérias de terrorismo, e a certos oficiais no quesito de recolha de provas por forma a facilitar a instrução de processos (P4, Juiz).

"Os policiais e os Oficiais do Serviço Nacional de Investigação Criminal (SERNIC) devem passar por uma formação específica sobre como instruir um processo e a respetiva produção de provas" (P6-Procurador). *"Não haverá sucesso no combate e prevenção do terrorismo sem que haja uma preparação e formação permanente em matérias ligadas ao terrorismo seja ele doméstico ou não, por parte das FDS"* (P8- Procurador). A criação e dinamização de programas de desvinculação e reintegração social dos jovens ora ligados a grupos terroristas por forma a prevenir a reincidência proporcionando-lhes um enquadramento social foi uma outra estratégia de combate ao terrorismo apontada por um magistrado:

Fala-se em estigmatização dos jovens, e défice de distribuição da riqueza aliado ao desemprego, isso de certo modo fragiliza a mente dos jovens criando supostamente um sentimento de revolta e terra fértil para o recrutamento a grupos terroristas. É importante que todas as forças políticas e sociais com impacto as organizações da sociedade civil, façam campanhas de sensibilização

invocando valores como a unidade nacional e o patriotismo no sentido de blindar a mente dos jovens contra o radicalismo e o extremismo violento, bem como desenhar-se melhores formas de reintegrar os jovens que outrora estiveram ao serviço do terrorismo, protegendo-os e afastando-os para que não estejam expostos ao recrutamento" (P5, Juiz). Também a cooperação internacional foi identificada, por um magistrado, como uma componente chave nas estratégias de combate ao Terrorismo - *Há necessidade do fortalecimento das relações de cooperação diplomáticas e militar com os países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), sobretudo os que se limitam com Moçambique, com vista ao controle de entrada e saída de indivíduos indesejados ao país dando melhor abordagem no combate ao terrorismo. Os serviços de inteligência são chamados a investigar o que estará por detrás do problema e encontrar soluções para o mal do país, é importante realçar que em muitos dos casos de corrupção há conivência de membros das FDS. No processo da imigração ilegal está lá a mão da polícia (migração, guarda fronteiras, alfândegas até aos níveis mais altos). São casos raríssimos que alguém entra no território alheio sem conivência de alguém que conhece o terreno* (P6, Procurador).

Dois magistrados (N=2) referenciaram que o combate ao financiamento do terrorismo devia ser observado como uma medida preventiva essencial - *"O corte de fontes de financiamento é crucial para enfraquecer as organizações terroristas e impedir suas operações em Moçambique"* (P7, Procurador). *"Um dos maiores desafios para o combate ao terrorismo é a criação de uma força conjunta que possa rastrear passo a passo desde a origem do financiamento ao terrorismo até ao destino. E cada ator desta força deveria ter uma tarefa específica. Tem-se como exemplo o Quênia, onde opera uma força conjunta especializada. É importante que haja uma investigação profunda de quem são os cabecilhas, os seus interesses/objetivos, porque não adianta apenas expulsar os terroristas do país ou mata los enquanto os seus mandantes continuarem a recrutar e a mandar no nosso país"* (P10, Procurador).

Outra estratégia de combate ao terrorismo apontada por um participante (magistrado), recai sobre algumas ações sobre as comunidades e a conscientização pública aliada a prevenção do terrorismo - *"Com vista a facilitar o trabalho da justiça, aconselhamos que haja campanhas de sensibilização e educação junto as populações sobre temáticas relacionadas aos malefícios das atividades terroristas e suas possíveis medidas de prevenção, na ocasião deve-se visitar algumas famílias que passaram por situações mais complicadas e traumáticas com vista a vários tipos de apoio incluindo o psicológico"* (P9, Juiz). Por sua vez, dois magistrados consideraram que um dos maiores desafios neste âmbito reside no arrolamento das evidências que consubstanciam matéria para a instrução de processo. - *"Os processos são mal instruídos, na sua maior parte há falta de provas que*

incriminam os indivíduos que estão envolvidos em atos terroristas seja sob forma de como financiador, colaborador ou mesmo terrorista, o dificulta a instrução legal de processos” (P1, Juiz). “Processos mal instruídos culminam com a soltura de potenciais terroristas, daí ser crucial a criação de uma brigada móvel para a legalização dos arguidos ligados ao terrorismo. Na mesma ideia, deveria se ampliar o tempo previsto de apresentação dos detidos ao Juiz, dos atuais 15 dias para 45 dias, por forma a dar espaço para o arrolamento de provas” (P4, Juiz).

Por fim, a garantia da proteção dos direitos humanos foi enfatizada como aspeto vital dentro das estratégias de combate ao terrorismo por um magistrado - *“Os indiciados relatam em audiência que tem vivido maus-tratos vindo dos militares e outros que estão diretamente no Teatro Operacional Norte (TON), que tem agido de forma não recomendável tanto com as populações bem como com supostos terroristas. Daí, ser crucial equilibrar a segurança das populações e dos indiciados pelo crime de terrorismo acautelando o respeito e a proteção dos direitos humanos com vista a garantir que as medidas antiterrorismo não justifiquem e nem resultem em injustiças para possíveis atos de terror”* (P9, Juiz).

Discussão dos resultados

O presente estudo visou analisar a perspetiva dos magistrados sobre as práticas adotadas em resposta ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique. Essa análise visa contribuir para uma melhor compreensão das políticas legislativas vigentes e da necessidade de eventuais mudanças que possibilitem uma atuação mais efetiva no controlo deste complexo fenómeno.

Na caracterização do terrorismo, a definição do termo foi apontada tanto por juizes quanto por procuradores como um crime que se consubstancia em atos de intimidação à população, com a finalidade de causar morte ou lesões corporais. Esses resultados estão em consonância com a Lei n.º 15/2023, de 28 de agosto, que estabelece o Regime Jurídico de Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo e à Proliferação de Armas de Destruição em Massa. De acordo com o Capítulo III, seção I, Artigo 11, número 2, comete crime de terrorismo quem intencionalmente “praticar qualquer outro ato destinado a causar morte ou lesões corporais graves a um civil, ou a qualquer outra pessoa que não participe ativamente nas hostilidades em uma situação de conflito armado, quando o objetivo de tal ato, por sua natureza ou contexto, for para intimidar uma população, ou para obrigar um governo ou uma organização internacional a fazer ou se abster de fazer qualquer ato”.

Os participantes identificaram o uso da violência física e psicológica como uma característica fundamental para a compreensão do terrorismo, corroborando a legislação em vigor. A Lei n.º 15/2023, na seção III, Artigo 20, ponto 9, classifica os crimes previstos na presente Lei como agravados, quando praticados com recurso à violência física ou psicológica, através de ataques localizados a elementos ou instalações do Estado ou da população, com a intenção de incutir medo e terror. Os magistrados, mencionaram ainda que uma das características do terrorismo em Moçambique, é o uso do medo e do terror sobre as populações, corroborando o apurado por outros trabalhos anteriores (Ozdamar, 2008). Ozdamar (2008) ao descrever os principais enfoques e características do comportamento terrorista referiu que os terroristas procuram intimidar as pessoas de modo a forçá-las a cumprir as suas exigências e o seu objetivo é gerar pânico numa audiência mais ampla do que os próprios alvos diretos. Desta forma, os terroristas não solicitam algo concreto às suas vítimas, mas espalham o terror.

Os participantes apontaram a questão ideológica, como uma importante característica do terrorismo por ser responsável pela inibição da moral, indo ao encontro de Schmid (2013), que afirma que a ideologia surge como um fator essencial e constante no processo de radicalização para o terrorismo. A doutrinação ideológica desempenha um papel importante na transformação de uma minoria insatisfeita com as disposições sociais e políticas em militantes, sendo responsável por incentivar a aceitação da violência como meio de promover mudanças políticas, além de criar uma subcultura de violência. A ideologia é utilizada para suprimir inibidores morais e justificar o recurso a métodos extremos de luta política (Schmid, 2013).

Uma consequência imediata do terrorismo identificada pelos magistrados foi a necessidade de ajustes e tipificações legais. Esses resultados refletem a emergência da Lei n.º 15/2023, que se justifica pela necessidade de revisão da Lei n.º 13/2022, de 8 de julho, a fim de adequar-se aos instrumentos jurídicos internacionais que vinculam o Estado Moçambicano.

Ainda em relação às implicações do terrorismo, os participantes aludiram à destruição de infraestruturas, perdas humanas e os impactos negativos na economia. Estes resultados corroboram o apurado por Elu e Price (2015), que afirmam que o terrorismo pode ter um impacto negativo significativo no crescimento económico, especialmente no setor do turismo. Globalmente, os grupos terroristas tendem a causar grande destruição, resultando em feridos e perdas humanas, além de desviar recursos de usos produtivos para fins destrutivos. Além disso, os participantes mencionaram a retração de investimentos por parte de potenciais investidores. Também Elu e Price (2015) destacaram que, como consequência do terrorismo em África, o ambiente de investimento torna-se desfavorável,

com os investidores recuando devido a preocupações com a segurança e instabilidade no setor da segurança nacional, impactando negativamente o crescimento económico. Os participantes deste estudo, juizes e procuradores aludiram ainda às estratégias de combate ao terrorismo que incluem a criação e dinamização de programas de desvinculação e reintegração social para jovens ligados a grupos terroristas, visando prevenir a reincidência e proporcionar um adequado enquadramento social. Também destacaram a importância de medidas preventivas e do controlo da porosidade das fronteiras no norte de Moçambique, este destaque vai ao encontro da Lei n.º 15/2023, Capítulo II, Artigo 6, ponto 1, que determina que as autoridades competentes devem impedir a circulação de terroristas por meio de um controle eficaz das fronteiras e da emissão de documentos de identidade e de viagem. O Artigo 7, ponto 1, reforça a necessidade de que o Governo promova medidas de prevenção do recrutamento e radicalização para o terrorismo, tais como: a) programas de sensibilização das comunidades sobre os perigos e males da radicalização; b) mecanismos de apoio para pessoas que desejam abandonar o extremismo violento; e c) estratégias de inclusão dos cidadãos na sociedade, visando reduzir ou impedir a propagação de ideais radicais.

Os participantes também ressaltaram que, para combater o terrorismo, não bastam intervenções militares; é necessário rever a legislação e considerar as questões políticas e sociais envolvidas, corroborando com a literatura existente (Omenma & Hendricks, 2018). O contraterrorismo deve ser analisado a partir de várias perspetivas: legal, política, social, operacional e de inteligência. Uma estratégia antiterrorista eficaz integra todos esses pilares. Mesmo quando se opta por uma abordagem militar operacional, é essencial contar com informações estratégicas e operacionais fidedignas para assegurar o sucesso (Omenma & Hendricks, 2018).

Segundo Schmid (2013), um dos aspetos mais relevantes no combate ao terrorismo envolve a constituição de equipas, tanto nacionais como internacionais, que careçam de credibilidade e legitimidade aos olhos dos que necessitam de ser desradicalizados, dos círculos radicais, do eleitorado a que os terroristas procuram apelar, e de outras audiências, tanto internas quanto externas. Outro ponto levantado pelos participantes, que está em consonância com a literatura, é a necessidade de implementar medidas claras de contra-radicalização. De acordo com Schmid (2013), a contra-radicalização visa a prevenção, procurando impedir que indivíduos de populações não radicalizadas se tornem radicais, sem recorrer a medidas coercivas ou repressivas severas, que podem ser vistas como contraproducentes

Não obstante os importantes contributos deste estudo para melhor compreender a perspetiva dos magistrados sobre as práticas adotadas face ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique,

o mesmo não está isento de limitações que importa identificar para melhor interpretação dos resultados.

Em primeiro lugar, os profissionais (magistrados) mostraram-se com agendas bastante preenchidas, o que dificultou a obtenção de respostas detalhadas. Além disso, foi possível perceber uma autocensura nas entrevistas, uma vez que os participantes demonstraram cautela ao criticar o governo. Essa postura pode comprometer a profundidade e a qualidade dos dados coletados. Outro ponto relevante é que alguns dados relacionados a ações judiciais antiterroristas foram classificados como confidenciais e, portanto, não foram disponibilizados para análise. Isso restringiu o acesso a informações que poderiam proporcionar uma compreensão mais abrangente do tema. Durante as entrevistas, também ficou evidente que estes profissionais tendiam a adotar uma visão institucional ou oficial das práticas antiterroristas, que nem sempre reflete suas opiniões pessoais. Essa dinâmica pode gerar uma narrativa enviesada, alinhada com os interesses do governo ou dos magistrados. Além disso, a recolha de dados foi realizada com uma amostra de reduzida dimensão, o que dificulta a garantia de que os resultados reflitam adequadamente a diversidade de opiniões entre estes profissionais. É importante ressaltar que, em Moçambique, não existem magistrados especializadas exclusivamente em terrorismo, já que, frequentemente, são realocados para outras áreas de atuação. Por último, as ações judiciais no combate ao terrorismo em Moçambique estão sujeitas a pressões de organizações internacionais e doadores, o que pode distorcer as práticas judiciais, afastando-as de uma abordagem puramente local.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar a perspectiva dos magistrados sobre as práticas adotadas em resposta ao terrorismo que prevalece no norte de Moçambique. É importante destacar que, até onde se sabe, este é o primeiro estudo a investigar a percepção dos magistrados em relação ao terrorismo no país. Os resultados indicam que o terrorismo é caracterizado como uma prática de violência extrema, tanto física quanto psicológica, direcionada contra indivíduos e instalações governamentais, com a finalidade de provocar medo, pânico e terror em uma determinada comunidade. As consequências desse fenómeno vão desde a destruição de infraestruturas, perdas humanas a impactos negativos na economia. O resultado sugere a necessidade de um tribunal adequado para o tratamento deste tipo legal de crime e mais ajustes na legislação com vista a um melhor enquadramento deste tipo legal de crime, pese embora em alguns países da região como o Quênia, mesmo com o robusto enquadramento legal sobre o terrorismo, os militares continuam a executar ações a margem da lei. Os resultantes destacaram ainda que fora a destruição e perdas de vida humanas, a retração do investimento e a desaceleração da economia nacional consubstanciam consequências do terrorismo em Moçambique.

Os resultados deste estudo destacam ainda a importância de implementar práticas de contraterrorismo, justificando a adoção de medidas adequadas frente à situação atual em Moçambique. O estudo recomenda ao governo, melhores estratégias de contraterrorismo que seriam o uso de informação de inteligência desde a coleta análise e interpretação de dados de indivíduos suspeitos de envolvimento ao terrorismo, maior vigilância eletrónica através do controlo das comunicações, cooperações internacionais com vista a troca de dados e experiencia na área, controlo de fronteiras e imigração com vista a triagem de passageiros e monitoramento de documentos, combate a radicalização e ao extremismo violento que seria: programas de desradicalização, educação e conscientização bem como o trabalho direto com as comunidades locais. É não menos importante, a criação e dinamização de vários programas de desvinculação e reintegração social para os jovens ligados a grupos terroristas, a fim de prevenir a reincidência e proporcionar um adequado suporte social. Também enfatiza a medidas de resiliência e gestão de crise que variam do fortalecimento das infraestruturas críticas a planos de resposta de emergência com vista a prestação de primeiros socorros. Por fim, os resultados sugerem que, para a implementação de uma estratégia eficaz de combate ao terrorismo, é fundamental considerar, de maneira abrangente, as questões legais, políticas e sociais envolvidas.

Referências

- Adelaja, A. & George, J., 2020. Is youth unemployment related to domestic terrorism? *Perspectives on Terrorism*, 14(5), pp.41–62. Available at: <https://www.jstor.org/stable/26940038>.
- Aguiar, C.A.P., 2018. O terrorismo e suas consequências na segurança pública. *Revista Digital Simonsen*, (9). Available at: www.simonsen.br/revistasimonsen.
- Breidlid, T., 2021. Countering or contributing to radicalisation and violent extremism in Kenya? A critical case study. *Critical Studies on Terrorism*, 14(2), pp.225–246. <https://doi.org/10.1080/17539153.2021.1902613>.
- Byman, D., 2021. Counterterrorism and modern white supremacy. *Studies in Conflict & Terrorism*, 47(3), pp.221–248. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2021.1956100>.
- Callegari, A.L. & Linhares, R.M., 2014. O combate ao terrorismo e a expansão do Direito Penal [The counter terrorism and the expansion of the Criminal Law]. *Direito & Justiça*, 40(2), pp.125-132.
- Collier, P. & Hoeffler, A., 1999. Justice-seeking and loot-seeking in civil war. *World Bank Policy Research Working Paper*, (2065).
- Collier, P. & Hoeffler, A., 2000. Greed and grievance in civil war. *World Bank Policy Research Working Paper* No. 2355. World Bank. <https://doi.org/10.1596/1813-9450-2355>.
- Colombo, L. dos S., 2016. Terrorismo: Lacunas conceituais no sistema internacional. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília*, 18, pp.49-74.
- Cronin, A.K., 2003. Behind the curve: Globalization and international terrorism. *International Security*, 27(3), pp.30–58. <https://doi.org/10.1162/01622880260553624>.
- Elu, J. & Price, G., 2015. The causes and consequences of terrorism in Africa. In C. Monga & J.Y. Lin (Eds.), *The Oxford handbook of Africa and economics: Volume 1: Context and concepts*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199687114.013.16>.
- Galito, M.S., 2012. Terrorism, ethnicity and Islamic extremism in Sahel. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 3(2). Available at: http://observare.ual.pt/janus.net/en_vol3_n2_art8.

- Garcia Suarez, M.A., 2012. Terrorismo e política internacional: uma aproximação à América do Sul [Terrorism and international politics: an approach to South America]. *Universidade Federal Fluminense*. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292012000200001>.
- Hoffman, B., 2017. *Inside Terrorism*. 3rd ed. Columbia University Press.
- Jones, D.M., Smith, M.L.R. & Stone, J., 2012. Counter-COIN: Counterinsurgency and the preemption of strategy. *Studies in Conflict & Terrorism*, 35(9), pp.597–617. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2012.702668>.
- Kilcullen, D.J., 2005. Countering global insurgency. *Journal of Strategic Studies*, 28(4), pp.597–617. <https://doi.org/10.1080/01402390500300956>.
- Moçambique, 2023. Lei n.º 15/2023 de 28 de agosto. *Boletim da República*, I Série, n.º 166.
- Morier-Genoud, E., 2021. A insurgência jihadi em Moçambique: Origens, natureza e início. *Cadernos IESE*, (21), Maputo, Moçambique.
- Noguera Sánchez, H.A., 2013. Guided democracy reversed terrorism: Regulation of state terrorism and exceptionality in democracy. *Universidad Santo Tomás de Aquino*, 1692-6013, 7(2), pp.129-156.
- Nucci, G.S., 2023. *Manual de Direito Penal: Parte Geral e Parte Especial*. 15. ed. São Paulo: Editora Forense.
- Omenma, J.T. & Hendricks, C.M., 2018. Counterterrorism in Africa: An analysis of the Civilian Joint Task Force and military partnership in Nigeria. Macmillan Publishers Ltd., parte de Springer Nature. <https://doi.org/10.1057/s41284-018-0131-8>.
- Özdamar, Ö., 2008. Theorizing terrorist behavior: Major approaches and their characteristics. *Defence Against Terrorism Review*, 1(2), pp.89-101.
- Piovesan, F., 2019. *Direitos humanos e justiça internacional: um estudo comparativo dos sistemas regionais europeu, interamericano e africano*. 9. ed. rev. e atual. Saraiva Educação.
- Ramraj, V.V., Hor, M. & Roach, K. (Eds.), 2005. *Global anti-terrorism law and policy*. Cambridge University Press.

República de Moçambique, 2014. Lei n.º 35/2014 de 31 de dezembro. *Boletim da República*, I Série, n.º 105. Aprovado pelo Decreto de 16 de setembro de 1886.

Saul, B., 2019. Terrorism and international humanitarian law. In A. Clapham, P. Gaeta & M. Sassòli (Eds.), *The 1949 Geneva Conventions: A commentary* (pp. [inserir páginas, se disponíveis]). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/law/9780198825973.003.0044>.

Schmid, A.P., 2008. The definition of terrorism. In A.P. Schmid (Ed.), *The Routledge handbook of terrorism research*, pp.39-98. Routledge.

Siman-Tov, M., Bodas, M. & Peleg, K., 2016. The social impact of terrorism on civilian populations: Lessons learned from decades of terrorism in Israel and abroad. *Social Science Quarterly*, 97(1), pp.75-84. <https://doi.org/10.1111/ssqu.12254>.

United Nations Office on Drugs and Crime, 2023. UNODC supports legal and judicial practitioners to ensure sustainable, coordinated and robust counter-terrorism efforts in Mozambique. *UNODC*, 12 de julho. Available at: https://www.unodc.org/unodc/en/terrorism/latest-news/2023_unodc-unodc-supports-legal-and-judicial-practitioners-to-ensure-sustainable-coordinated-and-robust-counter-terrorism-efforts-in-mozambique.html.

Wilner, A.S. & Dubouloz, C.-J., 2006. Deterrence and terrorism: Can terrorists be deterred? *Journal of Conflict Resolution*, 30(3), pp.87–123. <https://doi.org/10.1177/002200270832471>.

DISCUSSÃO GERAL

Discussão geral

A presente tese teve como objetivo investigar os fatores associados à afiliação, permanência e desvinculação de indivíduos em grupos terroristas em Moçambique, com foco no caso do grupo Al-Shabaab. Para alcançar este grande objetivo, a análise foi estruturada em três estudos distintos, porém complementares: uma revisão sistemática da literatura e dois estudos empíricos qualitativos. O primeiro estudo consistiu numa revisão sistemática da literatura científica existente sobre o tema, proporcionando um panorama atualizado das evidências sobre os fatores que influenciam a entrada, a permanência e o abandono de grupos terroristas. O segundo estudo empírico focou-se nas perspectivas dos indivíduos que integraram o grupo Al-Shabaab em Moçambique. Este estudo qualitativo explorou as motivações, experiências e os processos que levaram esses indivíduos a aderirem ao grupo, bem como as razões que os levaram a desvincular-se, quando aplicável. O terceiro estudo abordou a perspectiva dos magistrados moçambicanos com experiência no combate ao terrorismo. Este estudo qualitativo procurou compreender as percepções e os desafios experimentados por esses profissionais no enfrentamento ao terrorismo, bem como as estratégias legais e institucionais adotadas nesse contexto. O recurso à triangulação de diferentes fontes de informação — a evidência científica da revisão sistemática, as experiências e motivações dos indivíduos envolvidos no terrorismo, e as percepções dos magistrados que o combatem — aliado à opção por uma abordagem qualitativa, confere uma dimensão inovadora e diferenciadora à análise do objeto de estudo: o terrorismo. Esta metodologia não apenas enriqueceu a análise, mas também possibilitou alcançar uma compreensão mais holística e integrada do fenómeno do terrorismo no contexto moçambicano.

Adicionalmente, essa abordagem multidimensional revelou-se essencial para identificar fatores críticos relacionados ao fenómeno e propor estratégias eficazes de combate. Assim, o presente trabalho reforça o conhecimento sobre um dos desafios mais urgentes e complexos da segurança em Moçambique, contribuindo para a formulação de políticas e intervenções mais informadas e sustentadas. A revisão sistemática desempenhou um papel central ao orientar a escolha do quadro teórico e metodológico, ao compilar e analisar sete estudos sobre a dinâmica que vai da afiliação à desvinculação de indivíduos em grupos terroristas. Este processo permitiu identificar lacunas significativas na literatura, especialmente a escassez de estudos que abordem, de forma integrada, os fatores de afiliação, permanência e desvinculação. Estas evidências revelaram-se fundamentais para a formulação das questões de investigação que sustentaram os estudos empíricos, com especial destaque para a permanência, uma dimensão ainda parcamente explorada na literatura da

especialidade. Além disso, a revisão sistemática possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos fatores que influenciam a adesão e a desvinculação de indivíduos a grupos terroristas. Entre esses fatores, destacam-se elementos de pressão, como o medo, e de atração, como a ideologia e as promessas de benefícios financeiros. Esses *insights* contribuíram para reforçar a importância de explorar estratégias mais eficazes no combate ao terrorismo. De forma mais particular, a revisão apontou para a necessidade de formular políticas de amnistia mais robustas (e.g., implementação de programas de desradicalização que oferecem aconselhamento religioso, educação, terapia psicológica e suporte econômico para ex-terroristas), que poderiam mitigar a permanência nos grupos terroristas. Este ponto é corroborado por autores como Crenshaw (2011) e Schuurman (2020), que sublinham o papel das políticas de amnistia na redução do recrutamento e na facilitação da reintegração de ex-membros na sociedade. O segundo estudo, sobre o Al-Shabaab em Moçambique, permitiu aprofundar a compreensão dos mecanismos de recrutamento, afiliação e dos fatores que sustentam a permanência no grupo. Os dados revelaram que o aliciamento, frequentemente combinado com coação constitui um dos principais fatores motivadores da adesão, alinhando-se com as evidências apuradas na revisão sistemática. A permanência surgiu, principalmente, sustentada pelo medo e pela dificuldade de reintegração na sociedade. Estes resultados corroboram o encontrado na revisão sistemática designadamente de que o medo surge como um fator central na manutenção de membros em organizações extremistas (Amble & Meleagrou-Hitchens, 2014). A desilusão com as promessas de estabilidade e poder do grupo surge como um fator crucial para a desvinculação, reforçando a ideia de que estratégias eficazes de desradicalização podem contribuir para reduzir o recrutamento e a reincidência.

O terceiro estudo, focado na perspectiva dos magistrados sobre o combate ao terrorismo em Moçambique, revelou a necessidade de equilibrar a segurança com os direitos humanos. Os magistrados sublinharam a importância de intervenções legais e políticas que promovam a reintegração de dissidentes, apesar dos desafios enfrentados no processo de desradicalização. Esta análise está alinhada com os estudos anteriores, mostrando que as políticas de combate ao terrorismo devem ser mais integradas e centradas na reintegração social dos indivíduos (Hoffman, 2006; Schmid & Jongman, 2005). A falta de alternativas seguras para a reintegração dificulta a desvinculação, tornando essencial a criação de espaços de apoio confidenciais, como sugerido no segundo estudo.

A realização destes três estudos permitiu, deste modo, obter uma compreensão mais ampla e integrada das dinâmicas de afiliação, permanência e desvinculação de indivíduos de grupos terroristas

em Moçambique. Através da análise dos fatores de pressão e atração, das dificuldades de reintegração e das implicações das políticas antiterroristas, a tese oferece uma compreensão aprofundada da complexidade do terrorismo no contexto moçambicano. As inter-relações entre os estudos indicam que os fatores que influenciam a adesão e permanência são multifacetados, envolvendo elementos individuais, sociais e políticos (Karimi et al., 2022). Além disso, as evidências destacam a necessidade de intervenções que vão além dos militares, mas que incluam programas de reintegração, políticas de emprego e iniciativas educacionais para prevenir o recrutamento de jovens vulneráveis e incentivando a desvinculação (Brown, 2020).

Ao integrar os dados dos três estudos, esta tese propõe uma visão abrangente do terrorismo em Moçambique, destacando a necessidade de um enfoque holístico que combine a segurança com a promoção dos direitos humanos na formulação de políticas públicas. Esta tese não só contribui para o entendimento do terrorismo em Moçambique, como também oferece diretrizes práticas para a implementação de estratégias mais eficazes de prevenção, combate e reintegração, com foco na redução da adesão e na promoção da desvinculação de indivíduos dos grupos terroristas. Os resultados sugerem que o combate ao terrorismo em Moçambique exige uma abordagem multifacetada, que leve em conta as causas sociais, políticas e económicas subjacentes e promova alternativas de reintegração para aqueles que desejam abandonar os grupos terroristas corroborando o apurado por outros autores (Altier et al., 2014 Bjørge & Horgan, 2008).

Limitações e direções para futuras investigações

Não obstante os importantes contributos desta tese, a mesma possui algumas limitações sobre as quais importa considerar para melhor interpretação dos resultados apurados. A maioria dos estudos da revisão, foca em países de maioria muçulmana, como aqueles relacionados com grupos como Al-Qaeda e ISIS, o que restringe a possibilidade de generalização para outros contextos globais. Há escassez de artigos que analisem as três fases (afiliação, permanência e desvinculação) do envolvimento terrorista. Concomitantemente, importa que estudos futuros procurem contemplar outras dimensões, como saúde mental, estatuto socioeconómico e contexto político, de forma a melhor compreender a sua influência nos processos de afiliação a grupos terroristas.

O segundo estudo apresentou como principal limitação a restrição da amostra, uma vez que incluiu apenas participantes do sexo masculino, desconsiderando as mulheres envolvidas em atividades

terroristas. Essa limitação reduz a diversidade de perspectivas analisadas e pode impactar a compreensão mais abrangente do fenómeno. Embora os estudos criminológicos tradicionalmente privilegiem amostras masculinas, investigações recentes têm evidenciado o crescente envolvimento de mulheres em diferentes tipos de condutas delituosas. Esse facto ressalta a importância de incluir mulheres em estudos sobre terrorismo, permitindo uma análise mais completa e representativa das dinâmicas de género associadas a essas atividades. A amostra pequena limita a generalização dos resultados. Sugere-se a inclusão de métodos quantitativos e longitudinais em pesquisas futuras. Entretanto, o facto de o estudo ter sido realizado com indivíduos em confinamento pode introduzir viés, uma vez que estes podem omitir ou distorcer informações. Vários fatores como a presença do entrevistador pode influenciar a objetividade dos relatos. Importa, pois, que os estudos futuros procurem contemplar outras amostras, designadamente as vítimas de terrorismo e os deslocados de guerra no sentido de melhor compreender a sua percepção sobre o fenómeno, as suas implicações e mecanismos a adotar o sentido de assegurar o devido apoio às populações afetadas.

O terceiro estudo teve como limitação destacada, a agenda sobrecarregada dos profissionais entrevistados o que dificultou a obtenção de respostas detalhadas e aprofundadas, limitando a riqueza das informações coletadas. A cautela dos participantes ao explorar e aprofundar aspetos sensíveis que poderiam implicar responsabilidades do governo pode ter condicionado as respostas, limitando a análise crítica das práticas adotadas. Além disso, a falta de acesso a dados classificados sobre ações judiciais antiterroristas representou outro obstáculo significativo. Esses constrangimentos impactaram diretamente a quantidade e a qualidade dos dados recolhidos, restringindo a profundidade das conclusões alcançadas. Consequentemente, a análise ficou limitada em certos aspetos, não permitindo uma visão mais abrangente e detalhada das dinâmicas institucionais e judiciais no combate ao terrorismo. Apesar disso, os dados obtidos forneceram insights relevantes, ainda que parciais, que podem servir como base para futuras investigações com maior acesso a fontes diversificadas e classificadas. Também este terceiro estudo integrou uma amostra reduzida, e eventualmente limitadora da diversidade de opiniões dentro da área. Por fim, pressões de organizações internacionais podem ter influenciado as práticas locais, afetando a aplicação das políticas antiterroristas em Moçambique.

Essas limitações destacam áreas para futuras pesquisas e ajustes metodológicos, com foco na ampliação da diversidade, abordagem crítica e uma análise mais abrangente das influências sociais, políticas e económicas.

CONCLUSÃO GERAL

Conclusão geral

A análise das práticas terroristas em Moçambique constitui uma questão de grande relevância e atualidade, essencial para compreender as dinâmicas de segurança, estabilidade social e desenvolvimento no país. Neste contexto, entendemos que a presente tese oferece um contributo significativo para a produção de conhecimento, essencial para o desenvolvimento de estratégias e políticas eficazes no combate ao terrorismo. A abordagem adotada, de natureza multidimensional e qualitativa, distingue-se por proporcionar uma visão mais abrangente e integrada do fenómeno, permitindo uma compreensão aprofundada e holística do objeto de estudo em questão.

Através dos três estudos realizados, foi possível evidenciar a complexidade dos fatores que influenciam a afiliação, permanência e desvinculação de indivíduos em grupos terroristas, com um foco particular no caso do Al-Shabaab em Moçambique. Os resultados ressaltam a necessidade de abordagens integradas, adaptadas ao contexto socioeconómico e cultural de Moçambique. Fatores como a pobreza, a escassez de oportunidades educacionais e de emprego, bem como a exploração de vulnerabilidades socioeconómicas, continuam a ser determinantes cruciais nesse processo. Os mais recentes acontecimentos relacionados com os tumultos registados em Moçambique refletem a crescente tensão social e política no país, exacerbada por fatores como a instabilidade económica, a desigualdade e as falhas nas políticas de governança. Esses distúrbios, que envolvem protestos e confrontos violentos, são, em grande parte, uma manifestação do descontentamento popular com a falta de oportunidades, a corrupção e a frustração com as promessas não cumpridas de desenvolvimento. Além disso, a insegurança provocada pelos grupos armados, como o Al-Shabaab, também tem contribuído para a instabilidade, criando um ambiente de incerteza e medo que agrava ainda mais a situação social e económica. Os dados tanto da revisão sistemática como do segundo estudo, revelaram que a manipulação ideológica e o sentimento de pertença ao grupo são cruciais tanto para o recrutamento como para a permanência nos grupos terroristas, enquanto a coação e a ausência de programas de reintegração agravam o problema. As recomendações incluem políticas inclusivas de amnistia e reintegração, além da criação de infraestruturas de emprego que reduzam a vulnerabilidade ao recrutamento. Considerando que a maioria dos terroristas são jovens, é fundamental trabalhar continuamente na mitigação dos fatores de risco associados ao recrutamento e implementar estratégias mais eficazes de contraterrorismo. Estas devem incluir um maior investimento em infraestruturas de educação, alternativas económicas e sociais para ex-terroristas e zonas afetadas, bem como a promoção de narrativas positivas através da colaboração com régulos, líderes

comunitários e religiosos para difundir mensagens de paz e tolerância. Paralelamente, o Governo deve reforçar a confiança e envolver as comunidades na formulação de estratégias locais de segurança.

No âmbito jurídico, destaca-se a necessidade de criação de tribunais especializados exclusivamente dedicados às questões do terrorismo e de estratégias de contraterrorismo mais eficazes, incluindo o fortalecimento da legislação sob controlo fronteiriço e o desmantelamento de redes financeiras. Embora se reconheça a necessidade de mais estudos para aprofundar estas questões, esta tese sublinha a importância de dados sistemáticos e fiáveis bem como a criação de um observatório de segurança e combate ao terrorismo com vista a melhor fundamentação a formulação de políticas públicas. Recomenda-se, ainda, a criação de unidades de investigação no sistema judicial, que forneçam informações relevantes e atualizadas aos investigadores, possibilitando intervenções mais assertivas e ajustadas ao contexto moçambicano.

Por fim, ao contribuir para o entendimento das dinâmicas de afiliação, permanência e desvinculação, esta tese oferece um contributo prático para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes no combate ao terrorismo em Moçambique. A investigação abre, assim, novas perspetivas para estudos futuros, que devem incluir não apenas homens reclusos, mas também mulheres e outros atores. Nesse sentido, é essencial investir em políticas que promovam uma abordagem sustentável e integrada ao problema do terrorismo, priorizando a segurança e os direitos humanos.

Com isso, esperamos incentivar futuras pesquisas na área, com foco nos fatores de recrutamento, afiliação, e desvinculação nos grupos terroristas, visando ao desenvolvimento de novas medidas de prevenção e combate ao terrorismo.

References

- Altier, M. B., Boyle, E. L., & Horgan, J. G. (2022). Terrorist transformations: The link between terrorist roles and terrorist disengagement. *Studies in Conflict & Terrorism*, 45, 753–777. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2019.1700038>
- Amble, J. C., & Meleagrou-Hitchens, A. (2014). Jihadist radicalization in East Africa: Two case studies. *Studies in Conflict & Terrorism*, 37, 523–540. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.893406>
- Barrelle, K. (2015). Pro-integration: Disengagement from and life after extremism. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 7, 129–142. <https://doi.org/10.1080/19434472.2014.988165>
- Bjorgo, T., & Horgan, J. G. (Eds.). (2008). *Leaving terrorism behind: Individual and collective disengagement*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203884751>
- Brown, J. M. (2020). Force of words: The role of threats in terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 32, 1527–1549. <https://doi.org/10.1080/09546553.2018.1486301>
- Crenshaw, M. (2011). *Explaining terrorism: Causes, processes, and consequences*. Routledge. <http://archive.org/details/explainingterror0000cren>
- da Silva, R., Fernández-Navarro, P., Gonçalves, M. M., Rosa, C., & Silva, J. (2018). Disengagement from political violence and deradicalisation: A narrative-dialogical perspective. *Studies in Conflict & Terrorism*. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2018.1452709>
- Darden, J. T. (2019). Tackling terrorists' exploitation of youth. *Semantic Scholar*. <https://www.semanticscholar.org/paper/Tackling-Terrorists%27-Exploitation-of-Youth-Darden/4be837e72a256cf9da0ce4b30f0026fbc06360d>
- Elu, J., & Price, G. (2015). The causes and consequences of terrorism in Africa. In C. Monga & J. Y. Lin (Eds.), *The Oxford handbook of Africa and economics: Volume 1: Context and concepts* (pp. xx–xx). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199687114.013.16>

- Grip, L., & Kotajoki, J. (2019). Deradicalization, disengagement, rehabilitation, and reintegration of violent extremists in conflict-affected contexts: A systematic literature review. *Conflict, Security & Development, 19*(2), 1–32. <https://doi.org/10.1080/14678802.2019.1626577>
- Hoffman, B. (2006). *Inside terrorism*. Columbia University Press. <https://www.jstor.org/stable/10.7312/hoff12698>
- Jensen, M., James, P., & Yates, E. (2020). Contextualizing disengagement: How exit barriers shape the pathways out of far-right extremism in the United States. *Studies in Conflict & Terrorism, 45*(3), 1–29. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1759182>
- Jones, E. (2017). The reception of broadcast terrorism: Recruitment and radicalization. *International Review of Psychiatry, 29*, 320–326. <https://doi.org/10.1080/09540261.2017.1343529>
- Karimi, Y., Nussbaum, D., & Mohammadi, R. (2022). Recruitment process in Salafi-Jihadist groups in the Middle East (A qualitative study). *Journal of Interpersonal Violence, 37*, NP12745–NP12767. <https://doi.org/10.1177/0886260521997931>
- Kenney, M., & Hwang, J. C. (2020). Should I stay or should I go? Understanding how British and Indonesian extremists disengage and why they don't. *Political Psychology, 42*, 5
- Kule, A., & Gül, Z. (2015). How individuals join terrorist organizations in Turkey: An empirical study on DHKP-C, PKK, and Turkish Hezbollah. *Semantic Scholar*. <https://www.semanticscholar.org/paper/How-Individuals-Join-Terrorist-Organizations-in-An-Kule-G%C3%BCI/9a097253fbc867617663ad5e4f892fbed83291ef>
- Lakomy, M. (2019). Recruitment and incitement to violence in the Islamic State's online propaganda: Comparative analysis of Dabiq and Rumiya. *Studies in Conflict & Terrorism, 44*, 565–580. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2019.1568008>
- Leistedt, S. J. (2016). On the radicalization process. *Journal of Forensic Sciences, 61*, 1588–1591. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.13170>
- Mahood, S., & Rane, H. (2017). Islamist narratives in ISIS recruitment propaganda. *The Journal of International Communication, 23*, 15–35. <https://doi.org/10.1080/13216597.2016.1263231>

- McCauley, C., & Moskalenko, S. (2008). Mechanisms of political radicalization: Pathways toward terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 20, 415–433.
<https://doi.org/10.1080/09546550802073367>
- Moçambique. (2023). *Lei n.º 15/2023 de 28 de agosto*. Boletim da República, I Série, n.º 166.
- Omenma, J. T., & Hendricks, C. M. (2018). Counterterrorism in Africa: An analysis of the Civilian Joint Task Force and military partnership in Nigeria. *Palgrave Communications*.
<https://doi.org/10.1057/s41284-018-0131-8>
- Schmid, A. P. (2023, March). Defining terrorism. *International Centre for Counterterrorism (ICCT)*.
https://www.icct.nl/sites/default/files/2023-03/Schmidt%20-%20Defining%20Terrorism_1.pdf
- Schuurman, B. (2020). Research on terrorism, 2007–2016: A review of data, methods, and authorship. *Terrorism and Political Violence*, 32, 1011–1026.
<https://doi.org/10.1080/09546553.2018.1439023>
- United Nations Office on Drugs and Crime. (n.d.). *United Nations Office on Drugs and Crime*. Retrieved June 11, 2024, from https://www.unodc.org/?lf_id=